



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

RAIMUNDO JOSÉ FERREIRA NETO

**O FALAR SERTANEJO NA VOZ DE PATATIVA DO ASSARÉ:
A REPRESENTAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LINGUÍSTICA E SOCIAL**

FORTALEZA

2022

RAIMUNDO JOSÉ FERREIRA NETO

O FALAR SERTANEJO NA VOZ DE PATATIVA DO ASSARÉ:
A REPRESENTAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LINGUÍSTICA E SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Linguística

Orientadora: Prof^a Dra Maria do Socorro Silva de Aragão

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F443f Ferreira Neto, Raimundo José.
O falar sertanejo na voz de Patativa do Assaré : a representação de uma identidade linguística e social /
Raimundo José Ferreira Neto. – 2022.
188 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Linguística, Fortaleza, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.
1. Sociolinguística. 2. Falar sertanejo. 3. Patativa do Assaré. I. Título.

CDD 410

RAIMUNDO JOSÉ FERREIRA NETO

O FALAR SERTANEJO NA VOZ DE PATATIVA DO ASSARÉ:
A REPRESENTAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LINGUÍSTICA E SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Linguística

Aprovada em 01/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará - UFC

Profª Dra. Maria Silvana Militão de Alencar

Universidade Federal do Ceará - UFC

Profª Dra. Aluiza Alves de Araújo

Universidade Estadual do Ceará - UECE

À minha mãe, Maria Luci,
por tudo o que tenho, por quem sou.

AGRADECIMENTOS

É comum que, ao final de um ciclo, façamos uma reflexão acompanhada de uma retrospectiva que nos permita aprender algo a partir das experiências vivenciadas. Essa ação ocorre, por exemplo, ao final do ano, quando avaliamos os meses que passaram e fazemos planos para o ano vindouro. É um sentimento similar a esse que me toma no momento em que escrevo este texto, porém, mais do que isso, é um imenso sentimento de gratidão por chegar até aqui. Por isso, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que me ajudaram a construir o sonho que ora se realiza.

Em primeiro lugar, minha eterna gratidão pertence a Deus por me levar a caminhos inimagináveis e que pareciam extremamente distantes da minha realidade. Senhor, obrigado por não me abandonar e por me dar forças que eu mesmo duvidava ter.

Em seguida, agradeço a minha mãe, Maria Luci, por me ensinar valores que me tornaram o ser humano que sou, sobretudo, por me ensinar o valor da educação, apesar de ter esse direito negado na sua vida sofrida. Mãezinha, é por você e para você.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão, por aceitar me conduzir neste processo árduo e tortuoso. Do mesmo modo, estendo minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Federal do Ceará (UFC), ao qual faço referência por meio da Prof^a Dra. Márluce Coan, que sempre foi uma inspiração como professora e como pesquisadora.

Devo minha gratidão, ainda, às professoras Dra. Maria Elias Soares, Dra. Aluiza Alves de Araújo e Dra. Maria Silvana Militão de Alencar pela participação nas minhas bancas de qualificação e defesa, bem como pelas sugestões sempre pertinentes.

Sou grato à minha colega de mestrado, Márcia Maria Fonteles Vasconcelos, por todas as partilhas e pelos momentos de insegurança e ansiedade que dividimos. Sem dúvidas, teria sido mais difícil sem você, minha amiga.

Agradeço a Prefeitura de Caucaia pela licença concedida a favor de minha formação e a todos os meus colegas de trabalho que sempre acreditaram no meu potencial.

Agradeço a FUNCAP pelo financiamento parcial de minha pesquisa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que sempre acreditaram que a educação transforma vidas e que empregam seus esforços na construção de uma sociedade mais justa.

“Imbora seja polida
Sua bonita linguagem
A mesma retrata a vida
Da nossa gente servage”

(ASSARÉ, 2012 [1988], p. 307)

RESUMO

A língua portuguesa falada no Brasil é marcada pela diversidade que também caracteriza seu povo e sua cultura. Por essa razão, apesar de sua adoção como língua oficial, a língua utilizada no país apresenta variações nos mais diversos níveis de análise, o que demonstra a pertinência do estudo sociolinguístico. Nesse cenário, a literatura popular cearense tem Patativa do Assaré como nome representativo de sua produção, identificado, dentre muitos outros fatores, pela linguagem que utiliza. Apesar de ser objeto de diversos estudos, verificamos, por meio do estado da arte, que ainda há perspectivas analíticas a serem aplicadas à produção do referido autor. Frente ao exposto, nosso objetivo geral é descrever a representação de uma identidade linguística e social a partir das variações linguísticas observadas no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Para tanto, buscamos aporte teórico na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2001, 2008 [1972]; CALVET, 2002; ARAGÃO 1999, 2013; MOLLICA, 2020; COELHO *et al* 2021), considerando como escopo analítico os níveis fonético-fonológico (ALENCAR, 1997; ROBERTO, 2016; SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019; CRISTÓFARO SILVA, 2021) e morfossintático (SCHERRE, NARO, 1998; MENDES, OUSHIRO, 2015; AZALIM *et al* 2018). Ademais, analisamos, ainda, a representação de uma identidade a partir do viés teórico adotado (HALL, 2006; KIESLING, 2013; OUSHIRO, 2019). O desenho metodológico indica tratar-se de uma pesquisa básica, descritiva e mista, uma vez que adota uma abordagem tanto quantitativa quanto qualitativa. Por sua vez, os procedimentos realizados classificam-na como pesquisa bibliográfica. A amostra é composta de 15 poemas coletados, a partir de critérios previamente definidos, nas obras *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]), *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]) e *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]). Das análises realizadas, conclui-se que ocorrem variações fonética-fonológicas de diversos tipos no falar sertanejo de Patativa do Assaré, sendo mais recorrentes aquelas que se caracterizam pela perda de segmentos fonéticos, sobretudo, a apócope. No nível morfossintático, verificamos que as variações linguísticas incidem com maior frequência sob os casos de concordância nominal, em detrimento dos casos de concordância verbal. Por fim, os resultados demonstram uma forte vinculação do autor à identidade sertaneja e social, o que comprova a utilização da respectiva variedade linguística como um recurso que visa dar voz a um povo marginalizado evidenciando, pois, suas necessidades e reivindicando melhores condições de vida para os referidos grupos.

Palavras-chave: Sociolinguística; falar sertanejo; identidade.

ABSTRACT

The Portuguese language spoken in Brazil is marked by the diversity that also characterizes its people and culture. For this reason, despite its adoption as an official language, the language used in the country presents variations at the most diverse levels of analysis, which demonstrates the relevance of the sociolinguistic study. In this scenario, popular literature from Ceará has Patativa do Assaré as a representative name of its production, identified, among many other factors, by the language it uses. Despite being the object of several studies, we verified, through the state of the art, that there are still analytical perspectives to be applied to the author's production. In view of the above, our general objective is to describe the representation of a linguistic and social identity from the linguistic variations observed in the countryside speech of Patativa do Assaré. Therefore, we seek theoretical support in variationist sociolinguistics (LABOV, 2001, 2008 [1972]; CALVET, 2002; ARAGÃO 1999, 2013; MOLLICA, 2020; COELHO et al 2021), considering the phonetic-phonological levels as an analytical scope (ALENCAR, 1997; ROBERTO, 2016; SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019; CRISTÓFARO SILVA, 2021) and morphosyntactic (SCHERRE, NARO, 1998; MENDES, OUSHIRO, 2015; AZALIM et al 2018). In addition, we also analyze the representation of an identity from the theoretical bias adopted (HALL, 2006; KIESLING, 2013; OUSHIRO, 2019). The methodological design indicates that it is a basic, descriptive and mixed research, since it adopts both a quantitative and qualitative approach. In turn, the procedures performed classify it as bibliographic research. The sample is composed of 15 poems collected, based on previously defined criteria, in the works *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]), *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]) and *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]). From the analyzes carried out, it is concluded that there are phonetic-phonological variations of different types in countryside speech from Patativa do Assaré, with those characterized by the loss of phonetic segments being more recurrent, especially the apocope. At the morphosyntactic level, we found that linguistic variations occur more frequently in cases of nominal agreement, to the detriment of cases of verbal agreement. Finally, the results demonstrate a strong link between the author and the countryside and social identity, which proves the use of the respective linguistic variety as a resource that aims to give voice to marginalized people, thus evidencing their needs and claiming better living conditions for them the said groups.

Keywords: Sociolinguistics; speak countryside; identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - A perspectiva variacionista. segundo Marcuschi (2010).....	34
Quadro 02 - Processos fonético-fonológicos por adição.....	40
Quadro 03 - Processos fonético-fonológicos por subtração.....	40
Quadro 04 - Processos fonético-fonológicos por transposição.....	42
Quadro 05 - Processos fonético-fonológicos por transformação.....	43
Quadro 06 - Universo da pesquisa.....	74
Quadro 07 - Critérios de seleção dos poemas que compõem a amostra.....	76
Quadro 08 - Poemas que compõem a amostra.....	77
Quadro 09 - Quantidade de dados do inventário fonético-fonológico.....	78
Quadro 10 - Quantidade de dados do inventário morfossintático.....	79
Quadro 11 - Categorias de análise do inventário fonético-fonológico.....	81
Quadro 12 - Ocorrências de adição de segmentos fonéticos - 01INPA.....	85
Quadro 13 - Ocorrências de subtração de segmentos fonéticos - 01INPA.....	86
Quadro 14 - Ocorrências de transposição de segmentos fonéticos - 01INPA.....	87
Quadro 15 - Ocorrências de transformação de segmentos fonéticos - 01INPA.....	87
Quadro 16 - Ocorrências de adição de segmentos fonéticos - 02CLCCPA.....	93
Quadro 17 - Ocorrências de subtração de segmentos fonéticos - 02CLCCPA.....	94
Quadro 18 - Ocorrências de transposição de segmentos fonéticos - 02CLCCPA.....	96
Quadro 19 - Ocorrências de transformação de segmentos fonéticos - 02CLCCPA.....	96
Quadro 20 - Ocorrências de adição de segmentos fonéticos - 03IFPA.....	102
Quadro 21 - Ocorrências de subtração de segmentos fonéticos - 03IFPA.....	103
Quadro 22 - Ocorrências de transposição de segmentos fonéticos - 03IFPA.....	105
Quadro 23 - Ocorrências de transformação de segmentos fonéticos - 03IFPA.....	105
Quadro 24 - Ocorrências de apócope em diferentes segmentos fonéticos.....	115
Quadro 25 - Ocorrências de apócope em diferentes classes gramaticais.....	118
Quadro 26 - Ocorrências de variações na concordância - 01INPA.....	122
Quadro 27 - Ocorrências de variações na concordância - 02CLCCPA.....	125
Quadro 28 - Ocorrências de variações na concordância - 03IFPA.....	128
Quadro 29 - Categorias de identidade encontradas.....	160

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Ocorrências por tipo de alteração na substância fonética - 01INPA.....	90
Tabela 02 - Ocorrências de processos fonético-fonológicos por subtração - 01INPA.....	91
Tabela 03 - Ocorrências por tipo de alteração na substância fonética - 02CLCCPA.....	98
Tabela 04 - Ocorrências de processos fonético-fonológicos por subtração - 02CLCCPA.....	100
Tabela 05 - Ocorrências por tipo de alteração na substância fonética - 03IFPA.....	107
Tabela 06 - Ocorrências de processos fonético-fonológicos por subtração - 03IFPA.....	109
Tabela 07 - Ocorrências por tipo de alteração na substância fonética na totalidade dos dados.....	112
Tabela 08 - Ocorrências de processos fonético-fonológicos por subtração na totalidade dos dados.....	113
Tabela 09 - Ocorrências de apócope por segmento fonético suprimido.....	117
Tabela 10 - Ocorrências de apócope por classe gramatical.....	119
Tabela 11 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 01INPA.....	123
Tabela 12 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 02CLCCPA.....	126
Tabela 13 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 03IFPA.....	129
Tabela 14 - Ocorrências de variações por tipo de concordância na totalidade dos dados.....	131

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Tipos de alteração na substância fonética - 01 INPA.....	91
Gráfico 02 - Processos fonético-fonológicos por subtração - 01INPA.....	92
Gráfico 03 - Tipos de alteração na substância fonética - 02CLCCPA.....	99
Gráfico 04 - Processos fonético-fonológicos por subtração - 02CLCCPA.....	100
Gráfico 05 - Tipos de alteração na substância fonética - 03IFPA.....	108
Gráfico 06 - Processos fonético-fonológicos por subtração - 03IFPA.....	110
Gráfico 07 - Tipos de alteração na substância fonética na totalidade dos dados.....	112
Gráfico 08 - Processos fonético-fonológicos por subtração na totalidade dos dados.....	114
Gráfico 09 - Ocorrências de apócope por segmento fonético suprimido.....	117
Gráfico 10 - Ocorrências de apócope por classe gramatical.....	120
Gráfico 11 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 01INPA.....	124
Gráfico 12 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 02CLCCPA.....	127
Gráfico 13 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 03IFPA.....	130
Gráfico 14 - Ocorrências de variações por tipo de concordância na totalidade dos dados.....	132
Gráfico 15 - Frequências de ocorrências das categorias de identidade.....	163

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
01INPA	Inspiração Nordestina
02CLCCPA	Cante lá que eu canto cá
03IFPA	Ispinho e Fulô

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A SOCIOLINGUÍSTICA: RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE	22
2.1	Um breve percurso histórico dos estudos sobre a relação entre língua e sociedade	22
2.2	A Sociolinguística Variacionista	30
2.3	A ocorrência de variações linguísticas nos níveis fonético-fonológico e morfossintático	38
2.3.1	<i>O nível fonético-fonológico</i>	38
2.3.1.1	<i>Os processos fonético-fonológicos</i>	39
2.3.2	<i>O nível morfossintático</i>	44
2.3.2.1	<i>A ocorrência de variações na expressão da concordância no português brasileiro</i>	48
2.4	Atitudes linguísticas e a noção de identidade	51
3	PATATIVA DO ASSARÉ E A IDENTIDADE SERTANEJA	58
3.1	O pássaro de Assaré	58
3.2	Assaré – o berço linguístico de Patativa	61
3.3	O falar sertanejo em Patativa do Assaré	64
4	METODOLOGIA	72
4.1	Caracterização da pesquisa	72
4.2	Universo e delimitação da amostra	73
4.3	Procedimentos de coleta	75
4.4	Procedimentos de análise	79
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	84
5.1	Inventário fonético-fonológico	84
5.1.1	<i>Inspiração nordestina</i>	84
5.1.2	<i>Cante lá que eu canto cá</i>	93
5.1.3	<i>Ispinho e fulô</i>	101
5.1.4	<i>Totalidade dos dados</i>	111
5.1.5	<i>A apócope no falar sertanejo de Patativa do Assaré</i>	115
5.2	Inventário morfossintático	121

5.2.1	<i>Inspiração nordestina</i>	121
5.2.2	<i>Cante lá que eu canto cá</i>	124
5.2.3	<i>Ispinho e fulô</i>	127
5.2.4	<i>Totalidade dos dados</i>	130
5.3	A construção de uma identidade	133
6	CONCLUSÃO	166
	REFERÊNCIAS	171
	APÊNDICE A – FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DAS OBRAS	180
	APÊNDICE B – CLASSIFICAÇÃO DOS POEMAS, CONFORME A LINGUAGEM UTILIZADA	183

1 INTRODUÇÃO

A capacidade humana de utilizar a língua como instrumento de comunicação e/ou interação é uma das características que nos tornam diferentes das demais espécies animais. Nesse sentido, tal uso permite ao sujeito estabelecer contato com seus pares, bem como, mobilizar os mais diversos recursos linguísticos disponíveis a fim de se comunicar. Desse modo, é possível afirmar que a língua oferece inúmeras possibilidades de interação aos seus falantes, entretanto, é o efetivo uso, permeado por questões extralinguísticas, que o permite não só utilizá-la, como também refletir sobre sua própria linguagem e transformá-la.

Frente ao exposto, nota-se empiricamente que o sistema linguístico oferece aos seus usuários diferentes possibilidades de interações. Logo, compreendemos que estas diferentes manifestações da língua atestam que sua natureza não é estática, mas dinâmica. Tal afirmação pode ser verificada por uma simples observação do Português falado no Brasil. Sabemos, pois, que a língua utilizada no país apresenta variações, dadas as suas dimensões territoriais, bem como a sua pluralidade cultural.

Nesse cenário, a sociolinguística variacionista encontra no Brasil um terreno fértil para o desenvolvimento de sua abordagem, tendo em vista que a língua portuguesa falada no país é reflexo de sua pluralidade cultural. Embora ainda seja privilegiada a norma-padrão, observa-se frequentemente que essa norma não corresponde à realidade linguística de boa parte do território brasileiro. Essas divergências são melhor percebidas quando se volta o olhar para a língua falada.

As diferenças entre língua falada e língua escrita são naturais e decorrentes da dinamicidade da língua. Enquanto a primeira está mais sujeita à ação do falante e conseqüentemente a variações, a segunda está associada a um determinado estágio de prestígio da língua, que foi convencionado como norma-padrão.

Desse modo, tendo em vista a diversidade cultural e linguística observada no Brasil, o país apresenta também um grau significativo de variações linguísticas, provenientes de diversas razões ou circunstâncias, sejam elas de ordem estilística, regional e/ou social.

No Brasil, conforme estipulado pelo Artigo 13º da Constituição Federal (1988), a Língua Portuguesa é adotada como oficial. Entretanto, determinados estudiosos, como Mattos e Silva (2009), problematizam acerca da utilização da expressão português brasileiro ou língua brasileira, já que há um distanciamento em diferentes níveis entre o português falado no país e o português europeu. Sabe-se que essas distinções estão relacionadas às mudanças ocorridas na língua, seja por fatores internos e/ou externos a ela. Todavia, conforme os princípios básicos da

Sociolinguística Variacionista, uma mudança pressupõe uma variação, configurando, portanto, a abordagem da variação linguística como um tema pertinente para a compreensão do português falado no Brasil.

Esta diversidade, comum ao modo de falar do brasileiro, chama a atenção deste pesquisador desde o momento em que tomou consciência, a partir da escolarização, das formas linguísticas consideradas padrões. Com uma atenção aprimorada, foi possível perceber que essas formas não correspondiam às que eram observadas em seu entorno. Instigado por essa curiosidade e fascinado pelas peculiaridades da língua, surge de forma natural o interesse pelos estudos variacionistas.

A norma-padrão da língua portuguesa foi estabelecida a partir da definição de uma norma de prestígio, tomando como base a produção literária de autores do passado, conforme assevera Bagno (2003). Sabe-se que na literatura, concebida aqui como a arte da palavra, há uma notória preocupação com a expressividade dos textos, privilegiando o uso de palavras rebuscadas e de construções gramaticais complexas, o que contribui para o distanciamento entre as manifestações da língua falada e escrita, bem como da norma-padrão em relação às demais variedades do português brasileiro.

No entanto, a literatura de cunho popular, além de refletir a cultura e os valores de uma parcela menos favorecida da população, coloca-se também como uma importante ferramenta de acesso à linguagem utilizada por essa parte da população, que, na maioria das vezes, é marcada pela desigualdade social.

Por esse viés, a literatura popular do Ceará se destaca pela produção de poemas de cordel, sendo este um gênero característico da região Nordeste do Brasil. Por seu caráter popular, regional e cultural, os poemas de cordel são construídos com uma linguagem aproximada da fala, de modo a garantir a leitura e compreensão por parte dos interlocutores imediatos desse tipo de produção, ou seja, são obras produzidas pelo povo e para o povo.

Nesse contexto, o poeta Patativa do Assaré é apontado como um dos maiores nomes da literatura popular do Ceará, especialmente identificado pela linguagem que utiliza. Ao optar por esse uso da língua, o autor aludido ignora a norma privilegiada pela escrita e valoriza a oralidade, em textos que destacam o modo de falar próprio de seu povo.

A escolha por pesquisar a produção do poeta sertanejo não se deu de forma aleatória, mas condicionada por questões diversas. A primeira delas está relacionada à possibilidade de abordar as variações linguísticas, assunto de interesse deste pesquisador, conforme mencionado outrora, fomentando o conhecimento acerca da dinamicidade da língua, sobretudo, em relação às variedades estigmatizadas.

Além disso, tomar a produção do autor como objeto de estudo é uma maneira de conhecer a história de seu povo. Ao traçar um paralelo com a história de Patativa do Assaré, percebe-se que sua biografia tem semelhanças com a história de vida de muitos dos cearenses, inclusive a mãe deste pesquisador. Nascida no sertão do Ceará, com pouco acesso à escola, tendo estudado apenas até a 4ª série do ensino fundamental e, desde muito cedo, trabalhando como agricultora, sua mãe tem uma história de vida que se assemelha à do poeta. Não obstante, sua linguagem se aproxima da falada por Patativa em muitos aspectos. Desse modo, o interesse pelo objeto de estudo justifica-se, além dos fatos supracitados, também como uma possibilidade de acesso à compreensão da própria história deste pesquisador e do ambiente linguístico em que cresceu.

A produção poética do autor supramencionado é alvo de diferentes abordagens e estudos que buscam dar conta da complexidade social refletida em seus textos. Por essa razão, encontramos estudos de diversas áreas que adotam como escopo de análise os poemas de Patativa do Assaré, como exemplo: Ciências da Religião (COBRA, 2006), História (NASCIMENTO, 2008), Música (REBOUÇAS, 2017), Comunicação e Semiótica (BRITO, 2018), Literatura (ANDRADE, 2008; ROMERO, 2011; NASCIMENTO, 2012; AGUIAR; CONTE; TETTAMANZY, 2017), Letras (PINHEIRO, 2006; BRITO, 2009; LEONARDELLI, 2009; MOURA, 2011; PONTE; FREITAS, 2013; TEIXEIRA, 2014; NOGUEIRA, 2017; SILVA; SANTOS, 2021) e Linguística (ALENCAR, 1997; MELO, 2015; BRANDÃO; MARTINS; FRAGA, 2017; SOUSA; MURAKAWA, 2019).

A multiplicidade de abordagens e áreas demonstra que a produção do cearense se constitui, portanto, como um objeto de pesquisa que pode ser submetido a diferentes teorias e metodologias. Contudo, os trabalhos apresentam também lacunas a serem preenchidas e tratamentos ainda não realizados, por isso, a importância de conhecê-los para que se possa compreender o estágio atual do conhecimento produzido, bem como fundamentar a realização de um novo trabalho.

Conforme mencionado anteriormente, a linguagem sertaneja de Patativa do Assaré é marcante e, por essa razão, é abordada de diferentes maneiras em todos os trabalhos acima elencados. Notadamente, os estudos de áreas diferentes da concentração Literatura/Letras/Linguística não ignoram os usos linguísticos do autor, que se sobressaem logo que se tem acesso a seus textos. Apesar disso, a maioria desses estudos caracteriza essa forma de usar a língua a partir da oralidade, não focalizando os aspectos da língua em variação. Diante desta constatação, convém voltarmos o olhar para os trabalhos que enfatizam os usos

linguísticos do autor, a fim de comprovar as lacunas existentes e, por conseguinte, construir um delineamento preciso, reforçando, pois, a relevância deste estudo.

Romero (2011) analisa, a partir da obra *Inspiração Nordestina*, a alternância que Patativa do Assaré faz entre a utilização da linguagem sertaneja e da linguagem normativa, evidenciando, mais uma vez, a oralidade presente em seus textos na variedade sertaneja. Todavia, verificamos que o referido estudo, não privilegia a descrição da variedade sertaneja, tampouco busca destacar a forma como a heterogeneidade da língua se manifesta nessas representações. Por sua vez, Nascimento (2012) toma como foco a liberdade expressiva de Patativa do Assaré ao utilizar a linguagem, no que a pesquisadora nomeia de linguagem verde. Entretanto, o tratamento dado à análise favorece os aspectos literários, em detrimento dos aspectos linguísticos.

A oralidade é foco do trabalho de Pinheiro (2006) que destaca que as marcas da oralidade presentes na escrita dos poemas de Patativa são formas de perpetuar estas utilizações da língua, tendo em vista a brevidade da fala. Em Leonardelli (2009), assume-se a perspectiva da obra de Patativa do Assaré como relevante para a afirmação de uma identidade daqueles que vivem no sertão. Além disso, o trabalho enseja um estudo da linguagem do autor, mas se restringe, como os anteriores, à oralidade, o que cede espaço para um estudo que se detenha à descrição, análise e compreensão de como essa oralidade se realiza fazendo uso de elementos da língua em variação.

Percebe-se que os trabalhos realizados na área de Letras, acerca da obra patativana, procuram explicitar as diversas perspectivas a partir das quais sua produção poética pode ser observada e analisada. A pluralidade de trabalhos demonstra a complexidade do objeto investigado, porém, as diferentes perspectivas convergem à medida que enfatizam a linguagem do autor, especialmente quando produz na variedade sertaneja. Alguns trabalhos da área de Linguística buscam aprofundar-se nessa faceta do poeta, por essa razão, conhecer esses trabalhos é fundamental para a definição de um objeto de pesquisa viável e que lance novas interpretações sobre a riqueza linguística, social, histórica e cultural por trás da linguagem sertaneja.

Alencar (1997) realiza um trabalho exploratório e descritivo sobre o regionalismo de Patativa do Assaré, tomando a dialetologia como teoria de base. A análise se dá a partir dos aspectos fonético-fonológicos e lexicais, sendo este segundo privilegiado, tendo em vista que a autora se propõe a construir um glossário da linguagem regional de Patativa do Assaré. Apesar da menção aos processos fonético-fonológicos e a ilustração com exemplos retirados dos

poemas do autor, observamos a necessidade de um tratamento quantitativo, de modo a verificar quais processos fonético-fonológicos são mais recorrentes.

A abordagem sociolinguística e conseqüentemente das variações linguísticas pode ser observada no trabalho de Sousa e Murakawa (2019). Desse modo, os autores identificam alguns exemplos de variações linguísticas nos diferentes níveis de análise linguística e problematizam se essas variações correspondem a uma escolha social, uma voz coletiva, ou uma escolha de estilo, uma voz autoral. Porém, o estudo realizado não se aprofunda na discussão, abrindo espaço para maiores investigações nesse sentido.

Sabe-se que a linguagem é um elemento cultural e identitário, marcada pela vida em sociedade e moldada a partir de diferentes elementos sociais, históricos e culturais. Ao empreender essa reflexão percebe-se a existência de muitos aspectos da linguagem de Patativa do Assaré que ainda não foram explorados e os trabalhos suprarreferidos justificam isso.

Ao tomar conhecimento dos diferentes estudos realizados ao longo do tempo, percebemos que muito já foi feito acerca da produção de Patativa do Assaré, entretanto, esse muito não corresponde ao todo, mas apenas a uma parcela. A maioria dos estudos associa a linguagem sertaneja do autor somente a uma reprodução da fala - a oralidade -, todavia, não descrevem, nem analisam as constantes variações linguísticas, tampouco buscam identificar quais tipos de variações são mais recorrentes e quais fatores sociais permeiam a vida de Patativa do Assaré, impactando no seu modo de utilizar a língua.

Para além dos fatores mencionados, este estudo é motivado por uma questão social, uma vez que se debruça sobre os diferentes usos da Língua Portuguesa falada no Brasil, reconhecendo sua diversidade como reflexo da pluralidade cultural e étnica do país. Nesse ensejo, entende-se que a pesquisa realizada promove discussões necessárias para que a sociedade, de modo geral, compreenda a dinamicidade da língua, em especial o valor funcional e cultural das variedades estigmatizadas, contribuindo dessa forma para a divulgação do conhecimento científico em Linguística e para a atenuação do preconceito linguístico.

Diante das lacunas existentes, confirmadas pelo estado da arte, nos deparamos com a seguinte questão de pesquisa: De que modo o falar sertanejo utilizado em textos de Patativa do Assaré contribui para a representação de uma identidade linguística e social? Para esta questão, nossa hipótese é a de que o falar sertanejo utilizado por Patativa do Assaré contribui para a representação de uma identidade ao fazer uso de formas linguísticas que, tanto no plano da expressão - por meio dos recursos linguísticos utilizados -, quanto no plano do conteúdo - por meio dos sentidos veiculados nos textos - evidenciam marcas sociais, colaborando para a construção de sua identidade, que é, ao mesmo tempo, linguística e social, individual e coletiva.

O referido problema de pesquisa é desencadeado pelas seguintes questões: considerando o nível fonético-fonológico, que tipo de alteração fonética-fonológica e processo fonético-fonológico serão mais recorrentes nos textos de Patativa do Assaré que privilegiam o falar sertanejo? Tendo como foco o nível morfossintático, especificamente no que diz respeito à variável concordância, qual tipo de variação será mais recorrente nos textos de Patativa do Assaré escritos a partir do falar sertanejo? Quanto ao plano do conteúdo, que identidade emerge em textos em que Patativa do Assaré assume o falar sertanejo?

Mediante, pois, da necessidade do estabelecimento de hipóteses, nossas respostas provisórias à essas questões são: considerando o nível fonético-fonológico será mais recorrente a alteração fonética-fonológica caracterizada pela perda de segmentos fonéticos, dentre estes, a apócope será mais recorrente no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Quanto ao nível morfossintático, especificamente à variável concordância, serão mais recorrentes os casos de variação em relação à concordância nominal, sobretudo, caracterizados pela não-marcação de plural em todos os elementos do sintagma nominal. Por fim, no plano do conteúdo, os sentidos veiculados pelos textos de Patativa do Assaré que destacam o falar sertanejo permitem flagrar sua associação a identidades relacionadas ao povo do sertão, caracterizados pelas marcas da desigualdade social.

Destacamos a relevância do estabelecimento de hipóteses como processo condutor de uma pesquisa, uma vez que os desdobramentos do estudo realizado poderão favorecer a confirmação das respostas prévias ou a sua refutação. Nesse sentido, salientamos os objetivos que nortearão o desenvolvimento deste trabalho. Tomamos como objetivo geral: descrever a representação de uma identidade linguística e social a partir das variações linguísticas observadas no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Para alcançarmos o objetivo geral proposto, elencamos três objetivos específicos, a saber: investigar, no nível fonético-fonológico, o tipo de alteração e processo fonético-fonológico mais recorrentes no falar sertanejo de Patativa do Assaré; identificar, no nível morfossintático, em relação à variável concordância, o tipo de concordância mais sujeita à variações no falar sertanejo de Patativa do Assaré; analisar, no plano do conteúdo, a caracterização de uma identidade linguística e social a partir do falar sertanejo de Patativa do Assaré.

Tendo em vista os objetivos que guiam a investigação que ora é apresentada, assumimos como teoria de base a Sociolinguística Variacionista, que busca compreender as relações entre língua e sociedade, sendo a primeira um reflexo da heterogeneidade social e, portanto, condicionada por fatores externos a ela. Além dos pressupostos teóricos, este estudo também está assentado em pressupostos metodológicos, conforme os parâmetros científicos em

vigência. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa básica, descritiva e que, quanto à abordagem, é caracterizada como mista, uma vez que articula tanto aspectos qualitativos, quanto quantitativos.

Diante do exposto, organizamos esta sumarização da pesquisa empreendida do seguinte modo: nesta introdução, correspondente ao primeiro capítulo, apresentamos e delimitamos o tema investigado, ressaltamos a relevância de sua realização considerando aspectos de ordem pessoal, científica e social, apontamos as questões, hipóteses e objetivos que nortearam a pesquisa realizada e, finalmente, situamos os aspectos teórico-metodológicos que envolvem sua execução.

No segundo capítulo, colocamos em tela os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, evidenciando a concepção de língua assumida, suas relações e utilização na sociedade, os aspectos que caracterizam as variações linguísticas, os comportamentos e atitudes linguísticas do falante e a relação entre língua e identidade.

Dando sequência à exposição teórica, no terceiro capítulo, recorreremos a autores diversos de modo a apresentar Patativa do Assaré, tendo em vista sua importância para o estudo realizado. Salientamos, portanto, aspectos biográficos do autor, aspectos sociais de sua comunidade de fala e a sua produção poética a partir de seu próprio olhar e, ainda, pela perspectiva de diferentes estudiosos.

O quarto capítulo tem como finalidade apresentar os aspectos metodológicos que fundamentaram a realização do estudo. Portanto, indicamos a caracterização da pesquisa, a composição do *corpus*, identificando o universo e especificando a amostra, e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

O quinto capítulo tem como proposta o escrutínio dos dados, pautando a discussão em evidências de cunho quantitativo e qualitativo. Nesse sentido, apresentamos nossas constatações, em alinhamento com os objetivos propostos, a partir das informações que emergiram da análise dos dados.

À guisa de conclusão, o sexto capítulo desta dissertação, apresenta uma síntese do estudo realizado, promove uma comparação entre as hipóteses elencadas e os resultados evidenciados, discorre sobre as conclusões a partir dos dados e aponta para possibilidades de desdobramentos do estudo realizado, de modo a fomentar a realização de novas pesquisas que deem conta de investigar aspectos da linguagem sertaneja de Patativa do Assaré ainda não explorados.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA: RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística que tem como propósito investigar as relações entre língua e sociedade, considerando os diversos aspectos dessa complexa relação. Tendo em vista o reconhecimento da heterogeneidade da língua, bem como as motivações sociais que influenciam em seus usos, esta teoria é de extrema relevância para as análises que nos propomos a fazer acerca da linguagem sertaneja de Patativa do Assaré.

Por esta razão, neste capítulo, pretendemos explicitar os principais pressupostos teóricos da Sociolinguística. Para tanto, iniciamos com um breve percurso histórico dos estudos que consideram as relações entre língua e sociedade, apresentando o conceito de Sociolinguística e a concepção de língua adotada. Em seguida, vinculamos nosso estudo a uma corrente específica: a Sociolinguística Variacionista. Por isso, indicamos os conceitos operacionais desta interface que nos são relevantes, bem como os diferentes tipos de variações linguísticas e sua interrelação com as categorias sociais. Adiante, nos detemos à apreciação de conceitos basilares de fonética-fonologia e morfossintaxe e salientamos a ocorrência de variações linguísticas nesses níveis de análise.

Em vias de conclusão, indicamos os pressupostos desta teoria em relação às atitudes e comportamentos do falante, tais como: a avaliação social das variantes, a hipercorreção e o preconceito linguístico e o modo como estas colaboram para a construção e/ou representação de uma identidade.

2.1 Um breve percurso histórico dos estudos sobre a relação entre língua e sociedade

A linguagem humana é multifacetada e, precisamente por essa natureza, permite a realização de estudos diversos que, a partir de diferentes perspectivas, visam explicar de forma parcial a sua complexidade.

O percurso histórico da Linguística comprova a existência dessas diferentes concepções acerca do fenômeno linguístico. Entretanto, credita-se ao mestre genebrino Ferdinand de Saussure (2012 [1916]) a responsabilidade por organizar a Linguística enquanto ciência que se dedica ao estudo da língua. Estruturalista, Saussure (2012 [1916]) concebia que “a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”, sendo vista como um sistema embasado pelas relações de identidades e diferenças entre os elementos que o compõem. A seu favor, o estudioso tem o fato de dar início de forma metodologicamente organizada à ciência linguística, apesar da existência de outros estudos e

métodos anteriormente empregados, entre os quais se destacam os filósofos gregos, os neogramáticos, dentre muitos outros que se dedicaram a problematizar acerca dos variados aspectos que envolvem a linguagem. Lopes (1997) enfatiza que uma das principais contribuições de Saussure foi a adoção de uma ciência na qual o objeto não é construído de forma antecipada, mas se constrói através do ponto de vista. É nessa perspectiva então que o linguista organiza sua abordagem em dicotomias.

Ao contrário do que parecem, as dicotomias não correspondem a termos opostos, mas a abordagens diferentes que compõem o fenômeno linguístico em sua totalidade. Por uma questão metodológica, Saussure dicotomiza as relações entre língua (*langue*) e fala (*parole*), priorizando a primeira como seu objeto de estudo, tendo em vista sua aparente estabilidade, uma vez que a fala é mais dinâmica e alvo de interferências diretas do falante. Coadunando com esse propósito, o teórico opta por um tratamento sincrônico, detendo-se sobre determinado estágio da língua.

É relevante, portanto, indagar porque deveria haver a necessidade de uma nova abordagem da linguística com uma base social mais ampla. Parece bastante natural que o dado básico para qualquer forma de linguística geral seja a língua tal como usada por falantes nativos comunicando-se uns com os outros na vida diária. (LABOV, 2008 [1972], p. 216-217)

A necessidade de Labov em explicar o contexto em que os estudos linguísticos vinham sendo desenvolvidos se deve ao fato de as escolhas de Saussure terem sido, por um longo período de tempo, privilegiadas nos estudos linguísticos que, nos anos que se seguiram, priorizaram o estudo da língua em uma abordagem sincrônica, considerando apenas questões internas, relacionadas ao seu funcionamento enquanto sistema ideal. Todavia, a língua não ocorre de forma isolada, mas associada a um contexto social que constantemente a reestrutura, configurando um sistema em movimento, conforme proposto por Coseriu (1958).

Nesse cenário de priorização da língua como sistema estático, os estudos voltados para a relação entre língua e sociedade ocuparam espaço no viés adotado por alguns teóricos do estruturalismo norte-americano. Como se sabe, para aquela corrente formalista havia um interesse em descrever as línguas ameríndias, portanto, era necessário considerar também questões de ordem social e cultural. Sapir (1954), sob influência de Humboldt compreendia a língua como *energeia* e não *ergon*, ou seja, a língua não é um produto inalterável, mas uma atividade e, como tal, está sujeita à ação do homem sob suas formas e funções. Somado ao exposto, Sapir (1954) postulava, ainda, que a língua é um elemento cultural socialmente

herdado e que não só faz parte da prática do homem, como também traduz sua relação com o mundo.

Todavia, foi somente na década de 1960, a partir dos estudos de William Labov, que as relações entre língua e sociedade foram melhor evidenciadas e fundaram as bases teóricas para a corrente de estudos linguísticos conhecida atualmente como Sociolinguística Variacionista.

Em seu célebre estudo realizado nas lojas de departamento da cidade de Nova York, o pesquisador buscou observar as diferenças nos usos linguísticos do /r/ de empregados de diferentes lojas, considerando a localização dos empreendimentos, bem como o público atendido nesses espaços. Apesar da carência de uma metodologia mais refinada, reconhecida inclusive pelo próprio autor, a coleta realizada permitiu observar as diferentes formas de utilizar aspectos de uma mesma língua e conseqüentemente a estratificação desses usos considerando seus falantes que, como seres sociais, são influenciados por questões diversas. Essa diversidade é apontada pelo referido linguista quando organiza os resultados encontrados considerando diferentes fatores, tais como: raça, idade e escolaridade.

O direcionamento e o esforço empregados por Labov foram determinantes para o estabelecimento da Sociolinguística Variacionista. Desde então, houve uma preocupação teórica de compreender as relações entre a língua e a sociedade, a primeira como passível de variações e a segunda como determinante para essas variações. Entretanto, a definição de Sociolinguística, por vezes, mostra-se problemática, bem como a sua realização, uma vez que embora goze de uma teoria linguística, *a priori*, não há uma teoria sociológica que corrobora com essa interdisciplinaridade.

A (sócio)linguística é, portanto, uma ciência em devir, mas ela representa o futuro da linguística, de uma linguística que leve em conta toda a complexidade social na qual os falantes utilizam suas línguas. (CALVET, 2002, p. 148)

Depreende-se que os estudos sociolinguísticos são essencialmente linguísticos e buscam compreender a língua como um fenômeno complexo que ocorre dentro de um contexto social igualmente complexo que a todo instante condiciona os seus usos.

Nesse rumo, a Sociolinguística reconhece a pluralidade inerente à língua em funcionamento, considerando as variações linguísticas como um estágio que antecede as mudanças linguísticas. Não é necessário muito esforço para perceber que a língua portuguesa que é falada hoje não é exatamente a mesma que era falada há alguns anos. Porém, para que a

evolução da língua ocorra é necessário um momento de coexistência entre duas formas linguísticas que desempenham a mesma função.

É comum a associação do termo evolução a um estágio mais avançado de algo, ou seja, a uma versão melhor que uma anterior. Todavia, no âmbito da Linguística, este vocábulo está mais associado à percepção de uma mudança linguística, não sendo necessariamente atribuído a esta juízo de valor que a considerem um estágio superior ao seu antecessor.

É nessa perspectiva que Labov (2001) busca compreender os princípios que regem a evolução da língua, doravante chamada mudança linguística. Desse modo, o linguista elenca os seguintes princípios:

- a) A língua é um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado;
- b) A competência linguística do falante comporta a heterogeneidade da língua;
- c) Não existe falante de estilo único;
- d) As formas da língua veiculam, além de significados referenciais/representacionais, significados sociais;
- e) A generalização da mudança não é uniforme nem instantânea;
- f) Fatores linguísticos e sociais encontram-se intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística;
- g) Na língua, nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação;
- h) Os fatores que produziram mudança na fala anos atrás não são essencialmente diferentes daqueles que estão operando hoje.

A análise dos princípios suprarreferidos permite compreender uma concepção de língua diferente da proposta pelo estruturalismo. Nessa visão, parte-se do princípio de que a língua é heterogênea e se apresenta de formas diversas, porém, não se desconfigura ao ponto de tornar-se estranha ao falante, o que faz com que este não perceba de forma precisa os processos de mudança linguística, mesmo que esteja sofrendo os seus efeitos.

Ao realizar um escrutínio do primeiro princípio - a língua é um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado - de Labov (2001), compreende-se que a heterogeneidade da língua corresponde justamente à suas formas variáveis, enquanto que sua caracterização como ordenada permite a manutenção de características basilares que não a modificam radicalmente.

Por sua vez, o quarto princípio de Labov acrescenta a noção de significado social às formas linguísticas, dando a entender que os aspectos sociais também estão envolvidos no uso da língua, uma vez que o falante faz avaliações da língua que utiliza e que frequentemente são pautadas em critérios sociais, contribuindo com a noção de prestígio/desvalorização de determinada variante.

No cenário contemporâneo, é possível afirmar que a Sociolinguística é caracterizada a partir de três diferentes tendências, definidas por Eckert (2005, 2012) como ondas. Para a autora, não há uma organização cronológica dessas ondas, nem uma espécie de continuidade entre elas, uma vez que ocorrem de modo simultâneo, mas adotam diferentes conceitos e tratamentos analíticos.

A primeira onda foi instaurada com o estudo de Labov (2008 [1972]) e tem como importante conceito norteador a ideia de comunidade de fala. Para o norte-americano, a comunidade de fala corresponde à “participação num conjunto de normas compartilhadas”. A respeito desse momento inicial da Sociolinguística, convém destacar sua estreita relação com os aspectos quantitativos que, inclusive, a levam a ser chamada de Sociolinguística quantitativa.

Para a Sociolinguística quantitativa e/ou variacionista, os fatos sociais interferem nos fatos linguísticos. Nessa perspectiva, estuda-se a relação intrínseca entre as diferentes células sociais e a manifestação de variáveis na língua. Como representativo desse primeiro momento da Sociolinguística, o estudo realizado por Labov (2008 [1972]) nas lojas de departamento em Nova York, já referido anteriormente, permite compreender de modo mais específico seus procedimentos de análise.

Conforme relatado pelo próprio autor na obra *Padrões Sociolinguísticos* (2008 [1972]), o estudo acima mencionado foi realizado em novembro de 1962 e objetivava investigar a variável linguística /r/ como um diferenciador social e constatar que eventos de fala não estruturados poderiam ser utilizados para um estudo sistemático da língua. Para tanto, foi escolhido o grupo ocupacional dos vendedores de lojas de departamento, que foram selecionados a partir de uma hierarquia que considerava duas variáveis: o preço e a moda. Correlacionando os aspectos sociais aos fatores linguísticos, Labov esperava identificar diferentes frequências dos usos de /r/.

O método empregado por Labov consistia numa abordagem dos vendedores com uma pergunta que os induzisse a utilizar a expressão “*Fourth floor*” (quarto andar). No estudo, foram consideradas variáveis independentes (a loja, o andar da loja, sexo, idade, cargo, raça, sotaque estrangeiro ou regional) e variáveis dependentes (o uso do r em quatro ocorrências). Como resultado, observou-se que há uma “nítida e coerente estratificação de /r/ nas três lojas”

(LABOV, 2008 [1972]). Pelo exposto, considera-se que a pesquisa realizada por Labov pertence à primeira onda da Sociolinguística por privilegiar a correlação entre fatos linguísticos e sociais, com foco no aspecto interno da língua (o uso do /r/) e ainda por predominar a abordagem e tratamento quantitativo dos dados em escopo.

Numa perspectiva mais recente e atrelada ao Português falado no Brasil, de modo mais específico, na capital do Ceará, a pesquisa “As formas de tratamento nominais *rapaz* e *cara* no falar de Fortaleza-CE: *um estudo variacionista*” (ARAÚJO; GUIMARÃES; PEREIRA, 2017) explora os parâmetros analíticos apontados pela primeira tendência da Sociolinguística, também conhecida como Sociolinguística laboviana. Partindo da hipótese de que a forma *rapaz* seria a mais utilizada, considerou-se também a relação das formas linguísticas com aspectos sociais, tais como: a faixa etária, o sexo e a escolaridade

Tomando como base os dados coletados no âmbito do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), o trabalho analisou 130 dados, correlacionando os usos linguísticos das formas de tratamento nominais aos seus aspectos sociais, conforme previsto nos procedimentos analíticos da teoria que fundamenta o estudo. Dos dados analisados, confirmou-se a hipótese de que a forma *rapaz* é a mais usada e verificou-se ainda que, quanto aos fatores extralinguísticos, a escolaridade, o sexo e a faixa etária, respectivamente, colaboram para a utilização dessas formas. Diante do exposto, salienta-se a associação deste estudo às possibilidades analíticas da primeira onda da Sociolinguística por correlacionar de forma precisa fatores linguísticos e extralinguísticos, considerando os aspectos quantitativos como motivador para as análises. Essa afirmação se confirma ainda pela constante referência a conceitos e termos comuns a essa tendência, como o conceito de comunidade de fala, por exemplo.

Centrada na concepção de redes sociais de interação ou *social networks*, a segunda onda tem os estudos de Milroy (1980) como representativos. No Brasil, Stella Maris Bortoni Ricardo é uma das linguistas que trabalha com a noção de redes sociais. No viés adotado, considera-se o falante na sua complexa rede de interações sociais, levando em conta os diferentes falantes com os quais ele interage.

As redes de relações são caracterizadas por duas propriedades específicas: multiplexidade e densidade. A primeira diz respeito ao conteúdo da rede, tendo em vista os diferentes seres sociais que compõem essa rede de relações. Já a segunda, considera a estrutura da rede, que pode ser mais ou menos densa. Os aspectos quantitativos também são privilegiados nessa tendência, mas a esses soma-se a abordagem etnográfica. Por sua vez, o tratamento

analítico se pauta na identificação de conexões e pontos, de modo a caracterizar os parâmetros que estruturam as relações.

Atestando o que foi apontado por Eckert (2005, 2012) acerca das ocorrências das diferentes tendências de forma simultânea, William Labov desenvolveu um estudo que pode ser considerado de segunda onda. Na ocasião, o linguista se propôs a estudar o inglês afro-americano. Para dar espaço a outros autores e diferentes estudos, optou-se por não relatar essa pesquisa de Labov, mas é feita menção a ela como comprovação das diferentes possibilidades de estudos sociolinguísticos, mesmo na ação de um autor que, frequentemente, é associado à primeira onda.

Para ilustrar a perspectiva analítica inerente a segunda tendência da abordagem sociolinguística recorreremos ao trabalho “O perfil dos falantes pelo viés de suas redes de interação e a relação com a mudança linguística” (OLIVEIRA, 2018). No estudo, são selecionados adolescentes que vivem em um distrito da zona rural de Londrina, Paraná. Em detrimento das categorias mais tradicionais, predominantes na primeira onda, o estudo busca evidenciar a rede de relações desses adolescentes e a influência destas relações nos seus usos linguísticos, explicitando, assim, os motivos pelos quais essa pesquisa está situada no viés proposto pela segunda onda da Sociolinguística.

Como parte dos procedimentos metodológicos, utilizou-se o software *Egonet* para mapear as redes de contatos dos sujeitos da pesquisa de modo a traçar suas referências linguísticas individuais. Com uma discussão que toma como extremos as noções de urbano/rural, conclui-se que os jovens que compõem o grupo investigado não se classificam em nenhuma das categorias que configuram os polos dessa escala, uma vez que em seus mapas individuais apresentam tanto traços do falar rural, quanto do falar urbano. Diante dessa constatação, a pesquisadora os classifica como *rurbanos*. À guisa de conclusão, a autora aponta que o método empregado e o estabelecimento das redes sociais não foram suficientes para apresentar respostas precisas, mas colaborou para tencionar discussões acerca do assunto em pauta, bem como encaminhar outras possibilidades de aprofundamento sobre o tema.

Por fim, a terceira onda está alinhada à perspectiva defendida por Eckert (2005, 2012) que centraliza o estilo como um importante recurso que interfere na atuação do falante, assim como nos diferentes usos que ele faz da língua, conforme os papéis que assume e as relações que estabelece.

A definição de comunidades de prática é primordial para compreender os procedimentos analíticos desta abordagem. Nesse escopo, tem-se como comunidade de prática a associação entre indivíduos que têm uma prática comum, sendo, portanto, uma

correspondência mútua com determinada prática social. Para além dos aspectos quantitativos, na terceira onda a análise qualitativa ganha espaço, de modo a conduzir as investigações realizadas visando a identificação dos diferentes estilos assumidos pelo falante na construção de sua *persona*. Corroborando com essa percepção, Bagno (2017) pontua que as comunidades de prática “são compatíveis com a noção de identidade não como um atributo social, mas como um conjunto de práticas contextualizadas”.

Matos Lisboa (2015) em seu trabalho, intitulado “Doutor e outras formas de tratamento direcionadas aos profissionais jurídicos: análise de uma comunidade de prática à luz da terceira onda da sociolinguística”, busca evidenciar formas de tratamento que são utilizadas em referências a profissionais que trabalham no âmbito judicial. Para tanto, adotando um viés etnográfico, a pesquisadora, durante dois meses, observou diferentes situações ocorridas na Defensoria Pública de Niterói - RJ. Como recurso para tratamento dos dados, a linguista recorreu ao software GoldVarb X. Utilizou-se ainda testes de autoavaliação, que foram aplicados aos profissionais que atuam no setor.

Dos dados, concluiu-se que a forma doutor é predominantemente utilizada em maiores graus de hierarquia. Verificou-se ainda uma variabilidade de formas dentre aqueles que frequentam a comunidade de prática investigada. Em virtude do exposto, percebe-se um claro alinhamento da pesquisa apresentada às ideias propagadas pela terceira onda da Sociolinguística, uma vez que toma o conceito de comunidade de prática como norteador e faz uso de aspectos quantitativos articulados com dados de natureza qualitativa e etnográfica.

Conforme relatado por Freitag, Martins e Tavares (2012), o trabalho de Moore (2010) alinha-se aos procedimentos analíticos provenientes da terceira onda da Sociolinguística. Valendo-se de uma comunidade de prática de Bolton, na Inglaterra, a autora pesquisou a variação entre as formas *were/was*. Para dar conta dos objetivos propostos, Moore (2010) observou a realidade de uma escola durante dois anos, bem como coletou 39 gravações de falas de meninas.

Da pesquisa etnográfica realizada e dos dados coletados, foi possível classificar as adolescentes em 4 comunidades de práticas: as populares, as “*townies*”, as “*geeks*” e as “*Eden Village*”. A pesquisadora observou a frequência de usos de *was/weres* tendo como escopo as diferentes comunidades de prática e chegou a resultados semelhantes aos já apresentados por outras pesquisas de viés sociolinguístico.

Compreende-se que a pesquisa de Moore (2010) pertence à terceira onda da Sociolinguística por sua extrema associação às características e estilos que definem as diferentes comunidades de prática pontuadas pela autora. Nesse viés, percebe-se um

distanciamento da ideia de comunidade de fala, postulada pela primeira onda, bem como uma percepção diferente da de redes sociais, vinculada à segunda onda. Não obstante, observa-se também a utilização de dados quantitativos associados à pesquisa etnográfica, o que amplia e corrobora com uma abordagem qualitativa do estudo realizado.

Em suma, entende-se que as três ondas da Sociolinguística convergem à medida que concebem a variação e a mudança linguística como fenômenos comuns à língua, em virtude de sua natureza dinâmica. Em contrapartida, se distanciam por entenderem de modos distintos a maneira como as diferentes interações sociais e os fatores extralinguísticos vinculam-se a essas variações.

Conclui-se, portanto, que as três vertentes aqui apresentadas não se excluem, mas apontam para diferentes possibilidades analíticas e metodológicas. Possibilidades essas que concordam com o complexo fenômeno que é a língua em suas relações com o falante e com o modo como se configura em seus distintos usos sociais.

2.2 A Sociolinguística Variacionista

A exposição realizada na seção anterior permitiu compreender as bases históricas dos estudos que tomam como objeto a relação entre língua e sociedade. Foi possível constatar ainda o estabelecimento de diferentes perspectivas analíticas da Sociolinguística.

No cenário atual, diversas são as interfaces da Sociolinguística com outras áreas da própria Linguística e de fora dela. A título de ilustração citamos o Sociofuncionalismo, que promove uma aproximação entre Sociolinguística e Funcionalismo e a Sociolinguística Educacional, que estabelece uma relação entre a Sociolinguística e a Educação. Além destas, diversas outras são as possibilidades de articulação da Sociolinguística com outras teorias. Entretanto, diante da necessidade de promover um recorte adequado aos propósitos deste estudo, elegemos a Sociolinguística Variacionista como a mais apropriada para nossas análises. Desse modo, atrelamos nosso trabalho, na perspectiva de Eckert (2005, 2012), à primeira onda da Sociolinguística.

De acordo com Coelho *et al* (2021), “os pontos fundamentais nessa abordagem são a presença de um componente social na análise linguística e a noção de língua como sistema heterogêneo”. Ou seja, a Sociolinguística acrescenta à análise linguística o componente social, fator este que corrobora para a compreensão de língua como um sistema heterogêneo, perspectiva analítica que se opõe ao proposto pelo estruturalismo, sobretudo, a proposta de abordagem de Saussure (2012 [1916]).

Mollica (2020) enfatiza o espaço fronteiro ocupado pela Sociolinguística, entre os aspectos linguísticos e sociais. Nesse viés, a autora observa que a Sociolinguística trabalha “focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo”. Tal afirmação coaduna com o referido anteriormente sobre a perspectiva interdisciplinar assumida pela Sociolinguística. Observamos, pois, que a heterogeneidade linguística é um ponto central da teoria, bem como a correlação dos usos linguísticos aos fatores extralinguísticos.

Nesse ínterim, a Sociolinguística adota uma perspectiva sincrônica quando se detém a um momento de variação, buscando associá-lo a diferentes fatores, bem como compreender o que determina a transformação de uma variação em mudança, ou não.

Tendo como foco as variações linguísticas, que representam um conceito-chave neste trabalho, se faz importante compreender de modo mais acentuado como elas se caracterizam. Conforme exposto anteriormente, tomando como referência a língua em efetivo uso, percebe-se que as variações linguísticas correspondem à (co)ocorrência de formas linguísticas diferentes que possuem basicamente uma mesma função. Desse modo, pode-se dizer que essas diferentes formas se configuram como variantes de um mesmo fenômeno linguístico. Esta observação encaminha para outro aspecto importante que deve ser observado: as variações linguísticas são condicionadas tanto por questões internas, quanto por questões externas à língua.

O uso de uma ou outra variante, pelo falante, é influenciado por fatores linguísticos, internos à língua, como por exemplo o *contexto fonológico* ou o *tamanho da palavra*, e/ou extralinguísticos, externos à língua, como, por exemplo, a *faixa etária* ou a *escolaridade*. Tais fatores compõem as *variáveis independentes* de uma variável linguística (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA. 2020, p. 223, grifo das autoras)

No que diz respeito ao primeiro aspecto, é válido observar que uma variação ocorre internamente, reorganizando e/ou reestruturando uma forma linguística. Entretanto, essa forma linguística não se desconfigura ao ponto de tornar-se estranha ao sistema. Assim, obtém-se um princípio fundamental para a Sociolinguística Variacionista: as variações ocorrem até certo ponto, tendo em vista as possibilidades apresentadas pelo próprio sistema, bem como pelas regras compartilhadas pela comunidade de fala que, conforme salienta Labov (2008 [1972]), “não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas.” Brandão e Callou (2019) acrescentam que “a variação das línguas resulta, principalmente, da flexibilidade inerente ao próprio código linguístico e da multiplicidade de usuários que dele se servem”.

Não obstante, as variações linguísticas podem se manifestar em todos os níveis de análise da língua. Em consonância com os objetivos postulados pela pesquisa que se apresenta, a análise dedicar-se-á aos níveis fonético/fonológico e morfossintático, que evidenciaremos na seção seguinte.

Quanto aos fatores externos, não se pode afirmar que as variações linguísticas ocorrem de maneira aleatória, mas em interação com fatores extralinguísticos que, dentro dos limites do sistema, condicionam sua readequação. Desse modo, aspectos que envolvem o contexto social do falante podem influenciar diretamente nos seus usos linguísticos, corroborando com a necessidade de reestruturar o sistema. Assim, fatores como o gênero, a idade, a classe social, a etnia, a escolaridade, entre outros, são preponderantes para a ocorrência de variações linguísticas.

Conforme exposto, as variações linguísticas são resultado de diversos fatores, internos e externos, que colaboram para suas ocorrências. Diante desta proposição, percebe-se que esses fenômenos de uso da língua podem se manifestar a partir de diferentes situações e sob a influência de aspectos diversos que os caracterizam.

Consoante à observação de que as variações linguísticas são motivadas por fatores internos e externos à língua, é natural que elas ocorram de forma produtiva. Pode-se então dizer que as variações linguísticas têm caráter multifatorial e, por essa razão, é possível concebê-las a partir de diferentes pontos de observação.

Ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados. (ARAGÃO, 2013, p. 98)

Lançado esse olhar, entende-se que a associação entre fatores linguísticos e não linguísticos é decisiva para a compreensão das variações que ocorrem em uma língua. Entretanto, diferentes fatores propiciam diferentes tipos de variações linguísticas.

Um dos primeiros aspectos observados em relação às diferentes formas de uso da língua já havia sido identificado há algum tempo a partir dos trabalhos da Dialetoлогия. Essa área da linguística tem como proposta compreender os usos linguísticos de diferentes pontos geográficos. A esses usos dá-se o nome de dialeto, o que originou o nome da própria área.

Para a Dialetoлогия, falantes de diferentes regiões tendem a fazer usos diferentes da língua. Na Sociolinguística essas variações são reconhecidas e classificadas como variações linguísticas diatópicas. No Brasil, essas variações são evidenciadas ao se comparar a fala de habitantes das regiões Nordeste e Sudeste, por exemplo. No âmbito do léxico, essas variações

são ainda mais palpáveis. Calvet (2002) exemplifica esse tipo de variação quando aponta que “um réptil comum em todo o Brasil é chamado de ‘osga’ na região Norte, ‘bribo’ ou ‘víbora’ no Nordeste, e ‘lagartixa’ no Centro Sul”.¹

Além desta, existe ainda a variação linguística diacrônica. Neste caso, a passagem do tempo é o fator determinante para a observação da variação. Entretanto, o tempo não atua sozinho em favor da variação, mas em interação com outros fatores. Apesar disso, é ele que permite marcar e observar essas variações, o que faz com que elas pertençam a essa categoria.

Em termos de exemplificação, convém observar a forma “você” que é amplamente utilizada nos dias atuais em substituição ao pronome pessoal de 2ª pessoa do singular (tu). Conforme Peres (2007), a forma “vossa mercê” era utilizada com status de nobreza nos séculos XIV e XV e, ao longo do tempo, foi perdendo essa função bem como sua substância fonética, passando ao atual você, como se conhece. No mundo globalizado e capitalista que potencializa a urgência da comunicação é comum encontrar ainda a forma “vc” em contextos de comunicação informal e digital.

A evolução do pronome indicado demonstra os fatores sociais envolvidos na utilização do termo (status social > nobreza > popularização), bem como as modificações internas, notadamente nos aspectos fonéticos (vossa mercê > você > vc). Dessa forma, o exemplo apresentado mostra-se apropriado, uma vez que emerge da interação entre diferentes fatores, todavia, o tempo é o fator que permite a percepção dessa evolução, o que faz dela uma variação linguística diacrônica.

Em seu convívio social, o falante depara-se com diferentes contextos situacionais, diferentes interlocutores, diferentes objetivos de comunicação, etc. Essa pluralidade que envolve cada situação específica também influencia nos usos linguísticos, fazendo com que o falante tenha a necessidade de alinhar o seu desempenho linguístico ao propósito inerente à cada interação social. Em situações formais, o falante tende a monitorar, ou seja, a utilizar a língua com maior cautela, fazendo escolhas lexicais e linguísticas concernentes com o momento. O mesmo não ocorre quando o falante se encontra em uma situação de comunicação menos formal, o que permite a ele fazer um uso da língua menos vigilante. Essas peculiaridades configuram a variação linguística diafásica.

Um candidato a uma vaga de emprego comporta-se de determinada maneira durante a entrevista na qual está sendo avaliado, a partir de diferentes critérios, incluindo a linguagem que utiliza, o que o leva a fazer uso de uma variedade linguística mais formal, próxima do

¹ O exemplo apresentado é proveniente da tradução realizada por Marcos Marcionilo e tem como objetivo facilitar a compreensão dos conceitos apresentados por Calvet quando os aproxima da língua portuguesa falada no Brasil.

padrão. Situação diferente envolve esse mesmo usuário da língua no momento em que ele comemora sua aprovação na entrevista junto de seus familiares.

Bagno (2017) pontua que a variação linguística diafásica corresponde ao estilo individual do falante, entretanto, ela é motivada pelo seu próprio repertório linguístico, bem como o nível de escolaridade e de letramento. Portanto, apesar de ser condicionada pelo contexto situacional, o uso das diferentes variantes perpassa por aspectos sociais da vida do falante.

A variação linguística diamésica está pautada no tipo de uso que o falante faz da língua. Assim como existe uma diferença entre língua e fala, é possível pontuar também semelhanças e diferenças entre fala e escrita. São, principalmente, as diferenças entre essas duas modalidades da língua que configuram esse tipo de variação.

Quadro 01 - A perspectiva variacionista, segundo Marcuschi (2010)

A perspectiva variacionista	
<hr/>	
fala e escrita apresentam	
língua padrão	variedades não padrão
língua culta	língua coloquial
norma-padrão	norma não-padrão

Fonte: Marcuschi (2010)

Marcuschi (2010) observa que na perspectiva variacionista, não há uma distinção rigorosa entre fala e escrita, mas sim o reconhecimento de variedades linguísticas que se distinguem. Nesse direcionamento, diversos autores defendem que essas diferenças configuram dois dialetos distintos. Contudo, Marcuschi (2010) postula que essas formas não são bidialetais, mas bimodais, pois demonstram a condição do falante como fluente em duas modalidades da língua.

Apesar da discordância em relação aos conceitos adotados, o autor reconhece que os usos que o falante faz da língua selecionam diferentes formas a depender da modalidade utilizada, sendo comum determinadas formas na fala e outras na escrita, o que caracteriza, portanto, uma variação linguística intrinsecamente ligada à modalidade de uso adotada pelo falante.

Os aspectos sociais estão diretamente envolvidos na caracterização de variações linguísticas diastráticas. A definição parte do princípio de que o contexto social é determinante

para os usos linguísticos do falante. O ser humano é essencialmente social, uma vez que pauta sua vida no convívio com o outro, estabelecendo relações e distanciamentos. A vida em sociedade é marcada por diferentes aspectos que caracterizam o homem como um ser social: a idade, a escolaridade, o gênero, o grupo social, entre outros.

No que diz respeito à idade, jovens utilizam a língua de modo diferente dos seus parentes mais velhos. Apesar da proximidade com essas pessoas durante o seu processo de aquisição da língua, à medida que esses usuários passam a se inserir socialmente em outros contextos e grupos, passam a ampliar e modificar seu repertório linguístico, num processo constante de atualização. É nessa perspectiva que Menéndez (1983) propõe que todo falante é multiletal, uma vez que faz uso de diferentes letos, que são adquiridos a partir do momento em que ele passa a interagir com diferentes subgrupos que compõem uma mesma comunidade de fala. Desse modo, o autor destaca a existência de uma competência sociolinguística, que é acionada toda vez que o falante faz uso dessas diferentes formas da língua.

Quanto ao fator escolaridade, são notórias as variações linguísticas do falante, com pouca escolaridade, em relação à norma-padrão da língua. A escola é o principal meio de aquisição da norma-padrão de uma língua, por isso, quanto menor a escolaridade, maior a probabilidade de o falante apresentar usos linguísticos que divergem da norma socialmente estabelecida. Proporcionalmente, o tempo maior de estudo faz com que o falante utilize a norma-padrão de modo mais recorrente.

As formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico; ocorrem em contextos mais formais, mais elitizados, entre interlocutores que se transformam em modelos e pontos de referência do bem falar e escrever. As formas socialmente prestigiadas são sementes e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão. Estão reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, em que adquirem o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas através do longo processo escolar. (VOTRE, 2020, p. 51-52)

A influência da variável escolaridade se dá a partir de diferentes perspectivas, relacionadas à visão que se assume no ensino de língua materna, bem como os valores e atitudes linguísticas que são desencadeados pelo processo ensino-aprendizagem que considera a existência de uma forma correta de uso da língua. Além disso, percebe-se a influência dos critérios socioeconômicos como norteadores da definição de uma forma padrão da língua, que se estabelece a partir de um contexto de desigualdade social.

O gênero também é um fator de impacto na linguagem utilizada. Enquanto as mulheres tendem a utilizar com maior frequência a norma padrão da língua, os homens costumam apresentar mais desvios. A esse respeito, Paiva (2020), reflete que:

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/forma não-padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino. (PAIVA, 2020, p. 33)

Não obstante, percebe-se ainda que as mulheres utilizam mais recursos linguísticos e fazem escolhas lexicais que costumam amenizar suas mensagens em determinados contextos, o que não ocorre nos falantes do gênero masculino com a mesma frequência, o que é corroborado por Paiva (2020) que observa que “as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical”.

Scherre e Naro (1998) verificam que pessoas do sexo feminino e com maior grau de escolaridade costumam realizar todas as marcações de plural no sintagma nominal, as primeiras porque buscam estar adequadas aos padrões socialmente estabelecidos e os segundos por terem maior acesso à norma padrão e conseqüentemente à hipercorreção. Novamente, é possível observar a interação entre variáveis linguísticas e sociais. Tem-se um aspecto morfossintático em variação, dependendo de características sociais como o gênero e a escolaridade.

Aspectos esses que perpassam e culminam em outro fator relevante: os grupos sociais. A diversidade da população brasileira, bem como questões sociais, culturais e econômicas dificultam a determinação clara de grupos sociais. Apesar disso, quanto à renda, é possível observar grupos que possuem uma renda inferior ao necessário para os custos básicos, que compõem a camada populacional mais desfavorecida, pessoas que possuem uma renda compatível com os gastos básicos que compõem a camada intermediária e as pessoas que possuem uma renda superior à necessária ao custo de vida, que configuram a parcela mais favorecida da população.

Num país marcado pela desigualdade social, em que a maior parte da renda é distribuída para uma parcela menor da população, percebe-se que, em sua maioria, a população sofre as conseqüências dessa discrepância, o que ocasiona a ocorrência de outras questões que denotam essa desigualdade como a escolaridade e a imatura adoção de uma profissão.

Nos termos apresentados, a Sociolinguística apresenta o conceito de socioleto para identificar o modo de falar específico de um grupo social. Desse modo, pessoas que pertencem

a um mesmo grupo social e estão sujeitas às mesmas desigualdades sociais compartilham também um modo semelhante de fazer uso da língua. Visão essa que é corroborada por Bagno (2017) quando destaca que “trata-se, portanto, de uma variedade (ou leto) que se considera mais relacionada com as características sociais do falante do que com sua procedência regional.”

Apesar da Sociolinguística apontar esses diferentes tipos de variações linguísticas é necessário observar que os fatores elencados não ocorrem de modo isolado, mas em interação no complexo contexto social. Isso significa dizer que um mesmo falante pode fazer uso de diferentes tipos de variações linguísticas. Quando o falante seleciona palavras no léxico característico de sua região, ele faz uso de uma variação linguística diatópica, que também pode ser diafásica por estar relacionada ao contexto situacional, uma vez que esse falante pode selecionar essas palavras quando está em contato com pessoas que compartilham do mesmo léxico, preferindo fazer uso de outra forma em outro contexto, conforme sua competência sociolinguística. Ainda o mesmo falante faz uso de modalidades diferentes da língua quando fala e quando escreve, bem como a variedade utilizada por ele é marcada pelo seu nível de escolaridade e letramento.

Questões como essas emergem principalmente quando na elaboração de “Atlas linguísticos” os pesquisadores se deparam com diferentes tipos de variações e têm dificuldades em classificá-las, especialmente quando se trata das variações linguísticas diatópicas e diastráticas. Mesmo que uma forma diferenciada de uso da língua seja condicionada por questões sociais, ela se realiza em determinado ponto geográfico. Diante dessa problematização, Aragão (1999) propõe uma conciliação entre esses dois tipos de variações, naquilo que a pesquisadora nomeia de variações sócio-dialetais.

Diante do exposto, a opção por abordar um tipo específico de variação linguística se dá por uma necessidade metodológica, uma vez que abordar os diferentes tipos de variações linguísticas pode incorrer em uma complexidade além da qual é possível dar conta dentro dos limites de um estudo específico. Considerando ainda que as variações linguísticas podem ser observadas nos diferentes níveis da língua, ocorre uma questão similar à anteriormente apresentada, o fato de deter-se a uma análise fonética/fonológica e morfossintática não exclui a possibilidade de haver variações em outros níveis de estudo da língua, no entanto, as escolhas metodológicas encaminham para um determinado nível de análise, visando a garantia de uma pesquisa sociolinguística bem fundamentada e desenvolvida.

Finalmente, compreende-se a variação linguística como um tema produtivo e que pode conduzir para diferentes objetivos, relacionados tanto aos fatores linguísticos quanto aos

extralinguísticos, cabendo ao interessado por esses estudos delinear sua metodologia de modo a compreender parte dos diversos aspectos que compõem essa dinamicidade da língua.

2.3 A ocorrência de variações linguísticas nos níveis fonético-fonológico e morfossintático

O estudo da língua pode ocorrer de diferentes formas, com variadas abordagens e teorias diversas. Por outro lado, quando remetemos à análise linguística, é necessário destacar os diferentes níveis de análise, bem como suas respectivas categorias analíticas. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a análise linguística pode ocorrer nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, discursivo, entre outros.

As razões para a seleção de um ou outro nível de análise estão relacionadas às pretensões do estudo bem como ao adequado desenvolvimento da pesquisa proposta. Para este estudo, optamos pelo trabalho com o nível fonético-fonológico, tendo em vista a saliência das variações linguísticas neste nível, especialmente quando a análise se volta para práticas de linguagem oral.

Além disso, consideramos também a interface entre a morfologia, que se ocupa dos morfemas e da formação de palavras, e a sintaxe, que se dedica às funções e relações dos termos em sintagmas, frases, orações e períodos. Desse modo, trabalharemos no nível morfossintático, que articula pressupostos tanto da morfologia quanto da sintaxe. Entretanto, devido às complexidades próprias desta interface, assim como a abrangência de outro nível de análise, conforme exposto anteriormente, optamos por selecionar uma variável específica para este nível.

Diante do exposto, visando delimitar os aspectos importantes para as nossas análises e possibilitar uma compreensão adequada de nosso estudo, passamos a explorar termos e conceitos destes níveis de análise linguística que nos são caros.

2.3.1 O nível fonético-fonológico

No que diz respeito ao nível fonético-fonológico, convém mencionar que, neste nível de análise linguística, tomamos como objeto de estudo os sons da fala. Acerca desta área de estudo, Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019) tecem considerações pertinentes à nossa exposição:

Primeiramente, deve-se dizer que **tanto a Fonética quanto a Fonologia têm como objeto de estudo os sons da fala.** Ou, melhor dizendo, tanto a Fonética quanto a

Fonologia investigam como os seres humanos produzem e percebem os sons da fala. Em segundo lugar, deve-se observar que é bastante difícil fazer Fonologia sem antes entender (ou fazer) Fonética. (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019, grifos das autoras)

Coadunando com as autoras, compreendemos que tanto a Fonética quanto a Fonologia estudam os sons da fala, embora assumam diferentes perspectivas acerca desse objeto. A grosso modo, pode-se dizer que, a Fonética ocupa-se dos sons da fala de modo geral, enquanto que a Fonologia preocupa-se com a utilização e significação destes sons em uma língua específica. Entretanto, estudos recentes apontam para uma relação cada vez mais intrínseca entre Fonética e Fonologia. Por essa razão, optamos por nos referirmos a esse nível de análise como fonético-fonológico.

Ao assumir significados e possibilitar a distinção de palavras em uma língua natural, o som adquire o status de fonema. O encadeamento de fonemas leva a estruturação de sílabas que, por sua vez, permitem a formulação de morfemas e, finalmente, de palavras. Tal perspectiva se confirma quando Aragão e Alencar (2020) pontuam que “os fonemas podem combinar-se para formar unidades maiores, como sílabas, morfemas e palavras”. Sabemos da complexidade que envolve cada uma destas definições, todavia, não problematizamos tais conceitos para evitar o tangenciamento do tema que nos cabe neste trabalho. Em relação ao português brasileiro, Aragão e Alencar (2020) destacam que “o sistema fonológico da língua portuguesa tem dezenove fonemas consonantais, sete fonemas vocálicos orais e cinco fonemas vocálicos nasais”.

Conforme Coelho *et al* (2021, grifos das autoras) “vários estudos sociolinguísticos atestam a **variação fonológica** em diversos fenômenos do português do Brasil”. Sabendo, pois, que para além do aspecto intuitivo e empírico, outros estudos comprovam a ocorrência de variações fonética-fonológicas no português brasileiro, convém voltarmos o olhar para o modo como essas variações manifestam-se.

2.3.1.1 Os processos fonético-fonológicos

As variações no nível fonético-fonológico ocorrem pela alteração na estrutura fonológica das palavras. Esta alteração pode ocorrer de formas diversas: adição de segmentos, subtração de segmentos, transposição de segmentos ou, ainda, por transformação de segmentos. Recorrendo a importantes estudiosos, devidamente referenciados, de fonética e fonologia, organizamos os quadros 02, 03, 04 e 05 que demonstram a organização dos processos fonético-fonológicos, conforme o tipo de alteração que ocorre na estrutura da palavra:

Quadro 02 - Processos fonético-fonológicos por adição

Alteração fonética-fonológica	Processo fonético-fonológico	Definição
Por adição	Prótese	“ <u>acréscimo</u> de uma letra no início da palavra” (ALENCAR, 1997, grifo nosso) – Ex: sopra > assopra
	Epêntese	“ <u>acréscimo</u> de uma letra no meio da palavra” (ALENCAR, 1997, grifo nosso) – Ex: lindo > lindro
	Paragoge	“ <u>acréscimo</u> de uma letra no final da palavra” (ALENCAR, 1997, grifo nosso) – Ex: há > hai
	Suarabácti	<u>adição</u> de uma vogal de apoio nos grupos consonânticos com “l” e “r”, como tendência ao padrão silábico CV. (ALENCAR, 1997, grifo nosso) – Ex: flor > fulô
	Ditongação	“alteração fonética produzida pela <u>formação de um ditongo</u> , a partir de uma vogal simples” (ALENCAR, 1997, grifo nosso) – Ex: fruta > fruta

Fonte: Elaborado pelo autor

Consoante ao exposto no quadro 02, verifica-se que o processo de adição ocorre pelo acréscimo de um segmento fonético, seja ele consonantal ou vocálico, conforme nos explica Alencar (1997). Diante desta observação, compreendemos que os processos fonético-fonológicos que ocorrem por adição de segmentos são cinco: prótese, epêntese, paragoge, suarabácti e ditongação. Sobre este último, importa observar que, embora não seja indicada de forma explícita, a formação de um ditongo se dá, também, pelo acréscimo de um som vocálico. Desse modo, compreendemos que esta categoria corresponde aos casos em que há adição de segmento fonético.

Quadro 03 - Processos fonético-fonológicos por subtração (Continua)

Alteração fonética-fonológica	Processo fonético-fonológico	Definição
Por subtração	Aférese	“fenômeno fonológico caracterizado pela <u>omissão</u> de um som no início da palavra” (CRISTÓFARO SILVA, 2021, grifo nosso) – Ex: estou > tô
	Síncope	“ <u>supressão</u> na parte medial (uma ou mais sílabas) de uma palavra” (ALENCAR, 1997, grifo nosso) – Ex: família > fãmia

Quadro 03 - Processos fonético-fonológicos por subtração (Conclusão)

Por subtração	Apócope	“fenômeno fonológico caracterizado pela <u>omissão</u> de um ou mais sons no fim de uma palavra” (CRISTÓFARO SILVA, 2021, grifo nosso) – Ex: comer > comê
	Monotongação	“processo pelo qual um ditongo passa a ser produzido como uma única vogal. Nesse caso, há um <u>apagamento</u> do glide” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019, grifo nosso) – Ex: peixe > pêxe
	Elisão	“fenômeno fonológico que envolve cancelamento ou queda de consoantes, vogais ou sílabas” (CRISTÓFARO SILVA, 2021, grifo da autora) – Ex: de + eu > d’eu

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com o exposto no quadro 03, entendemos que a alteração fonética por subtração se caracteriza, conforme Alencar (1997), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019) e Cristófarro Silva (2021), pela perda, apagamento, supressão ou omissão de um segmento fonético, de modo que, tal fato, ocasiona uma perda de substância fonética. Partindo dessa compreensão, postulamos cinco processos fonético-fonológicos em que há subtração de segmento fonético, são eles: aférese, síncope, apócope, monotongação e elisão. De modo particular, ressaltamos os critérios que pautam nossa classificação para os processos de monotongação e elisão.

Em relação à monotongação, compreendemos que neste processo ocorre o inverso do que ocorre no caso de ditongação, anteriormente apresentado. Portanto, nos mesmos termos, a monotongação corresponde ao processo de subtração, operação inversa à adição, caracterizadora da ditongação. Não obstante, tal perspectiva é confirmada quando flagramos a supressão do glide em exemplos como: peixe > “pêxe”. No exemplo exposto por Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019), verificamos que a transcrição fonética da referida palavra apresenta cinco fones – [ˈpeʃi] -. Neste caso, estamos diante de um ditongo oral decrescente [ej]. Entretanto, tal caracterização se desfaz pela subtração do glide na sua variante correspondente – [peʃi] - que apresenta apenas quatro fones em sua composição. Frente ao exposto, estamos diante de um caso de subtração de segmento fonético. Tal perspectiva é confirmada quando recorremos a Coelho *et al* (2021) que indicam a monotongação como “transformação ou redução de um ditongo em uma vogal”.

Quanto ao termo elisão, assumimos esta nomenclatura em referência a um processo específico que é a sinalefa. Conforme Alencar (1997, grifo da autora), “a *sinalefa* é um caso raro de se encontrar, porque todas as vogais soam, distintamente, em nossa língua”. Contudo,

conforme ilustrado por Alencar (1997), há a manifestação desse processo na linguagem sertaneja de Patativa do Assaré. Por esta razão, optamos por categorizá-lo sob a identificação de elisão, que é, de acordo com Cristófaros Silva (2021) um processo caracterizado pela perda de segmentos fonéticos. Cabe destacar que Cristófaros Silva (2021) enfatiza que processos como aférese, síncope e apócope são casos de elisão. Entretanto, em nossa investigação, o termo elisão aplica-se exclusivamente aos casos de sinalefa.

Quadro 04 - Processos fonético-fonológicos por transposição

Alteração fonética-fonológica	Processo fonético-fonológico	Definição
Por transposição	Metátese	“consiste na <u>transposição</u> de um fonema dentro da mesma sílaba” (ALENCAR, 1997, grifo nosso) – Ex: formosa > fromosa
	Hipértese	“consiste na <u>transposição</u> de um fonema de uma sílaba para outra” (ALENCAR, 1997, grifo nosso) – Ex: contra > cronta
	Atração	“Por atração, a semivogal do ditongo crescente <u>desloca-se</u> para a sílaba anterior e forma com a vogal tônica um ditongo decrescente” (ALENCAR, 1997, grifo nosso) – Ex: lábio > laibo

Fonte: Elaborado pelo autor

Seguindo os apontamentos de Alencar (1997) compreendemos os processos por transposição como aqueles em que os fonemas que compõem a estrutura fonológica de uma palavra permanecem os mesmos, contudo, há a transposição e/ou deslocamento destes fonemas, seja na mesma sílaba ou em sílabas distintas. Embora alguns teóricos, como Cristófaros Silva (2021), considerem todos esses processos em uma mesma categoria, optamos por diferenciá-los, seguindo as definições apresentadas em Alencar (1997). Logo, classificamos estes processos em três categorias: metátese, hipértese e atração. Ademais, convém distinguirmos os processos de hipértese e atração, pois embora ambos se configurem pela transposição entre sílabas, somente o segundo se caracteriza pela alteração no tipo de ditongo, incidindo, portanto, sob sons vocálicos.

Por fim, recorreremos ao quadro 05 no intento de ilustrarmos a diversidade de processos fonético-fonológicos que se configuram pela transformação de segmentos:

Quadro 05 - Processos fonético-fonológicos por transformação

Alteração fonética-fonológica	Processo fonético-fonológico	Definição
Por transformação	Assimilação	“fenômeno fonológico em que um determinado som compartilha propriedades de um som adjacente” (CRISTÓFARO SILVA, 2021) – Ex: diferença > diferença
	Dissimilação	“fenômeno fonológico em que segmentos adjacentes com características semelhantes tendem a sofrer alterações para se tornarem diferentes” (CRISTÓFARO SILVA, 2021) – Ex: linguagem > language
	Alçamento vocálico	“fenômeno fonológico que envolve a elevação da propriedade de altura da língua das vogais médias-altas [e] e [o] que se realizarão como as vogais altas [i] e [u]” (CRISTÓFARO SILVA, 2021) – Ex: governa > governa
	Abaixamento	“fenômeno fonológico caracterizado pelo abaixamento da posição da língua na articulação de uma vogal” (CRISTÓFARO SILVA, 2021) – Ex: vive > veve
	Iotização	“(…) a mudança do “lh” em “i”” (ALENCAR, 1997) – Ex: palha > paia
	Rotacismo	“fenômeno fonológico relacionado com a realização fonética de um som rótico em substituição a um som lateral ou vice-versa” (CRISTÓFARO SILVA, 2021, grifos da autora) – Ex: desculpa > descurpa

Fonte: Elaborado pelo autor

Os processos fonético-fonológicos por transformação são caracterizados pela transformação de um fonema em outro. A partir dos estudos realizados, elencamos apenas algumas possibilidades de transformações que são mais recorrentes no português brasileiro, como a assimilação, conforme apontado por Aragão e Alencar (2020), e aquelas que são mais frequentes nas variedades populares, como a iotização e o rotacismo.

Considerando que os processos por assimilação englobam uma quantidade significativa de processos com suas respectivas particularidades, indicamos, tomando como referência Alencar (1997), alguns processos assimilatórios: nasalização (eleição > inleição), palatalização (Antônio > Antonho) e harmonização vocálica (diferença > diferença). Ademais, segundo Roberto (2016), acrescentamos o processo de sonorização (decote > degote) como um

caso de assimilação. Logo, neste estudo, as ocorrências dos processos ora mencionados serão categorizadas como casos de assimilação.

Do mesmo modo, na categoria dissimilação optamos por amalgamar três processos que têm comportamentos semelhantes, a saber: desnasalização – linguagem > language - (ALENCAR, 1997), despalatalização – filho > fio - (ALENCAR, 1997) e desonorização – gato > cato - (ROBERTO, 2016). Ao contrário da assimilação, em que há o compartilhamento de propriedades de um som adjacente, na dissimilação, ocorre a distinção entre sons adjacentes que são semelhantes. Observamos que, nos casos de desnasalização e despalatalização, há também uma perda de segmento fonético, o que poderia classificá-los como casos de subtração. Contudo, verificamos, conforme a literatura, sobretudo em Alencar (1997), que este fenômeno ocorre por um processo de dissimilação, o que contribuiu para nossa inclusão destes processos nesta categoria.

Em face do exposto, Aragão e Alencar (2020) ressaltam que “a linguagem popular nos oferece uma ótima oportunidade de observarmos essa dinâmica da língua”. Quanto aos processos de natureza fonética, as pesquisadoras identificam alguns, tais como: aférese (elogio > lugio), síncope (espírito > isprito), apócope (natural > naturá), prótese (lembrar > alembrá), epêntese (depois > despois), suarabácti (flor > fulô), monotongação (feijão > fejão), ditongação (arroz > arroiz), metátese (dormir > drumi), hipérese (protege > potrege), atração (lábio > laibo), iotização (mulher > muié), alçamento vocálico (aposentar > apusentar), desnasalização (viagem > viage).²

2.3.2 O nível morfossintático

Ao analisar os aspectos fonético-fonológicos em variação, percebe-se que há uma modificação na estrutura da palavra, que os aproxima de uma variação morfológica. Do mesmo modo, a identificação de uma variação morfológica impacta na estrutura do sintagma, o que leva ao nível da sintaxe. Observações como as que aqui se apresentam são semelhantes ao que pensam Omena e Duarte (2020) que salientam que “é difícil atribuir, de maneira precisa, um determinado fenômeno linguístico a um dos níveis da gramática, dada a inter-relação que eles mantêm entre si”. Tendo em vista essa aproximação entre os diferentes níveis de análise, bem como a ligação intrínseca entre aspectos morfológicos e sintáticos optamos por uma análise

² Aragão e Alencar (2020) apontam exemplos diversos para cada fenômeno apresentado. Entretanto, a título de ilustração, apresenta-se aqui um exemplo de cada fenômeno pontuado pelas linguistas e que também são encontrados na produção poética de Patativa do Assaré.

morfossintática. Bechara (2019) considera que “a parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas “formas”) e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas).”

Desse modo, compreendemos a morfossintaxe como a parte da gramática que corresponde à interface entre morfologia e sintaxe. Para melhor compreender os aspectos morfossintáticos imbricados na realização deste trabalho, explicitamos, no primeiro momento, alguns conceitos operacionais da morfologia e, em seguida, da sintaxe.

Recorrendo à etimologia do termo, verificamos que o radical *morfo-* está relacionado à palavra forma, enquanto que o afixo *-logia* seria estudo. Assim, poderíamos, etimologicamente, afirmar que a morfologia corresponde ao estudo da forma.

De acordo com Sandalo (2012), “a morfologia é frequentemente definida como o componente da Gramática que trata da estrutura interna das palavras”. Ou seja, a palavra seria o nível máximo de análise da morfologia, sendo decomposta em elementos menores que a formam, os morfemas, conceituados por Carone (2002) como “uma abstração que envolve significados e possibilidades combinatórias. Apresenta-se, o mais das vezes, formalizado em fonemas, que se concretizam por meio de sons.”

Araújo (2020), por sua vez, ressalta que “a morfologia estuda as palavras em seu aspecto formal, considerando seu processo de criação, sua estrutura e suas possibilidades de adaptação em um sintagma conforme as regras de concordância e as necessidades expressivas”. Logo, compreendemos que a morfologia é o nível de análise que tem como escopo os processos de formação e estruturação das palavras, além de sua classificação em categorias.

Quanto à estrutura das palavras, nos interessa falar especificamente sobre as desinências nominais e verbais. Tal interesse é gerado pela própria perspectiva analítica do trabalho que faz um recorte em torno da variável concordância, considerando os casos de concordância nominal - expressos pelas desinências de gênero e número - e os casos de concordância verbal - expressos pelas desinências número-pessoais -. Nesse sentido, nosso escopo analítico está situado nos parâmetros da morfologia flexional.

Partindo, pois, dos casos de flexão nominal, temos duas possibilidades: número e gênero. Quanto ao número, os nomes podem estar flexionados no singular, marcado pelo morfema Ø ou no plural, para o qual existem regras, entretanto, a regra geral prevê a utilização do morfema *-s* como indicativo de plural. Cunha e Cintra (2017), observam que “o singular caracteriza-se pela ausência de qualquer desinência, ou melhor, pela desinência -zero, pois a falta, no caso, é um sinal particularizante”. Quanto ao gênero, Cunha e Cintra (2017) ressaltam

a associação da desinência nominal -o ao gênero masculino, enquanto que a desinência nominal -a está associada ao feminino.³

Por sua vez, os casos de flexão verbal são indicados por dois tipos de desinências que acumulam significados. A desinência modo-temporal indica a flexão do verbo quanto ao modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e ao tempo (pretérito, presente ou futuro, bem como suas derivações). Já a desinência número-pessoal indica o número (singular ou plural) e a pessoa do discurso (1ª, 2ª ou 3ª). Em termos de concordância, são as desinências número-pessoais que nos interessam, uma vez que são elas que expressam a concordância em número e pessoa com o sujeito.

Verificamos, pois, que as desinências oferecem ao falante diversas possibilidades de construções, entretanto, essas possibilidades serão determinadas pela relação entre os termos que compõem o sintagma. Por essa razão, entendemos que para esta especificidade da língua, a abordagem apropriada deve estar assentada na morfossintaxe. Este pensamento parece convergir com o de Sandalo (2012) que destaca a relação entre a morfologia flexional e a sintaxe dada a proximidade de suas unidades analíticas.

Vistos os aspectos de morfologia que nos são relevantes, colocamos em tela os aspectos de sintaxe, iniciando por sua definição. Berlinck, Augusto e Scher (2012) consideram que

Do grego *syntaxis* (ordem, disposição), o termo sintaxe tradicionalmente remete à parte da Gramática dedicada à descrição do modo como as palavras são combinadas para compor sentenças, sendo essa descrição organizada em forma de regras. (BERLINCK, AUGUSTO, SCHER, 2012, p. 221)

Do exposto pelos autores, depreendemos que a sintaxe busca investigar a organização da língua em sentenças, verificando as funções e relações entre os termos que a compõem de modo a descrever a maneira como a língua se organiza. Cavalcante, Rodrigues e Coan (2020) refletem acerca das diferentes acepções assumidas pelo termo sintaxe, tendo em vista a dinamicidade própria da língua. Nesse viés, os autores destacam também o significado da sintaxe segundo a gramática, a linguística geral e o gerativismo.

³ Apesar das discussões teóricas acerca da marca referente a desinência de gênero masculino, assumimos a visão adotada pela gramática normativa sob o viés de Cunha e Cintra (2017), que associam a desinência -o ao masculino e -a ao feminino. (CUNHA E CINTRA, 2017, p. 92-93). Cabe mencionar, ainda, que não é nossa intenção adentrarmos nesta discussão, mas tão somente verificarmos o que prevê a gramática normativa em relação às desinências flexionais.

Para este trabalho, recorreremos à concepção de sintaxe/morfossintaxe assumida pela gramática normativa⁴. Não significa, pois, que esta seja a definição mais adequada, entretanto, é a mais apropriada aos nossos propósitos com este estudo: traçar um paralelo entre o que é previsto pela gramática normativa e os usos linguísticos próprios de Patativa do Assaré, que caracterizam sua variedade sertaneja.

Nesse sentido, Cunha e Cintra (2017) definem sintaxe como uma parte da gramática que tem como responsabilidade a descrição dos princípios que regem a relação entre termos em uma frase. Ao descrever os elementos que constituem a frase, os autores apresentam as ideias de sintagma nominal e sintagma verbal. Nessa perspectiva, o sintagma nominal se organiza em torno de um substantivo que é tido como o núcleo de sua estrutura. Em seu turno, o sintagma verbal corresponde ao predicado e tem o verbo significativo como núcleo.

Conforme a Nomenclatura Gramatical Brasileira (1959), a sintaxe está dividida em três tipos: de concordância, de regência e de colocação. Tendo como foco a variável que abordamos - a concordância - verificamos de que modo a gramática normativa, tomada como referência, descreve as regras, em consonância com a finalidade estipulada para a sintaxe, para os casos de concordância nominal e verbal.

Bechara (2019) categoriza os casos de concordância nominal em três: concordância de palavra para palavra, concordância de palavra para sentido e outros casos de concordância nominal. Acerca da primeira categoria, o autor aponta as seguintes regras: casos em que apenas uma palavra é determinada, as determinantes devem ser flexionadas no mesmo gênero e número; em casos com mais de uma palavra determinada, a palavra determinante será flexionada da mesma forma caso as palavras determinantes estejam no mesmo gênero e número; em caso de gêneros diferentes para as palavras determinadas, o determinante deve ser flexionado no masculino e plural ou concordar com a palavra determinada mais próxima; por fim, quando há apenas uma palavra determinada e mais de um determinante, a primeira deve ser flexionada no plural ou no singular, tornando-se a repetição do artigo opcional.

Acerca deste assunto, interessam-nos as relações entre palavras no mesmo sintagma, por essa razão, consideramos a primeira categoria apresentada em Bechara (2019). Em relação à flexão de número dos substantivos, Cunha e Cintra (2017) tomam como regra

⁴ Assumimos como gramática normativa o tipo de gramática que concebe a norma-padrão como correta, num conjunto de valores que opõe o certo e o errado. Tal definição vai ao encontro do exposto por Antunes (2007), que observa que essa concepção de gramática “enquadra-se no domínio do *normativo*, no qual define o *certo*, o *como deve ser* da língua e, por oposição, aponta o *errado*, o *como não deve ser dito*.” O pensamento de Travaglia (2021) concorda com esta definição, tanto que o autor salienta que a gramática normativa “é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial”.

geral o acréscimo do -s ao singular dos substantivos terminados em vogal ou ditongo. Além da regra geral, os autores apontam regras especiais para cada caso. Por sua vez, segundo os gramáticos, os substantivos terminados nas consoantes -r, -z e -n, formam o plural a partir do acréscimo de -es ao singular. Do mesmo modo, são elencadas as regras especiais e/ou exceções.

Já para a flexão de gênero, Cunha e Cintra (2017) destacam a existência de apenas dois gêneros para a língua portuguesa: o masculino e o feminino, sendo o primeiro não marcado e o segundo, marcado. Nesse sentido, os autores tomam como critério para a identificação do gênero a anteposição do artigo, “o” para o masculino e “a” para o feminino. A esse respeito, os autores pontuam ainda que “o gênero de um substantivo não se conhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação”. (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 203)

Retomando, pois, a noção do substantivo como núcleo do sintagma nominal, a gramática normativa prevê que, os elementos adjacentes e que remetem ao núcleo, tais como os determinantes e os modificadores devem concordar com sua flexão, em número e gênero, obedecendo-se as referidas regras de concordância. Coan e Freitag (2010) endossam este entendimento ao indicarem que “as gramáticas normativas prescrevem que, no plural, todos os elementos de um sintagma devem levar marca de concordância”. Desse modo, em um sintagma como “A casa amarela”, temos o substantivo comum “casa” como núcleo do sintagma, este substantivo está flexionado, quanto ao gênero, no feminino, o que é comprovado pela anteposição do artigo definido feminino e, quanto ao número, no singular, o que se confirma pela desinência Q . Por essa razão, os demais elementos do sintagma, a saber, o determinante (a) e o modificador (amarela) devem acompanhar esta mesma flexão. Sendo assim, caso a palavra determinada fosse flexionada no plural, por exemplo, o determinante e o modificador deveriam acompanhar sua flexão, assim, obteríamos “As casas amarelas”. Nesta possibilidade, aplica-se a regra geral com acréscimo do -s ao singular dos referidos termos. Nos termos de Bechara (2019) temos um caso de concordância de palavra para palavra em que o substantivo, núcleo do sintagma e palavra determinada, impõe suas flexões de gênero e número aos termos que o acompanham, ou seja, os determinantes.

2.3.2.1 A ocorrência de variações na expressão da concordância no português brasileiro

Diversos estudos variacionistas, acerca do português brasileiro em uso, têm observado a ocorrência de variações em relação à concordância nominal, sobretudo, em relação à marcação de plural. Esta constatação é comprovada por Azalim *et al* (2018) que diferenciam a marcação redundante, ou seja, a marcação do plural em todos os elementos do sintagma,

conforme prevê a norma-padrão, e a marcação não-redundante, aquela em que a marcação não se dá em todos os elementos. Ainda segundo os autores:

a alternância entre as regras de marcação morfológica redundante e não-redundante no PB⁵ não é aleatória, mas - de acordo com numerosas pesquisas desenvolvidas no âmbito da Sociolinguística Variacionista - tal variação é condicionada pela atuação de fatores internos ou linguísticos e fatores extralinguísticos. (AZALIM *et al*, 2018, p. 516)

O trabalho de Scherre e Naro (1998), já referido anteriormente, é um dos que se dedicam ao estudo da natureza variável da concordância nominal, em especial, de número. Para tanto, Scherre e Naro (1998) assumem os termos variantes explícitas e variantes zeros em referência a marcação do plural realizada com a marca esperada ou com a ausência desta marca, respectivamente. Por sua vez, Mendes e Oushiro (2015) falam em concordância explícita para os casos em que a marcação de plural é realizada e em marcador zero para os casos em que essa marcação não ocorre.

Como remetido anteriormente, a investigação realizada por Scherre e Naro (1998) destaca que a utilização da forma canônica, prevista pela gramática normativa, é mais frequente pelas mulheres e pessoas escolarizadas. Tais constatações sugerem que a escolaridade e o gênero são fatores extralinguísticos relevantes para esta análise. Quanto aos fatores linguísticos, os estudos apontam como condicionadores o contexto fonológico, a saliência fônica e o princípio do paralelismo formal. Nessa perspectiva, os autores arrematam afirmando que “os processos variáveis de concordância de número no português vernacular do Brasil evidenciam um sistema perfeito, correlacionado a variáveis linguísticas e sociais”. (SCHERRE; NARO; 1998)

Por sua vez, a concordância verbal é expressa, basicamente, pelas desinências número-pessoais. Tais desinências são selecionadas pelo falante de modo a alinhar a forma verbal ao sujeito oracional, na maioria das vezes. Por isso, Cunha e Cintra (2017, grifo dos autores) enfatizam que “a solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.” Logo, depreendemos que as regras de concordância verbal estão intimamente relacionadas à pessoa (1^a, 2^a ou 3^a) e ao número (singular ou plural) aos quais o sujeito remete.

⁵ Azalim *et al* (2018) utilizam a sigla PB para referir-se ao português brasileiro e PE em referência ao português europeu.

Tal como apresentado para os casos de concordância nominal, Bechara (2019) também categoriza os casos de concordância verbal em três: concordância de palavra para palavra, concordância de palavra para sentido e outros casos de concordância. Em relação à concordância de palavra para palavra, o autor postula as seguintes regras: quando há sujeito simples e estiver no singular, o verbo também será flexionado no singular, entretanto, os casos em que o sujeito é simples, mas está flexionado no plural, demandam também essa marcação no verbo; para os casos de sujeito composto, o verbo será flexionado no plural, feitas as devidas ressalvas, como, por exemplo, em casos de sujeitos pospostos, a concordância pode ser realizado com o núcleo do sujeito mais próximo do verbo ou, ainda, a possibilidade de ocorrência do verbo no singular, conforme os casos específicos pontuados pelo autor.

A expressão da concordância verbal também está sujeita a variações no português brasileiro, conforme comprovam os estudos de Naro e Scherre (2007), que destacam a saliência fônica como “uma das principais origens da ampla variação na concordância de número que se observa no Brasil”. Para os autores, a saliência fônica é uma propriedade importante na distinção entre singular e plural das formas verbais.

Por fim, acerca das variações tanto na concordância nominal, quanto na concordância verbal, Naro e Scherre (2007) defendem que

Os dois fenômenos no português brasileiro são regidos por forças semelhantes. Então, tratá-los como tendo origens distintas significa, a nosso ver, perder generalizações linguísticas importantes, o que, sem dúvida, não constitui objetivo da pesquisa linguística. (NARO; SCHERRE; 2007, p. 112)

Frente ao exposto, os linguistas supramencionados acreditam que manifestações diversas observadas na variável concordância no português brasileiro são provenientes das próprias variações que já existiam no português europeu e não somente o resultado da miscigenação ocorrida no Brasil, conforme defendido por outros estudiosos, como Lucchesi (2015), por exemplo. A discussão apontada ocorre em torno das origens desses aspectos em variação, contudo, ressaltamos nossa adesão tanto à hipótese de Naro e Scherre (2007), quanto à de Lucchesi (2015).

Nesse sentido, compreendemos que o português europeu que desembarcou no Brasil apresentava suas marcas de variação, que são próprias da natureza da língua, e podem, inclusive, afetar o sistema de concordância. Por outro lado, entendemos também que o processo de colonização desencadeou um contato intenso entre diferentes povos, culturas e línguas que pode ter influenciado na manutenção dessas marcas variáveis, bem como proporcionado outras alterações na estrutura do português que falamos na contemporaneidade. Uma terceira via

analítica para esse fenômeno é apontada por Guy (1981, 2005), conforme resumem Mendes e Oushiro (2015), que remete a uma crioulização sofrida pela língua portuguesa antes mesmo de chegar ao Brasil.

Não temos a intenção de aprofundar esta discussão acerca das origens das variáveis, apenas mencioná-las, como parte de nosso estudo para a compreensão destas. Não obstante, reforçamos, a partir de Mendes e Oushiro (2015), a relevância do estudo da respectiva variável, uma vez que, segundo os referidos autores, este estudo, além de contribuir para a descrição e compreensão do português brasileiro, também fomenta discussões mais gerais, relacionadas às suas origens e a sua relação com as línguas românicas. Além disso, Mendes e Oushiro (2015) destacam que pesquisas nesse sentido tencionam a discussão que envolve a compreensão relacionada às restrições formais e funcionais nas variações linguísticas. Por fim, falar sobre esse tema permite, também, fomentar a discussão sobre preconceito linguístico para um público mais amplo.

Também não é de nosso interesse reproduzir neste trabalho as inúmeras regras gramaticais e suas exceções. Em contrapartida, reconhecemos a necessidade de apontar os parâmetros que direcionam nossas reflexões. Nesse cenário, acreditamos que, para este estudo, as bases e os conceitos apresentados, tanto da gramática normativa, quanto dos estudos variacionistas acerca do português brasileiro, são suficientes para contrapor às nossas análises da linguagem sertaneja de Patativa do Assaré.

2.4 Atitudes linguísticas e a noção de identidade

Os falantes utilizam a língua com certo nível de consciência, tendo noção dos seus usos e dos valores sociais neles acarretados. Por essa razão, é comum que os estudos sociolinguísticos selecionem as atitudes linguísticas - as ações do falante mediante a língua que utiliza - como objeto de investigação. Essas atitudes podem ter caráter positivo e/ou negativo, a depender da variedade utilizada bem como do seu contexto de uso imediato:

Essa relação complexa e inerente entre língua, sociedade e identidade provoca nos falantes posicionamentos frente à língua ou à variedade linguística e, conseqüentemente, aos usuários destas. Desse modo, os indivíduos desencadeiam atitudes movidas pelas crenças linguísticas impregnadas, ao longo do tempo pela sociedade, na língua e nos dialetos, manifestando, assim, atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, dentre outras. (SILVA; AGUILERA; 2014, p. 705)

Desse modo, os falantes assumem atitudes linguísticas que estão intimamente relacionadas a questões de ordem social, sendo comum manifestar atitudes positivas em relação às formas linguísticas utilizadas por grupos sociais de maior prestígio e atitudes negativas às formas utilizadas por grupos menos favorecidos. Para Calvet (2002) a compreensão acerca das atitudes linguísticas é importante uma vez que “as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico.”

De acordo com Cardoso (2015), os estudos mais recentes da Sociolinguística têm identificado que aspectos como a classe social, o dialeto e o grupo étnico têm relação com as crenças pré-concebidas acerca das variedades utilizadas por um falante. Nesse sentido, Cardoso (2015) destaca que as atitudes linguísticas “desenvolvem-se e organizam-se com a experiência e são dinâmicas, uma vez que levam o indivíduo a perceber coisas e pessoas que o rodeiam de maneiras diferentes sem parar para refletir”. Logo, compreendemos que há uma imbricação que articula valores linguísticos e sociais e, como tal, está também sujeita a mudança em seus princípios, conforme a atuação social dos fatores linguísticos.

Nesse cenário, Coelho *et al* (2021) postulam que a avaliação do falante é desmembrada em dois eixos: o linguístico e o social. Segundo os autores, “a avaliação linguística das formas variantes está associada à eficiência comunicativa na interação social, isto é, à utilidade funcional” (COELHO *et al*, 2021). Em contrapartida, a avaliação social está relacionada aos significados sociais das formas linguísticas que são utilizadas por determinado grupo.

De modo similar, Preston (2013) destaca a importância da associação entre os aspectos sociais, sobretudo os estereótipos, e os fatos linguísticos como forma de acesso à compreensão das identidades sociais que inferimos e às quais respondemos.⁶

Frente ao exposto e dada a relevância das atitudes para os usos linguísticos, passamos a evidenciar o modo como algumas dessas atitudes podem se manifestar. Com esse propósito, inicialmente, remetemos às atitudes relacionadas à segurança e à insegurança linguística. Os falantes de uma língua tendem a demonstrar maior segurança linguística quando utilizam uma variedade que se aproxima da variedade de prestígio, conforme indicado por Calvet (2002). Por outro lado, quando o inverso acontece, os falantes que utilizam uma variedade que se distancia da socialmente privilegiada costumam demonstrar uma maior insegurança linguística, que segundo Calvet (2002) transparece “quando os falantes consideram

⁶ “Nevertheless, understanding the relationship between group stereotypes and linguistic facts, no matter how scientifically suspect at the linguistic end, appears to be particularly important in accounting for the social identities we infer and respond to.” (PRESTON, 2013, p. 158)

seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam”. Todavia, a insegurança linguística pode levar o falante a tentar copiar o modelo que considera de maior prestígio. Nesse intento, emerge uma outra atitude linguística: a hipercorreção.

A hipercorreção acontece quando o falante tenta, a todo custo, assimilar e/ou imitar a variedade que é avaliada por ele como de prestígio. Desse modo, há uma tendência ao exagero, ao uso forçado de uma variedade linguística. Labov (2008 [1972]) destaca que o processo de mudança linguística pode ocorrer em três estágios: a origem, a propagação e o término. Para o sociolinguista, a hipercorreção é um fator que interfere na propagação de uma mudança, numa dialética que envolve pressões vindas de cima e que para o autor “representam o processo explícito de correção social aplicado a formas linguísticas individuais” (LABOV, 2008 [1972], p. 152). A esse respeito, consideramos pertinentes as observações de Bagno (2017):

A hipercorreção nasce da insegurança linguística. Reconhecendo em seus próprios hábitos linguísticos formas que sofrem estigmatização por parte dos mais letrados e, para reagir a essa estigmatização, se apoderando de formas linguísticas que não pertencem a sua variedade social, os falantes das camadas médias baixas passam a empregar essas formas ‘importadas’ até com maior frequência que os falantes das camadas médias altas e altas. (BAGNO, 2017, p. 191)

Tanto o uso de uma variedade linguística que não é a padrão, quanto a prática da hipercorreção são reflexos da avaliação social das variedades. Dessa forma, os usos linguísticos e suas respectivas avaliações sociais podem culminar em uma outra prática: o preconceito linguístico.

Bagno (2007) destaca que o preconceito linguístico é fruto da comparação que costumeiramente se faz entre gramática normativa e língua, sendo que na maioria das vezes entende-se a primeira como única forma correta e/ou adequada de manifestação da segunda.

Na Amazônia, igapó é um trecho de mata inundada, uma grande poça de água estagnada às margens de um rio, sobretudo depois da cheia. Parece-me uma boa imagem para a gramática normativa. Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia. (BAGNO, 2007, p.10)

A metáfora utilizada pelo linguista demonstra que a língua é diversa, permeada por diferentes fatores e sujeita à variação. Enquanto que a gramática normativa é apenas uma parte da língua. Todavia, por seu caráter de prestígio, normalmente acredita-se que essa gramática

corresponde à única forma de usar a língua, o que gera como consequência o preconceito com aqueles que utilizam formas distintas.

Refletindo sobre esse tópico, Mollica (2020) ressalta que “os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e relativizar a noção de erro (...)”. Ao concordar com a autora, acreditamos que nosso trabalho, por analisar uma variedade estigmatizada, também contribui para essa discussão, valorizando, pois, a expressão linguística do autor em evidência e do povo que ele representa, bem como seus valores culturais e literários. Assim, lançamos luz sobre esse uso linguístico em específico e promovemos discussões que colaboram para uma maior compreensão acerca da dinamicidade da língua e, por conseguinte, para a reflexão acerca do preconceito linguístico.

Apesar disso, convém observar que, mais do que linguístico, trata-se de um caso de preconceito social. Afinal, como destacado por Bagno (2007), o preconceito não é contra a língua, mas contra o falante, bem como as suas características sociais, salientando que “o problema não está *naquilo* que se fala, mas em *quem* fala o *quê*. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social.”

Alkmim (2012) endossa essa questão a partir da observação acerca do /r/ retroflexo ou, como é popularmente conhecido, o /r/ caipira. A autora destaca que essa articulação do /r/ é encontrada em construções da língua inglesa, entretanto, não é alvo de preconceito, tendo em vista a imposição cultural e econômica desta língua. Porém, esse mesmo /r/ retroflexo, no português brasileiro, é associado a pessoas de origem rural e menos escolarizadas, o que reflete no preconceito linguístico do qual esses falantes são vítimas. Tencionando essa discussão, Lucchesi (2015) tece as seguintes reflexões:

Quando se trata das formas que não são muito frequentes na fala dos mais letrados e são típicas da fala da população de baixa renda, que ainda tem acesso muito restrito à escolarização, a condenação social é muito explícita e vigorosa. Assim, a falta de concordância nominal e verbal, bem como certas variantes fônicas, como o rotacismo (e.g., “assembleia” por assembleia), que são características da fala popular brasileira, constituem verdadeiros *estereótipos sociolinguísticos*, e o seu uso é tomado como índice inequívoco de inferioridade cultural e incapacidade intelectual. (LUCCHESI, 2015, p. 197, grifo do autor)

Logo, verificamos que o pensamento de Lucchesi (2015) converge com o de Bagno (2007) e Alkmim (2012) ao enfatizar os valores sociais que condicionam a avaliação das variantes linguísticas. Nesse sentido, o autor destaca dois aspectos que são nosso foco de análise na linguagem sertaneja de Patativa do Assaré: as variações fonética-fonológicas, ilustradas pelo caso de rotacismo e as variações que ocorrem em relação à concordância nominal e verbal. A esse respeito, o pesquisador destaca a avaliação negativa e à associação destas manifestações

linguísticas a verdadeiros estereótipos, o que contribui para destacar a relevância de estudos como este.

Estas observações nos remetem à necessidade de esclarecer o conceito de estereótipos ora evidenciado. Para tanto, recorreremos a Labov (2008 [1972]) que nos apresenta o conceito de estereótipos, bem como de indicadores e marcadores. Segundo o norte-americano, “*estereótipos* são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (LABOV, 2008 [1972], p. 360, grifo do autor).

Por sua vez, o conceito de indicadores está relacionado, segundo o sociolinguista, a formas encaixadas numa matriz social, ou seja, formas estratificadas por categorias sociais como a idade e o grupo social. Contudo, Labov (2008 [1972]) ressalta que os indicadores parecem ter “pouca força avaliativa”. Finalmente, o conceito de marcadores está relacionado a formas que articulam tanto variações sociais quanto estilísticas.

As diferentes atitudes e comportamentos linguísticos fazem com que o falante utilize a língua a partir de parâmetros sociais, fazendo escolhas que se relacionam às variedades de prestígio e, muitas vezes, moldando os seus usos linguísticos de modo a conseguir demonstrar uma aparente ascensão social. Esses recortes de diferentes atitudes e variedades contribuem para a construção de uma identidade linguística que é individual, mas ao mesmo tempo social.

Desse modo, as atitudes linguísticas contribuem para a instituição de uma identidade, de acordo com Tarallo (1986) que, ao analisar os estudos de Labov realizados em Martha's Vineyard, percebeu que “atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado.”

Para Hall (2006), o termo identidade é demasiado complexo para defini-lo em uma afirmação objetiva. Apesar disso, o teórico o resume a partir de três diferentes concepções: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

A noção de identidade para o sujeito do iluminismo estava voltada para si mesmo, numa construção individual, na qual esse sujeito é autossuficiente. Por outro lado, na perspectiva sociológica concebe-se a noção de um sujeito em relação com os demais que compõem o seu círculo de proximidade e conseqüentemente influenciam na construção de sua identidade, numa relação direta entre o indivíduo e a sociedade. Por fim, a instauração da pós-modernidade concebe também um sujeito que está constantemente construindo sua identidade, numa percepção fragmentada de identidade, fazendo com que esse sujeito seja um reflexo do mundo em que vive, assumindo, portanto, diferentes e variadas identidades.

Tendo em vista a importância do conceito de identidade para este trabalho, compreendemos a necessidade de melhor defini-la, segundo o modo como a compreendemos. Nesse intento, lançamos luz acerca da abrangente noção de identidade proposta por Kiesling (2013): “identidade é um estado ou processo de relacionamento entre eu e o outro; identidade é como os indivíduos definem, criam ou pensam sobre si mesmos em termos de seus relacionamentos com outros indivíduos e grupos, sejam esses outros reais ou imaginários” (KIESLING, 2013, p. 450, tradução nossa).⁷

Apesar de sua abrangência, valemo-nos desta definição de identidade pois ela é coerente com o que pensamos a respeito deste termo. Entendemos, pois, que a identidade é construída socialmente, pelas nossas vivências e experiências e pelas nossas relações com o outro, tal como observado em Hall (2006) e Kiesling (2013). Em seu turno, Oushiro (2019) acrescenta que a identidade “é um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo”. Por outro lado, a linguista chama a atenção para os aspectos de ordem ideológica e cultural, sob os quais o indivíduo não tem controle e podem influenciar diretamente na construção de sua identidade. Nesse sentido, Kiesling (2013) salienta que esta noção de identidade contempla a sua dupla natureza, ou seja, ao mesmo tempo em que é individual, a identidade é também coletiva, construída socialmente.

Tal apontamento está ancorado na observação de que uma identidade é delineada pela relação com o outro e, sobretudo, pela relação de pertencimento a determinado grupo. O pertencimento não se dá de modo aleatório ou apenas pela adesão a um grupo específico, mas pelas marcas que nos assemelham e/ou identificam com um grupo específico e pelas marcas que nos diferenciam de outros grupos.

Dentre estas marcas, destacamos a língua como um dos elementos que conferem a noção de pertencimento a determinado grupo, e, portanto, configura uma relação de solidariedade e de identidade coletiva. A esse respeito, Kiesling (2013) afirma que a criação de significados sociais e identidades é facilitada pelo uso de variáveis linguísticas. Acreditamos, pois, que a linguagem de Patativa do Assaré apresenta essas marcas linguísticas que permitem identificá-lo com determinado grupo social. Do mesmo modo, as marcas sociais, geradas principalmente pela desigualdade social, conforme declamado pelo autor em suas produções

⁷ “Identity is a state or process of relationship between self and other; identity is how individuals define, create, or think of themselves in terms of their relationships with other individuals and groups, whether these others are real or imagined.” (KIESLING, 2013, p. 450)

poéticas, são também aspectos que contribuem para essa aproximação do autor com este grupo, o grupo social das pessoas que vivem no sertão, ou de forma mais simples, os sertanejos.

Diante dessa proposição, percebe-se que a construção de uma identidade não está relacionada apenas a fatores individuais, mas é também construída de forma coletiva, através da integração do sujeito com o mundo que o cerca. Logo, pode-se afirmar que a identidade é uma construção histórica e cultural.

Como construção cultural, está condicionada aos elementos que envolvem e definem uma cultura específica. Apesar da crescente globalização e interação entre culturas, ainda existem elementos que marcam de forma pontual uma cultura, como a língua por exemplo. Desse modo, entendemos a língua como um elemento cultural que contribui para a construção de uma identidade individual e social, confirmando as semelhanças com um grupo e destacando as diferenças em relação aos demais.

3 PATATIVA DO ASSARÉ E A IDENTIDADE SERTANEJA

Neste capítulo, temos a intenção de compreender aspectos relacionados a Patativa do Assaré, assim como as marcas sociais da sua comunidade de fala presentes em sua obra, identificadas pelos usos linguísticos do sertanejo e, por fim, o modo como a linguagem sertaneja é compreendida a partir da angulação dada por diferentes autores.

Para cumprir o objetivo proposto para este capítulo, iniciamos apontando aspectos biográficos de Patativa do Assaré. Desse modo, pretendemos compreender a história de vida do autor, bem como os fatores sociais que marcam sua biografia e que podem ser condicionadores da linguagem utilizada por ele.

Em seguida, ampliamos nosso escopo e passamos a identificar, a partir da ótica de diferentes autores e do próprio Patativa, os aspectos sociais caracterizadores da comunidade de fala de Assaré, especificamente do povo sertanejo. Pretendemos destacar elementos que descrevem o município cearense, bem como os aspectos sociais que evidenciam a face coletiva da identidade sertaneja.

Lançada essa visão biográfica e social de sua comunidade de fala e nos elementos que caracterizam sua identidade sertaneja, no fechamento deste capítulo, teremos como foco a construção analítica da linguagem de Patativa do Assaré a partir dos diversos trabalhos já realizados sobre sua produção poética. Com essa abordagem, objetivamos aprofundar nosso conhecimento sobre a linguagem de Patativa do Assaré a partir de diferentes angulações e, por conseguinte, refinar nossa análise acerca do objeto central em nosso estudo: a linguagem sertaneja de Patativa do Assaré.

3.1 O pássaro de Assaré

A produção de Patativa do Assaré se mistura com sua vida, por essa razão, entendemos como relevante destacarmos aspectos biográficos do autor como forma de melhor fundamentar as reflexões e análises de sua produção. Nogueira (2017) concorda com este pensamento destacando a importância de compreender a história de vida de Patativa do Assaré. Segundo a pesquisadora:

Todos os críticos e estudiosos de Patativa do Assaré abordam sua biografia, porque a relação entre vida e obra, no seu caso, teve uma coerência e uma unidade pouco comuns na literatura. As experiências e os poemas patativanos se imbricam; a obra não se situa fora de seu contexto biográfico, mas participa de sua vida. O poeta

representa a memória popular, logo, sua poesia é ligada ao que vivenciou enquanto homem simples e camponês. (NOGUEIRA, 2017, p. 17)

Frente a esta necessidade, passamos a indicar alguns aspectos marcantes de sua história de vida. Antônio Gonçalves da Silva foi um poeta de origem popular nascido aos cinco dias do mês de março do ano de mil novecentos e nove, em Assaré, região do Cariri cearense, sul do estado, a cerca de 470 km da capital, Fortaleza. Na infância, perdeu a visão do olho direito, possivelmente como consequência de um acometimento por sarampo e provavelmente à precariedade dos serviços de saúde. Vivendo em uma região distante dos grandes centros urbanos e marcada pela desigualdade social, o artista teve uma infância difícil, de perdas familiares e falta de acesso à escola, precisando desde cedo lutar para sobreviver, principalmente em atividades relacionadas à agricultura.

A perda precoce da figura paterna fez com que Antônio e seus irmãos tivessem sua responsabilidade aumentada em relação à família, o que reforçou seu trabalho como agricultor. O próprio autor relata este episódio em sua autobiografia que introduz a obra *Inspiração Nordestina*: “Quando completei oito anos fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza” (ASSARÉ, 2003 [1956], p. 11). É desse trabalho com a agricultura que surge também um olhar aguçado acerca dos elementos da natureza que motivaram o autor a falar sobre suas belezas e a refletir sobre a vida sertaneja, incluindo as condições de trabalho e a distribuição de terras.

Aos doze anos, Antônio frequentou a escola por um curto período de tempo, mas teve que abandoná-la. Segundo o autor, tratava-se de “uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor” (ASSARÉ, 2003 [1956], p. 11). Apesar disso, o tempo foi suficiente para que ele aprendesse a assinar seu nome e, mais que isso, tivesse acesso aos livros, que despertaram o prazer pela leitura. As dificuldades eram constantes na vida do poeta, no entanto, seu autodidatismo possibilitou que ele conhecesse e se encantasse pela arte de fazer poesia. Para além dos fatores mencionados, Patativa do Assaré atribuiu também seu talento a um dom natural, destacando a facilidade que tinha para produzir seus poemas, conforme mencionado por ele próprio em entrevista concedida a Alencar (1997).

Ainda jovem, Antônio viajou ao norte do país acompanhado de seu primo que lá morava, viagem essa que se relata em um capítulo da obra *O matuto cearense e o caboclo do Pará*, de José Carvalho. Ao retornar, Antônio continuou sua prática de produção de poemas no improviso. Em 1936, casou-se e desta união teve nove filhos.

Com o reconhecimento de seu talento logo foi apelidado de Patativa do Assaré, o primeiro nome em referência a um pássaro predominante da região do Araripe no Ceará e que

se caracteriza pelo belo canto, dado por José Carvalho de Brito, seguido do topônimo que demonstra uma necessidade do autor em indicar sua procedência como marca de identidade a partir da distinção em relação a outros poetas que também carregavam o nome de Patativa.

Foi essa reclusão, esse afastamento dos grandes centros e essa aproximação com a terra, sua gente, a vivência plena do trabalho no campo que deu a Patativa a consciência social de intérprete dos que não tinham condições de se expressar, de porta-voz dos excluídos de sempre e de poeta dos grandes temas. (CARVALHO, 2017, p. 25)

A observação de Carvalho (2017) coaduna com a produção poética do autor, permeada pelos elementos de sua realidade e engajada com a voz de seu povo. Sua habilidade com as palavras e a capacidade de memorização impressionava a todos, tanto que, nos dias de feira, Antônio era convidado a recitar seus poemas na rádio Araripe. Em uma dessas participações na rádio local, Patativa foi ouvido por José Arraes de Alencar, seu conterrâneo que morava no Rio de Janeiro e estava em visita a familiares na cidade. Logo, José Arraes o procurou com uma proposta de publicação para seus livros. Mesmo com suas ressalvas, Patativa aceitou a proposta e, assim, surge sua primeira obra: *Inspiração Nordestina* (1956).

Todavia, sua notoriedade foi ampliada quando o seu poema “*A triste partida*” foi gravado por Luiz Gonzaga, grande nome da música popular nordestina. Percebemos, pois, um reconhecimento paulatino do talento de Patativa do Assaré, saindo dos pequenos encontros, ampliando sua voz por meio do rádio, que era um relevante meio de comunicação à época, e chegando ao nível nacional com a publicação de seu primeiro livro e a musicalização de seu poema.

Em 1978, Patativa do Assaré lançou a obra *Cante lá que eu canto cá* (1978). De acordo com Carvalho (2017), a obra lançada pela editora Vozes “lhe deu o reconhecimento dos meios intelectuais e possibilitou sua leitura por maiores contingentes de público, graças à distribuição nacional e às sucessivas reedições (em torno de 15) que ganhou”.

Dez anos depois, Patativa do Assaré passou por um transplante de córnea que lhe devolveu a visão. Neste mesmo ano, o autor lança a obra *Ispinho e Fulô* (1988), inicialmente publicada pela Imprensa Oficial do Ceará e que, atualmente, pertence a editora Hedra. Apesar de seu transplante ter sido bem sucedido, cinco anos depois, uma atrofia do nervo óptico levou Patativa à completa cegueira.

Patativa do Assaré é autor de vários poemas que estão reunidos em diversos títulos, além dos já citados, tais como: *Balceiro - Patativa e outros poetas de Assaré* (1991), *Balceiro 2* (2002), *Ao pé da mesa* (2002), *Antologia poética de Patativa de Assaré* (2002), entre outros.

A esses, somam-se suas produções na música, desde canções gravadas por grandes intérpretes como Luiz Gonzaga e Fagner, até os seus próprios discos, como: *Poemas e canções* (1979), *A terra é naturá* (1981), *Patativa do Assaré* (1985), *Patativa - 80 anos de luz* (1990), *Patativa - 85 anos de luz e poesia* (1994).

Em suas produções, chama a atenção a competência linguística do autor ao alternar entre a linguagem sertaneja e a linguagem normativa. Sua competência literária também é comprovada pelo uso de rimas e métricas que se assemelham aos trovadores clássicos. A publicação destes poemas em livro é um marco que nos permite acessar e perpetuar a riqueza linguística, cultural, artística e política de Patativa do Assaré.

Dada sua importância e a genialidade de sua produção, o poeta sertanejo recebeu diversas honrarias, dentre as quais citamos: prêmio do Ministério da Cultura na categoria cultura popular, as Medalhas José de Alencar e da Abolição, dadas pelo Governo do Estado do Ceará, os títulos de Doutor Honoris Causa das Universidades Regional do Cariri, Federal do Ceará e Estadual do Ceará, entre outras, o troféu Sereia de ouro, do grupo Edson Queiroz e deu nome ao edital de estímulo a cultura sertaneja lançado pelo Ministério da Cultura. Ademais, na região onde nasceu e viveu, Patativa do Assaré é nome de rodovia, escola, rádio comunitária e, até mesmo, de adutora de abastecimento de água, conforme atestado por Carvalho (2017).

Patativa do Assaré faleceu no ano de 2002, há exatos 20 anos, contudo, sua vida, suas experiências e suas reivindicações estão registradas nas mais diversas produções lançadas. Além da linguagem, a criação poética de Patativa do Assaré é destacada pelo conteúdo presente em suas produções, notadamente de caracterização da vida sofrida do sertanejo e de reivindicação a favor de causas sociais. Por essa razão, Patativa do Assaré apresenta-se como um importante autor de literatura popular e suas produções possibilitam análises e reflexões acerca de diferentes aspectos da identidade sertaneja, dentre os quais, sua linguagem, que destacamos neste estudo.

3.2 Assaré - o berço linguístico de Patativa

Assaré é um dos 184 municípios que pertencem ao território da unidade federativa do Ceará, um dos nove estados que pertencem à região Nordeste do Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021), Assaré tem uma população estimada de 23.527 pessoas, tendo em vista que no último censo realizado (2010) o município apresentava uma população de 22.445 pessoas.

Ainda em conformidade com o último censo feito pelo IBGE (2010), o município apresentava uma alta taxa de escolarização: 96,6%. Em relação à quantidade de estabelecimentos de ensino, o município dispõe de 13 escolas: 10 escolas de ensino fundamental e 03 escolas de ensino médio, conforme os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2022). De acordo com o IBGE (2009), o município contava à época com apenas 10 estabelecimentos de saúde.

Os dados mais recentes atestam o desenvolvimento do município cearense em relação à escolaridade, por exemplo, visto o fato de que os números do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, apresentados pelo INEP (2019), demonstram um crescimento. Entretanto, o quadro recente do município não se mostra adequado aos nossos propósitos, tendo em vista que não é neste contexto em que está inserido Patativa do Assaré. Tal assertiva nos remete, pois, a uma caracterização do município que corresponde a cerca de 100 anos atrás, período em que Patativa do Assaré viveu seus primeiros anos de vida e também a fase mais acentuada de sua produção.

Dado o advento das tecnologias da informação e comunicação, os dados atualizados são encontrados de modo mais preciso e organizado mediante a publicização dos índices que medem os aspectos sociais do Brasil. Contudo, os dados de uma época tão remota não são disponibilizados do mesmo modo. Assim, tomamos a própria percepção de Patativa acerca do município de Assaré como nossa fonte primária de informações.

Sob a ótica de Patativa, o poema *Assaré*, publicado na obra *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]) oferece uma descrição do município, apontando alguns de seus problemas. Nesta produção, o autor inicia destacando as belezas naturais de Assaré, bem como ressaltando seu orgulho de ter nascido e viver por ali: “Não te dou nem te troco/ Por terra de seu ninguém. / Quero é que Deus me dê vida, / uma vida bem comprida / P’ra gozá do que tu tem.” (ASSARÉ, 2003 [1956]).

Entretanto, em certo momento do poema, o autor se desfaz da visão conotativa acerca do seu lugar de origem e passa a descobri-lo com os olhos da realidade, evidenciando suas precariedades. Segundo o eu-lírico, o município possui somente suas belezas naturais, mas pouco tem de história, fama e glória. Não obstante, o autor compara-se a Assaré por meio da relação de semelhança que há entre eles e que se estabelece pela pobreza como uma marca que pertence a ambos.

Enquanto Patativa não possuía roupas elegantes e não tinha acesso à escola, a desigualdade social se manifestava em Assaré por meio da ausência de serviços públicos. Enfatiza-se ainda que Assaré não possuía calçamento, colégio, avenida, cinema e, nem mesmo,

hospital. A crítica social apresentada neste poema é fortalecida pela comparação feita entre Assaré e outros municípios, ressaltando que se trata de um município esquecido e que só é lembrado no período eleitoral.

O contraponto entre as belezas naturais e as mazelas sociais é o cerne deste poema em que o eu-lírico volta o olhar para um lugar “tão pobre, tão sem recuço”, mas que para ele é motivo de orgulho. Nesse ensejo, o autor dirige-se a Assaré pedindo “me perdoe por caridade, / De falá pubricamente / Descobrimdo a toda a gente / A tua necessidade”. (ASSARÉ, 2003 [1956]). Fica claro, pois, o orgulho que o autor tem em relação ao seu município de origem, mas também a sua consciência social e conhecimento político que não lhe permitem falar sobre Assaré sem reconhecer as suas necessidades. A esse respeito, Cobra (2006) aponta que:

Descrevendo seu lugar de origem, tendo como referência Assaré e o Sertão em geral, Patativa mantém sua indignação e tristeza diante da pobreza e ausência de recursos e investimentos econômicos nessa região; prossegue sempre aperfeiçoando o tom de sua crítica social, chegando inclusive a identificar toda a classe pobre ou matuta, como ele mesmo diz, com seu próprio estado. (COBRA, 2006, p. 51)

Do mesmo modo, no poema *Vida Sertaneja*, publicado na obra *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]), o autor evidencia valores sertanejos e, novamente, remete à precariedade e/ou ausência de serviços públicos. Quanto à caracterização, o autor destaca a força de trabalho dos sertanejos em contraponto à sua ausência de conhecimento mais aprofundado sobre o mundo, marca da falta de estudo. Não obstante, evidencia-se, mais uma vez, a falta de serviços de saúde, quando o eu-lírico relata a morte de uma mulher no parto, observando que os sertanejos atribuem este feito à providência divina, quando na realidade, a morte se deu pela falta de assistência médica. Do mesmo modo, o autor remete ao pagamento de taxas/impostos numa clara relação desproporcional entre pagamento de tributos e ausência de serviços públicos básicos.

Ao empreender uma análise do poema em foco, Andrade (2008) desvela suas diferentes nuances que são alternadas entre a própria vida de Patativa, em uma mistura entre eu-lírico e autor, e os aspectos negativos da vida no sertão que afetam não somente a ele próprio, como a todos que lá vivem. A esse respeito, o pesquisador acrescenta:

As seis estrofes finais trazem à cena apenas os aspectos negativos da vida sertaneja. O estado de abandono, a falta de benefícios sociais, a carência de recursos para cuidar da saúde do povo são ilustrados pela referência à morte de mulheres por ocasião do parto, enquanto isso, a dor que atinge os que ficam não gera qualquer reação combativa porque a ideologia disseminada trata de iludir e ocultar a verdadeira causa dos problemas e os verdadeiros culpados e, então, o luto dos familiares se faz acompanhar de resignação sob a justificativa de que tudo de ruim que lhes acontece foi porque Deus determinou. (ANDRADE, 2008, p. 184-185)

Apesar de pertencerem à esfera literária, os poemas de Patativa valem-se da sua realidade como fonte de inspiração, seja para cantar as belezas naturais de Assaré, seja para denunciar a desigualdade social por meio da caracterização da vida sofrida do sertanejo. Tal perspectiva é corroborada por Teixeira (2014) que destaca que Patativa do Assaré “achou a matéria prima de suas produções, na lida com a terra e na comunidade do lugar onde nasceu e viveu, o Nordeste”.

Dada a necessidade de validar as percepções de Patativa acerca de Assaré, recorremos a Carvalho (2017) que observa que Assaré pertencia à Saboeiro, mas passou a condição de vila no ano de 1865. Quanto aos serviços de saúde, o pesquisador confirma a ausência de médicos em Assaré, constatando a existência apenas de um farmacêutico, chamado Idelfonso Camapum. Em relação à escolaridade, Carvalho (2017) atesta o pouco tempo que Patativa do Assaré estudou e reforça a formação precária do professor, análise que é embasada pelas próprias memórias de Patativa. Por fim, na caracterização dos sertanejos, o autor destaca a monotonia de suas vidas que pareciam seguir um roteiro pré-definido pelo contexto social:

Antonio Gonçalves da Silva teria a mesma sina de tantos outros que trabalharam a terra, casaram, tiveram filhos e deixaram poucas marcas, não fosse a excelência de uma produção poética surpreendente, pela possibilidade de novas descobertas e angulações. (CARVALHO, 2017, p. 17)

Verificamos, pois, que é por sua produção poética que Patativa do Assaré mudou os rumos de sua história e se consagrou como um importante nome daquele município e um dos grandes nomes da literatura popular cearense. Frente às inúmeras possibilidades de abordagem de sua obra, neste estudo, colocamos em tela a linguagem sertaneja do autor.

Portanto, visando compreender esta linguagem a partir das diferentes perspectivas analíticas, na seção seguinte verificamos o modo como este objeto de estudo se constrói a partir de outros vieses. Com isso, aprofundamos nossa compreensão sobre a linguagem do autor, bem como delineamos os aspectos de sua linguagem que tornam o nosso trabalho significativo.

3.3. O falar sertanejo em Patativa do Assaré

Nesta subseção temos como objetivo realizar um escrutínio de nosso objeto de estudo. A linguagem humana é complexa e, por isso, permite inúmeros desdobramentos teóricos e perspectivas analíticas. Neste estudo, assumimos a Sociolinguística como teoria que

o fundamenta, compreendendo, pois, a heterogeneidade da língua manifestada através de seu efetivo uso.

Dessa forma, recorremos a outro conceito dessa subárea da Linguística que nos interessa: o de competência sociolinguística. A competência sociolinguística de um falante se dá não somente pelo domínio da norma considerada padrão, mas também pela utilização das diferentes variedades que a língua apresenta, bem como a percepção das avaliações sociais destas variedades. Nesse sentido, observamos a competência sociolinguística de Patativa do Assaré ao produzir textos seguindo os parâmetros normativos da língua, bem como ao produzir na linguagem de seu povo. É para essa segunda que voltamos o olhar, dado o seu caráter dinâmico.

A dinamicidade presente na linguagem utilizada por Patativa do Assaré e que está associada a linguagem de seu povo permite sua caracterização como linguagem sertaneja, por ser um uso linguístico característico do sertão nordestino. Sendo assim, entendemos que o uso dessa linguagem pelo autor reflete sua face coletiva, não sendo somente característica de um idioleto, mas também de um socioleto. A partir desta constatação, assumimos o caráter indissociável dos aspectos regionais e sociais que permeiam a linguagem do autor, portanto, recorremos a Aragão (1999) para identificá-la como sócio-dialetal.

Nesse cenário, optamos doravante a nos referirmos a linguagem do autor como falar sertanejo. A esse respeito, ressaltamos que a adoção do termo falar está relacionada a dois aspectos que são relevantes nesta produção de Patativa do Assaré: a atividade linguística e a oralidade.

Entendemos por atividade linguística uma ação que é desenvolvida pelo falante a partir da utilização dos recursos disponibilizados pelo sistema linguístico, utilizando-o a favor de suas intenções comunicativas. De modo análogo, entendemos a oralidade como a manifestação linguística que ocorre por meio da fala. Nesse sentido, justifica-se a opção pela utilização do termo falar, visto o fato de que, mesmo na escrita, os poemas produzidos pelo autor a partir do falar sertanejo apresentam traços da atividade linguística cuja realização se dá pela oralidade. Ademais, associamos ao termo falar o adjetivo sertanejo, dada sua relação com um lugar, o sertão, e com um grupo social representativo deste lugar, os sertanejos.

É sob o prisma da oralidade que muitos dos estudiosos concebem a linguagem de Patativa do Assaré. Cobra (2006) destaca as vivências do autor como forte fator para a assimilação de uma cultura oral e sua reprodução através de seus poemas cantados, preservando suas características e marcas de oralidade, mesmo quando seus textos eram escritos. Corroborando com essa perspectiva, e tomando a análise do discurso como embasamento,

Nascimento (2008) enfatiza a alternância entre produções que valorizam o falar sertanejo e outras que privilegiam a linguagem padrão. Nesse cenário, é feita menção ao falar sertanejo de Patativa como representação do povo sertanejo e destaca-se a presença de todas as marcas características da oralidade.

Rebouças (2017) ressalta a forte tradição oral presente na obra de Patativa do Assaré, feita no improviso e para ser cantada. A autora evidencia ainda que o espaço acadêmico demorou a reconhecer que por trás de sua linguagem havia a possibilidade de diferentes perspectivas de análise, inclusive no aspecto formal da produção de seus poemas.

Considerando a oralidade como a razão de ser da obra de Patativa do Assaré, Brito (2018) aponta que as marcas de oralidade presentes na composição poética do autor não correspondem a uma maneira de menosprezar e/ou ridicularizar a linguagem de seu povo, mas sim de dar voz e valorizar o falar de sua comunidade. Ainda sobre esse tema, o pesquisador enfatiza que Patativa dispunha de uma “voz capaz de tocar a existência desde a linguagem comum de todo dia e dos temas mais corriqueiros, haurindo daí a matéria-prima para sedimentar a vida de sentido” (BRITO, 2018, p. 12).

A partir dos trabalhos apresentados, observa-se que a linguagem característica de Patativa do Assaré é abordada na maioria das pesquisas de distintas áreas como marcas específicas da fala, entretanto, estes estudos não focalizam os aspectos da língua em variação. Diante do exposto, é necessário explorar trabalhos que estejam relacionados aos aspectos linguísticos e literários da produção de Patativa, para que se defina um delineamento mais preciso e relevante para o estudo proposto.

Tomando como referência os aspectos literários da produção de Patativa do Assaré, Andrade (2008) busca identificar as características inerentes à produção poética do autor, abordando também os aspectos relacionados à oralidade que, valendo-se de Paul Zumthor, é classificada em dois tipos: a oralidade coexistente com a escrita e a oralidade mecanicamente mediatizada. O estudioso acentua o ajuste dos poemas do autor ao seu público, fazendo uso de uma linguagem acessível àqueles menos privilegiados socialmente. Ao analisar alguns poemas que constituem o *corpus* de sua pesquisa, Andrade (2008) salienta que os recursos linguísticos funcionam como suporte para interpretações relacionadas ao conteúdo e à estruturação dos poemas analisados, tais como o uso de figuras de linguagem, a conexão entre os versos e a composição rítmica.

Em seu turno, Aguiar, Conte e Tettamanzy (2017) discorrem sobre a problematização inerente à historiografia da literatura brasileira e a inclusão da literatura popular no panorama literário do país. Visando comprovar a qualidade das produções literárias

de caráter popular, são analisados aspectos formais dos poemas de Patativa do Assaré, constatando-se a predominância de versos regulares, metro apropriado para textos orais, tal qual no trovadorismo português. O estudo sublinha o rigor formal presente em suas produções, apesar do português *mal escrito* que contribui para a composição das rimas. Ao utilizar a expressão em destaque chama-se atenção para a linguagem de Patativa que, na maioria das vezes, é compreendida de forma pejorativa e permeada pelo preconceito linguístico.

Observa-se que os estudos apreciados no âmbito da literatura exploram a linguagem do autor como recurso constitutivo de sua produção, destacando a importância da oralidade como expediente de originalidade, entretanto, não exploram as variações linguísticas, carecendo de descrições e análises de teor linguístico propriamente dito.

Pinheiro (2006) debruça-se sobre a criação poética de Patativa do Assaré, analisando a linguagem utilizada pelo autor e a presença constante da língua falada, mesmo quando suas produções são escritas. Com esse direcionamento, a pesquisa realizada destaca o ambiente que deu margem à produção poética do autor, estando a oralidade presente desde a formulação à publicização de seus poemas. A esse respeito, Pinheiro (2006) destaca que “o fato de ter sido escrita não sufoca a oralidade que é um elemento constitutivo de sua produção poética”. Nosso pensamento converge com o da pesquisadora, pois, verificamos que os textos escritos no falar sertanejo explicitam essas marcas de oralidade, bem como a utilização de variantes linguísticas que divergem das variantes de prestígio.

A obra de Patativa do Assaré configura-se como um objeto de pesquisa produtivo e por isso é alvo de diferentes investigações. Brito (2009) menciona os aspectos orais pertinentes à produção de Patativa do Assaré, mas não analisa as variações linguísticas e/ou os fatores nela imbricados, confirmando a existência de lacunas e pontos de vista ainda não explorados em sua produção. Por sua vez, Moura (2011) investiga a oralidade presente em duas obras de Patativa do Assaré, observando de que maneira o uso de recursos orais se diferencia entre uma obra e outra, no que o autor chama de oralidade primária e oralidade mista, entretanto, não focaliza nas marcas linguísticas que caracterizam sua linguagem.

Uma análise pontual da presença de variações linguísticas em produções literárias de dois autores de regiões diferentes do país, o nordestino Patativa do Assaré e o sulista Jayme Caetano Braun, pode ser encontrada no estudo de Ponte e Freitas (2013). Ao analisar a linguagem de Patativa, os autores explicitam trechos específicos e indicam a quais tipos de variações esses trechos correspondem: diatópicas, diastráticas, entre outras. Porém, percebe-se uma análise classificatória, limitando-se a categorizar determinados trechos de um poema específico nos tipos de variações linguísticas indicados, carecendo de uma descrição e análise

dos aspectos linguísticos inerentes a essas variações. Não obstante, o estudo privilegia o vocabulário utilizado, evidenciando as diferenças linguísticas entre autores de regiões distintas do país.

Viés semelhante é adotado por Teixeira (2014), contudo, a autora traça um comparativo entre autores regionais de dois países: o Brasil, representado por Patativa do Assaré, e a Argentina, contemplada com a obra *Martin Fierro*, de José Hernández. No âmbito dos objetivos propostos em sua investigação, a estudiosa observa que ambos destacam em sua produção uma identidade regional, o primeiro construindo a figura do sertanejo, enquanto o segundo caracteriza o gaúcho. Na ótica literária assumida, a autora privilegia elementos da produção dos escritores mencionados como característicos de uma identidade, incluindo os elementos linguísticos, novamente sob o rótulo de oralidade, suscitando uma investigação mais aprofundada acerca dessa oralidade presente na obra de Patativa do Assaré.

A abordagem da temática social é alvo do trabalho de Nogueira (2017). Seguindo essa linha, a autora analisa alguns poemas de Patativa, destacando em especial os conflitos sociais e a documentação do sofrimento e das precárias condições de vida do povo sertanejo. Nesse intento, salienta-se ainda a visão do poeta como porta-voz de seu povo. No que diz respeito à linguagem, o estudo reafirma que o autor produziu seus textos nas linguagens sertaneja e normativa e que não se pautava em critérios específicos, ao escolher utilizar uma ou outra linguagem. Além disso, propõe uma catalogação em que as obras de Patativa do Assaré são organizadas conforme a linguagem utilizada. Assemelhando-se ao procedimento acima apresentado, Silva e Santos (2021) fazem uso da análise do discurso para observar o caráter social e reivindicatório das obras de Patativa do Assaré. Para tanto, consideram a linguagem como uma das três vertentes que faz com que a arte do poeta resista e reexista no campo social e literário.

Sob o viés linguístico, o trabalho de Alencar (1997) é pioneiro. Caracterizando a linguagem do autor como regional e popular, a pesquisadora toma como objeto de análise aspectos fonético-lexicais que caracterizam seu modo de utilizar a língua. Assumindo como teorias de base a dialetologia, a lexicografia e a lexicologia, o estudo tem como produto a construção de um glossário. Contudo, remetemos ao modo como os aspectos fonéticos são abordados por Alencar (1997), visto ser este um dos níveis de análise sobre os quais nosso estudo se dedica.

Patativa utilizou, nesta passagem, de modo espontâneo e natural, diversos processos, ora acrescentando, ora suprimindo, ora intercalando sílabas ou letras nas palavras, e o resultado desse emaranhado de aféreses, próteses, etc., foi a sua linguagem simples,

retratada fielmente em seus poemas. (ALENCAR, 1997, p. 49)

Verificamos, pois, que a partir do exposto por Alencar (1997), o falar sertanejo de Patativa do Assaré mostra-se como produtivo na realização de diferentes processos fonético-fonológicos. A esse respeito, a linguista ilustra esses processos a partir de exemplos retirados do *corpus*, classificando-os a partir de suas ocorrências em vogais ou em consoantes. Quanto aos processos de alteração de traços, Alencar (1997) postula alguns processos: por assimilação, por dissimilação, pela supressão, pela inserção, pela transposição e a monotongação como um processo de redução de vogais.

Por seu caráter inaugural, bem como pela descrição apresentada, o trabalho de Alencar (1997) se mostra muito relevante para a compreensão do falar sertanejo de Patativa do Assaré. Todavia, este estudo também aponta para as lacunas que buscamos preencher. Observamos que não há um tratamento quantitativo em relação aos processos fonético-fonológicos identificados e, por esse mesmo motivo, não são indicados quais processos são mais recorrentes, ou seja, ocorrem mais vezes no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Logo, acreditamos que nosso trabalho se coloca como relevante à medida que busca preencher a lacuna existente, bem como contribuir para uma descrição minuciosa da linguagem do autor.

As funções da linguagem presentes nos poemas de tradição popular e de tradição clássica de Patativa do Assaré são objeto da investigação proposta por Brandão, Martins e Fraga (2017). Ao adentrar nas produções poéticas do autor, verifica-se, por um viés discursivo, um processo de construção de uma identidade individual e coletiva.

Por sua vez, Sousa e Murakawa (2019) observam que Patativa do Assaré fazia uso de uma “linguagem diferenciada dos demais poetas de seu tempo, marcando sua poesia com uma forte temática regionalista, cuja linguagem é a principal expositora da cultura de seu povo”. Partindo desse pressuposto, os autores procedem a uma análise ilustrativa da manifestação da variação linguística em diferentes níveis de análise: fonético-fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico e estilístico-pragmático. Por fim, Sousa e Murakawa (2019) concluem enfatizando que “a Literatura de Cordel do referido autor é uma fonte de pesquisa para os estudos sociolinguísticos, na medida em que apresenta especificidades do linguajar de determinada comunidade linguística, a de Assaré/CE.”

Frente aos trabalhos acima apresentados, ressaltamos a complexidade do objeto de pesquisa em escrutínio. Diversas são as teorias sobre as quais os estudos suprareferidos assentam suas análises. A partir, pois, dessas diferentes abordagens e partindo da premissa de Saussure (2012 [1916]) de que “o ponto de vista cria o objeto”, passamos a destacar os aspectos

de nosso estudo que atestam sua relevância, bem como delineiam sua originalidade, diferenciando-o das demais propostas apreciadas.

A começar pela teoria da Sociolinguística, verificamos que poucos são os trabalhos que a tomam como norte para as análises. A saber, os estudos de Ponte e Freitas (2013) e Sousa e Murakawa (2019). Enquanto os primeiros ocupam-se em categorizar os tipos de variações linguísticas observados em textos de Patativa do Assaré, os segundos apresentam uma visão panorâmica da manifestação dessas variações nos diferentes níveis de análise linguística.

Nessa perspectiva, Sousa e Murakawa (2019) destacam a ocorrência de processos fonético-fonológicos, que são caracterizados pelo apagamento de segmentos, a inserção de segmentos e mudanças ou especificações de traços. Assim como em Alencar (1997), o estudo colabora para ilustrar as ocorrências de variações linguísticas neste nível de análise, entretanto, aponta também para a necessidade de um tratamento quantitativo que identifique os processos mais recorrentes, isto é, que se manifestam em maior quantidade. Tal informação será acrescentada pelo nosso estudo, o que confirma sua contribuição em relação a este nível de análise.

Outrossim, acreditamos que o estudo proposto, à medida que identifica processos recorrentes, contribui para dirimir problemas advindos da transposição da fala para a escrita que foram constatados por Carvalho (2017). Segundo o pesquisador, a diversidade de pessoas que contribuíram para o registro escrito dos poemas de Patativa culminou na falta de padronização na grafia de alguns termos, conforme ilustrado pelo autor no exemplo de doutor, que é encontrado, além da forma convencionada, como doutô, dotô. Ao utilizar diferentes poemas e obras diversas, acreditamos que podemos contribuir para uma compreensão que favoreça a identificação das formas correspondentes às formas utilizadas no falar sertanejo.

No que concerne ao nível morfossintático, realizamos um recorte para a variável concordância, tendo em vista ser esta uma variável que se mostra relevante no estudo das variedades populares. Diante desta variável de natureza morfossintática, Sousa e Murakawa (2019) reconhecem as diferentes realizações linguísticas que exemplificam sua ocorrência. Entretanto, não identificam em que tipo de concordância - nominal ou verbal - essas variações se mostram mais produtivas, tampouco problematizam acerca do contexto interno que pode motivar essas variações. Partindo dessas constatações, acreditamos que o estudo que ora se apresenta lança luz acerca dessas questões e, por isso, oferece respostas que, até então, não foram evidenciadas.

Finalmente, um outro ponto que caracteriza a contribuição deste trabalho para uma melhor descrição e compreensão do falar sertanejo de Patativa do Assaré está relacionado à

noção de identidade. Tal noção já foi adotada por alguns dos estudos citados anteriormente, contudo, sob uma outra perspectiva teórica, notadamente a da análise do discurso. Oferecer, pois, uma análise da identidade sertaneja a partir do viés sociolinguístico representa uma outra lacuna que buscamos preencher, colaborando assim para ampliar o conhecimento acerca do objeto pesquisado.

Diante do exposto ao longo deste capítulo, podemos constatar a polifonia que é representada nos textos de Patativa do Assaré. A utilização do falar sertanejo não se mostra apenas como um recurso estilístico do autor, mas também como um recurso político e ideológico. Para além desses, o falar do povo sertanejo atesta a dinamicidade da língua e o modo como fatores sociais podem condicionar sua utilização. A mobilização de todos esses recursos constitui a riqueza da produção de Patativa do Assaré e ratifica a possibilidade de estudar sua linguagem a partir dos diferentes vieses que a ciência nos proporciona.

Todavia, a coerência e validade do estudo passam, além do arcabouço teórico, também por uma organização metodológica adequada ao objeto e aos propósitos. Por isso, no capítulo seguinte apontamos os parâmetros metodológicos que conduziram o estudo realizado.

4 METODOLOGIA

De acordo com Marconi e Lakatos (2022), “o conhecimento científico abrange fatos concretos, positivos e fenômenos perceptíveis pelos sentidos, através do emprego de instrumentos, técnicas e recursos de observação”. A partir desta constatação, compreendemos a importância de estabelecer um percurso metodológico adequado ao propósito pretendido pela nossa pesquisa.

Visando, pois, o cumprimento do objetivo proposto para um trabalho científico, faz-se necessária a construção de uma metodologia que permita ao pesquisador coletar, analisar e discutir os dados que embasam o trabalho. Conforme Paiva (2019), “fazer pesquisa é uma tarefa de investigação sistemática com a finalidade de resolver um problema ou construir conhecimento sobre determinado fenômeno”. Em face do exposto, compreendemos que este estudo busca contribuir para a construção de conhecimento acerca do falar sertanejo utilizado por Patativa do Assaré, colaborando, assim, para ampliar as descrições sobre o português brasileiro, sobretudo, as variedades que não gozam de prestígio social. Nessa perspectiva, detalhamos neste capítulo os aspectos que configuram a pesquisa realizada.

Neste intento, iniciamos caracterizando a pesquisa situando-a em relação à sua natureza, aos seus objetivos, à sua abordagem e aos procedimentos realizados. Em seguida, apresentamos o universo do qual partimos e recortamos a amostra que servirá de base para nossas análises, destacando os critérios que nortearam a seleção das obras e poemas que a compõem.

Na terceira subseção deste capítulo, descrevemos os procedimentos de coleta, elencando as etapas e ações que envolveram sua realização. Encaminhando para a conclusão deste capítulo, discorreremos acerca dos procedimentos que pautaram a análise dos dados coletados, bem como as categorias analíticas adotadas.

4.1 Caracterização da pesquisa

Em conformidade com Gil (2002), uma pesquisa se desenvolve a partir da apropriação de diferentes conhecimentos e de uma organização metodológica que considere a associação de métodos e procedimentos que viabilizem sua realização, assim como a correta análise e interpretação dos resultados obtidos. Neste contexto, a pesquisa ora exposta caracteriza-se como uma pesquisa de natureza básica, que é definida por Marconi e Lakatos (2021a) como uma pesquisa voltada para o construto teórico e para a geração de conhecimento.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva. Por sua vez, a abordagem será mista, ao articular tanto aspectos qualitativos quanto quantitativos. Marconi e Lakatos (2021b) destacam que a pesquisa quantitativa está apoiada em um modelo positivista, que se baseia em uma análise racional de dados estatísticos-matemáticos. Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2007) verifica que seu ponto de partida é uma análise que envolve significados, atitudes, aspirações, crenças, valores, ensejando reflexões que não podem ser representadas numericamente. Entendemos, pois, que a abordagem quali-quantitativa é a mais adequada às nossas pretensões. Sobre este tipo de abordagem, Paiva (2019, grifo da autora) observa que “a pesquisa **mista**, geralmente denominada quali-quantitativa, se utiliza de métodos qualitativos e quantitativos para a coleta de dados, de forma a oferecer melhor compreensão do fenômeno estudado”.

No que concerne aos procedimentos, o estudo foi estruturado por uma pesquisa bibliográfica desenvolvida em duas etapas. Primeiramente, o procedimento adotado teve como objetivo fazer uma revisão de literatura do material produzido sobre a temática estudada, considerando os aspectos da Sociolinguística Variacionista que são relevantes para o correto tratamento dos dados obtidos. Essa técnica alinha-se à natureza da pesquisa, contribuindo para aprofundar conhecimentos já existentes. Paiva (2019) compreende esse tipo de pesquisa como um recurso que tem o objetivo de posicionar o leitor em um contexto específico, permitindo-o uma melhor compreensão do conteúdo apresentado.

No segundo momento, a pesquisa bibliográfica objetivou analisar os aspectos linguísticos, biográficos e sociais compreendidos na produção poética de Patativa do Assaré. Os aspectos biográficos e sociais foram identificados a partir da literatura existente sobre o autor e confirmados pelas informações veiculadas em seus textos. Por sua vez, os aspectos linguísticos, que constituem o foco de nosso estudo e são provenientes da produção poética do autor, foram analisados considerando a amostra que será detalhada na próxima subseção.

4.2 Universo e delimitação da amostra

A pesquisa bibliográfica constitui a espinha dorsal deste trabalho uma vez que possibilitou a construção de um *corpus*, a partir do qual as análises foram desenvolvidas. Desse modo, no segundo momento, a pesquisa identificou e articulou diferentes obras que permitiram o aprofundamento da compreensão acerca da realidade sociocultural/sociolinguística na qual o autor analisado se insere. Além disso, a técnica utilizada permitiu constituir o *corpus* da pesquisa.

Visando a forte presença dos aspectos socioculturais como norteadora dos poemas

reunidos e publicados, consideramos neste trabalho três obras específicas de Patativa do Assaré: *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]), *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]) e *Ispinho e Fulô* (2012 [1988])⁸. Tomando como base o estudo de Carvalho (2017), selecionamos a obra *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]) por ser a primeira obra do autor publicada em livro. Por sua vez, a seleção de *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]) deu-se pela expressividade desta obra, bem como pelo seu sucesso, que é atestado pelas variadas edições. Por fim, a seleção da obra *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]) foi motivada por ser a mais atual, em relação às anteriores, e que, por isso, permitiu-nos verificar o aspecto temporal. Acreditamos que o espaço temporal entre as obras selecionadas pode ensejar diferentes perspectivas, mudanças e/ou permanências nos aspectos que caracterizam a linguagem do autor, conferindo à amostragem o recorte necessário sem desconsiderar as complexidades inerentes à dinâmica social e linguística.

Frente ao exposto, consideramos que os poemas escritos na linguagem sertaneja e reunidos nas obras acima elencadas constituem o universo de nosso estudo. Este universo é melhor caracterizado no quadro 06 que apresentamos abaixo:

Quadro 06 - Universo da pesquisa

Linguagem/Obra	01INPA	02CLCCPA ⁹	03IFPA ¹⁰	Total
Normativa	43	29	45	117
Sertaneja	38	37	27	102
Ambas	01	00	00	01
Total	82	66	72	220

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme exposto no quadro 06, as obras selecionadas para nosso estudo reúnem 220 poemas: 82 publicados em *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]), 66 publicados em *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]) e 72 publicados em *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]). Desta

⁸ De modo a sintetizar a referência às obras selecionadas, utilizaremos, em alguns momentos, os respectivos códigos: *Inspiração Nordestina*: 01INPA, *Cante lá que eu canto cá*: 02CLCCPA e *Ispinho e Fulô*: 03IFPA. O número que compõe o código diz respeito à ordem cronológica de publicação, que é seguido pela sigla da obra e, por fim, a sigla do autor.

⁹ *Cante lá que eu canto cá* ([1978] 2014) reúne, em sua totalidade, 107 poemas. Contudo, verificamos que destes, 41 poemas já haviam sido publicados em *Inspiração Nordestina* ([1956] 2003), por esta razão, consideramos apenas os 66 poemas que têm caráter de ineditismo em relação à obra anterior.

¹⁰ Em sua totalidade a obra *Ispinho e Fulô* ([1988] 2012) reúne 79 poemas. Entretanto, 07 destes poemas já haviam sido publicados nas obras anteriores. Dessa forma, consideramos apenas os 72 que pertencem exclusivamente a esta obra, dentre as selecionadas para o nosso estudo.

totalidade, verificamos que 102 foram produzidos fazendo uso do falar sertanejo. Dessa forma, o universo de nosso estudo corresponde a 102 poemas escritos nesta linguagem e publicados nos referidos livros.

Frente a grande quantidade de poemas e diante da necessidade de uma amostragem que atenda às condições da pesquisa empreendida, construímos uma amostra com 15 poemas em linguagem sertaneja de Patativa do Assaré, sendo cinco poemas de cada obra supracitada. Tal quantidade se mostrou apropriada uma vez que cada poema ofereceu diversos dados para análise.

A esse respeito, destacamos que a seleção, assim como a quantidade dos poemas que pertencem à amostra, ocorreu a partir de critérios alinhados aos aspectos teórico-metodológicos de nossa investigação. Visando, pois, um esclarecimento acerca desses critérios, passamos a indicá-los na próxima subseção.

4.3 Procedimentos de coleta

A partir do exposto anteriormente, verificamos que no universo da produção poética de Patativa do Assaré há uma diferença proeminente entre as produções em linguagem sertaneja e em linguagem normativa. Fato este que é comprovado com uma análise da forma como os poemas são organizados nas obras publicadas, ora em uma linguagem, ora em outra, sem transparecer um critério claro de organização. Alinhados aos objetivos deste estudo, coletamos poemas que foram publicados nas obras anteriormente mencionadas e produzidos na linguagem sertaneja.

Somado a isso, observamos também que a diversidade de temas é marcante na produção poética do autor, que se propõe a falar desde política à religião, passando pela desigualdade social, pela reforma agrária e até mesmo às angústias causadas pelo amor. Desse modo, consideramos relevante adotar o tema como terceiro critério de seleção.

Diante do exposto, foram selecionados poemas que, em seu desenvolvimento, explorem pelo menos dois de quatro eixos temáticos: a abordagem da história de vida do autor; a afirmação de uma identidade; a apreciação de sua linguagem; os aspectos socioculturais de sua comunidade. A escolha por esses temas foi motivada pela compreensão de que ao abordar essas temáticas, o autor explicita aspectos socioculturais de sua vida e produção e que são relevantes para a compreensão do objeto estudado. Desse modo, foram priorizados poemas que se alinham à proposta teórico-metodológica da pesquisa.

Nessa perspectiva, convém delimitar a concepção que adotamos acerca de cada

tema supracitado. Acerca do primeiro eixo temático, entendemos como abordagem da história de vida do autor a menção, nos poemas, a fatos que retratam o seu cotidiano, aspectos de sua vida e a menção à fatos do passado, resgatados pela memória. O segundo eixo temático se caracteriza pela afirmação de uma identidade que é manifestada nos poemas através do uso de termos, palavras ou expressões que indiquem o pertencimento do autor a determinada classe ou grupo social, considerando aspectos como a profissão, o lugar onde vive e a identificação com seu povo.

Em um trabalho centrado na descrição e análise dos usos linguísticos não se pode desconsiderar os fatores relacionados a esse uso. É nesse ensejo que a apreciação da linguagem é tomada como critério de seleção, considerando que as atitudes do usuário em relação à língua que utiliza são determinantes para a compreensão da avaliação que esse indivíduo faz do seu modo de falar. Nesse sentido, foram consideradas produções em que, de algum modo, o autor ressalta aspectos positivos e/ou negativos da linguagem utilizada, seja de modo isolado, ou em comparação com a linguagem normativa/formal.

Por fim, os aspectos socioculturais da comunidade apontam para informações que favorecem o entendimento acerca das questões sociais (escolaridade, emprego, moradia, condições financeiras, classe social, desigualdade social) que envolvem o contexto de produção e veiculação dos poemas. Não obstante, para esta categoria foram contemplados também enfoques que evidenciam elementos culturais da comunidade, tais como costumes, crenças, tradições, superstições, entre outros. Para que se garanta a ciência dos critérios elencados, sintetizamos as informações no quadro 07 abaixo apresentado:

Quadro 07: Critérios de seleção dos poemas que compõem a amostra

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE POEMAS QUE COMPÕEM A AMOSTRA	
Linguagem	Os poemas foram escritos no falar sertanejo.
Obra	Foram publicados em uma das obras: <i>Inspiração Nordestina</i> (2003 [1956]), <i>Cante lá que eu canto cá</i> (2014 [1978]), e <i>Ispinho e Fulô</i> (2012 [1988]).
Tema	Apresentaram em seu desenvolvimento, pelo menos, dois dos temas abaixo: <ol style="list-style-type: none"> I. A abordagem da história de vida do autor. I. A afirmação de uma identidade. II. A apreciação de sua linguagem. III. Os aspectos socioculturais de sua comunidade.

Fonte: Elaborado pelo autor

Definidos os critérios para a coleta dos poemas que constituem o *corpus*, concluímos que estes foram suficientes para o que nos propusemos com este trabalho. Nessa perspectiva, colocamos em tela os procedimentos metodológicos que configuraram a coleta dos dados. Nos termos de Marconi e Lakatos (2021b), realizamos inicialmente uma leitura exploratória que nos permitiu diferenciar os poemas produzidos na linguagem normativa e na linguagem sertaneja. A partir desta primeira leitura, identificamos os poemas escritos em linguagem sertaneja, portanto, objetos de nosso interesse. Em seguida, assumimos uma ótica ancorada nos critérios acima indicados e procedemos a uma leitura seletiva dos 102 poemas escritos em linguagem sertaneja de modo a coletarmos para a nossa amostra apenas aqueles que atendessem aos critérios de seleção, sobretudo, o atendimento a pelo menos dois dentre os quatro temas explicitados.

A partir desta segunda leitura, coletamos, em cada obra, cinco poemas que atenderam a todos os critérios de seleção previamente definidos. No quadro 08 abaixo, indicamos os títulos coletados, bem como os respectivos critérios que permitiram sua inserção nesta amostra:

Quadro 08 - Poemas que compõem a amostra (Continua)

OR	TÍTULO	LING.	OBRA	TEMAS ¹¹				PÁG'S:
				I	II	III	IV	
01	<i>O poeta da roça</i>	Sertaneja	01INPA	X	X	X	X	14-15
02	<i>Assaré</i>	Sertaneja	01INPA	X	X		X	43-50
03	<i>No meu sertão</i>	Sertaneja	01INPA		X	X	X	123-127
04	<i>Cante lá que eu canto cá</i>	Sertaneja	01INPA	X	X		X	275-280
05	<i>Cabôca da minha terra</i>	Sertaneja	01INPA			X	X	344-348
06	<i>Aos poetas clássicos</i>	Sertaneja	02CLCCPA	X	X	X		15-18
07	<i>Eu e o sertão</i>	Sertaneja	02CLCCPA	X	X		X	19-23
08	<i>“Vida sertaneja”</i>	Sertaneja	02CLCCPA		X		X	78-82
09	<i>Apelo de um agricultor</i>	Sertaneja	02CLCCPA	X	X	X		178-182

-
- I. ¹¹A abordagem da história de vida do autor
 II. A afirmação de uma identidade
 III. A apreciação de sua linguagem.
 IV. Os aspectos socioculturais de sua comunidade.

Quadro 08 - Poemas que compõem a amostra (Conclusão)

10	<i>Boa noite, Fortaleza</i>	Sertaneja	02CLCCPA		X	X		275-278
11	<i>Dois anjo</i>	Sertaneja	03IFPA	X		X	X	108-111
12	<i>Um candidato político na casa de um caçador</i>	Sertaneja	03IFPA		X	X	X	212-220
13	<i>A realidade da vida</i>	Sertaneja	03IFPA	X	X		X	257-265
14	<i>Inleição direta</i>	Sertaneja	03IFPA		X		X	298-301
15	<i>Ao poeta B. C. Neto</i>	Sertaneja	03IFPA		X	X	X	307-309

Fonte: Elaborado pelo autor

Selecionados os poemas, fizemos releituras que nos permitiram mapear cada dado que compõe os inventários deste estudo. Desse modo, iniciamos identificando os dados que compõem o inventário fonético-fonológico. Tais dados se caracterizam pela ocorrência de um processo fonético-fonológico que permite sua diferenciação no falar sertanejo em detrimento da norma-padrão. Convém mencionar que, em muitas situações, o mesmo dado apontava para a ocorrência de mais de um processo fonético-fonológico, o que motivou sua repetição no inventário.

Quadro 09 - Quantidade de dados do inventário fonético-fonológico.

Obra	01INPA	02CLCCPA	03IFPA
Quantidade de dados	634	601	669
Total	1904		

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme se expõe no quadro 09, foram coletados 1904 dados que compõem o inventário fonético-fonológico correspondente ao nosso estudo, dos quais, 634 foram coletados nos poemas da obra *Inspiração Nordestina (2003 [1956])*, 601 foram coletados na obra *Cante lá que eu canto cá (2014 [1978])* e 669 dados que foram flagrados nos poemas da obra *Ispinho e Fulô (2012 [1988])*.

Coletados os dados que formam o inventário fonético-fonológico, passamos a uma nova leitura com o olhar voltado para o nível morfossintático. Neste nível de análise, verificamos as ocorrências de variações linguísticas na representação da variável concordância

em comparação com o previsto pela norma-padrão da língua portuguesa. Nesta releitura, coletamos os dados que compõem o inventário morfossintático e que são sintetizados abaixo pelo quadro 10.

Quadro 10 - Quantidade de dados do inventário morfossintático

Obra	01INPA	02CLCCPA	03IFPA
Quantidade de dados	137	111	112
Total	360		

Fonte: Elaborado pelo autor

São 360 dados que compõem o inventário morfossintático estruturado. Destes, 137 dados foram coletados na obra *Inspiração Nordestina (2003 [1956])*, 111 dados foram evidenciados na obra *Cante lá que eu canto cá (2014 [1978])* e 112 dados foram retirados dos poemas que compõem a obra *Ispinho e Fulô (2012 [1988])*.

Com todos os dados coletados e tabulados, conforme esclarecido acima, prosseguimos com o tratamento analítico sob o viés qualitativo, inicialmente, e quantitativo no segundo momento. Os procedimentos bem como as categorias que possibilitaram as análises realizadas são detalhados na próxima subseção.

4.4 Procedimentos de análise

A partir das sucessivas leituras realizadas bem como da tabulação dos dados, prosseguimos com o tratamento analítico. Mediante a quantidade de dados e prezando pela coerência, bem como a validade interna do estudo, optamos por realizar a análise individual de cada poema para, em seguida, somarmos todos os dados. Acreditamos que esta decisão colaborou para a qualidade do estudo à medida que possibilitou uma análise meticulosa de cada dado.

Este cuidado também se refletiu no modo como organizamos os procedimentos de análise que foram divididos em três etapas: na primeira etapa, analisamos os dados do inventário fonético-fonológico, na segunda etapa, o inventário morfossintático foi objeto de análise e, por fim, na terceira etapa, fizemos uma análise de conteúdo dos poemas em que há a manifestação de uma identidade, conforme os critérios citados anteriormente. Em consonância com a execução do trabalho, descrevemos, nesta mesma ordem, os procedimentos de análise.

Para analisar os dados do inventário fonético-fonológico fizemos uma observação

atenta de cada dado, indicando sua correspondência na norma-padrão da língua portuguesa. A esse respeito, convém mencionar os casos que caracterizam uma alteração fonética-fonológica, mas que não foram nosso objeto de análise, bem como a justificativa para não os incluir no inventário fonético-fonológico.

1. Casos em que há a supressão do segmento /s/ no final de palavras, quando este é exigido pela flexão de número:

- Sou fio *das mata*;
- *As água* cô de cristá;
- Sou o mais feliz *dos cabôco*;

Entendemos que, embora haja uma supressão do segmento fonético /s/, em casos como esses tal supressão se apresenta como mais produtiva para uma análise morfossintática, uma vez que se trata de um morfema indicativo de flexão de número plural, além disso, é exigido pela presença do mesmo morfema no seu determinante, o que estabelece uma relação sintagmática. Pelo viés fonético-fonológico, trata-se de uma supressão que não interfere diretamente na expressão do termo, uma vez que essa palavra também pode ocorrer flexionada no singular.

2. Casos em que há a supressão de mais de um segmento fonético que é exigido pela flexão no plural.

- Que *às vez* à lembrança vem;
- Durante *os teus mês* de estio;
- Que *das coisas naturá*;

Pelo prisma que adotamos, assim como no caso anterior, estes exemplos ilustram um caso de variação morfossintática, tendo em vista que a exigência dos segmentos fonéticos mencionados é motivada pela relação sintagmática que se estabelece entre o termo em que a ausência é manifestada e os demais termos que o acompanham. Desse modo, estes casos serão objeto de análise morfossintática.

3. Casos em que a supressão do segmento fonético for caracterizada pela falta de concordância verbal:

- *Tu é* como um véio pai;
- Quando *as águas derrama*;
- *Nóis goza* do mesmo tanto;

Nos excertos indicados, percebemos que há uma relação sintagmática entre os termos que condiciona a flexão dos verbos no plural, sendo possível a realização destes verbos na forma como estão apresentados, entretanto, relacionados à outras pessoas do discurso. Entendemos, nestes casos, que para este tipo de ocorrência, o tratamento morfossintático mostra-se mais adequado, apesar da supressão de segmentos fonéticos.

4. Casos que caracterizam desvios ortográficos:

- *Qui* o meu coração parpita;
- Conta *istora* de Trancoso;

Consideramos que alguns casos correspondem a desvios ortográficos provenientes da transposição da fala para a escrita. Entretanto, consideramos, neste estudo, a escrita como um reflexo da fala de Patativa do Assaré, uma vez que seus poemas eram ditos pelo autor e escritos por terceiros. Por isso, casos como os apresentados acima ilustram um desvio à convenção ortográfica, entretanto, não mobilizam uma alteração significativa na expressão dos termos, uma vez que estas realizações são frequentes na fala, o primeiro por ser pronunciado como /i/ e o segundo pela não realização fonética de /h/ em início de palavra.

Verificados os casos que não são objetos de análise fonética-fonológica neste trabalho, passamos, em seguida, a partir da literatura existente bem como das categorias analíticas adotadas, à classificação da alteração fonética-fonológica em sua respectiva categoria e subcategoria. As referidas categorias são retomadas no quadro 11:

Quadro 11 - Categorias de análise do inventário fonético-fonológico (Continua)

Categoria	Subcategoria
Adição	Prótese/ Epêntese/ Paragoge/ Suarabácti/ Ditongação
Subtração	Aférese/ Síncope/ Apócope/ Monotongação/ Elisão (Sinalefa)
Transposição	Metátese/ Hipérese/ Atração

Quadro 11 - Categorias de análise do inventário fonético-fonológico (Conclusão)

Transformação	Assimilação/Dissimilação/Alçamento/Abaixamento/Iotização/Rotacismo
---------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Identificadas as categorias e subcategorias manifestadas em cada dado, realizamos a contagem da quantidade de ocorrências de cada categoria e subcategoria por poema. Em seguida, dando continuidade ao tratamento quantitativo, somamos as quantidades referentes a cada poema e chegamos à quantidade por obra. Adicionando as quantidades identificadas em cada obra pudemos constatar a quantidade total de ocorrências destas categorias e subcategorias em nossa amostra. Este número permitiu-nos identificar a categoria e subcategoria que se manifestou a maior quantidade de vezes e, portanto, são mais recorrentes no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Estes procedimentos foram realizados e revisados manualmente e, de modo a confirmar as quantidades encontradas, fizemos uma terceira rodada de contagem dos poemas, mas dessa vez inserindo os dados em uma planilha programada do Excel, que nos deu segurança quanto às quantidades encontradas. De modo a ilustrar as quantidades referentes à cada obra e ao total da amostra, produzimos gráficos, com o auxílio do Excel, que serão objetos de análise e discussão no capítulo seguinte.

Selecionado, a partir do tratamento quantitativo, o processo fonético-fonológico mais recorrente, passamos a verificar o contexto interno de ocorrência deste processo, a partir do estabelecimento de variáveis linguísticas que nos permitiram compreender de modo mais preciso os condicionamentos linguísticos para esta ocorrência.

Por sua vez, o inventário morfossintático passou por um tratamento analítico similar ao anterior em relação aos procedimentos, entretanto, com as respectivas categorias adotadas para este nível de análise. Dessa forma, identificamos a correspondência na norma padrão das variantes identificadas e classificamos sua ocorrência em relação ao tipo de concordância: nominal ou verbal. Em seguida, somamos todos os dados por poema, por obra e, finalmente, na totalidade da amostra e realizamos a terceira rodada no software mencionado. De modo análogo, elaboramos gráficos que facilitam a visualização deste tratamento analítico.

Nosso terceiro passo analítico foi concretizado por meio de uma abordagem qualitativa. Nessa perspectiva, procedemos a uma análise de conteúdo que nos permitiu verificar de que modo é construída a identidade que emerge nas produções de Patativa do Assaré a partir da mobilização de recursos linguísticos, bem como de suas representações e significados. Nesse intento, valemo-nos de Bardin (1977) que define a análise de conteúdo

como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” que, pautadas em uma organização sistemática e objetiva, possibilitem a interpretação das ideias veiculadas.

Situado nosso escopo analítico e recortados os objetivos de nossa investigação, consideramos adequado utilizar a análise de conteúdo temática. Para tanto, em atendimento ao terceiro objetivo específico de nosso estudo, tomamos, por um viés semântico, a análise dos poemas que apresentaram em seu desenvolvimento a afirmação de uma identidade, conforme indicado nos procedimentos de coleta. Neste passo, realizamos a leitura flutuante, proposta por Bardin (1977).

Dando prosseguimento ao percurso empreendido, indicamos como unidade de registo a palavra em que observamos a menção a uma identidade, não tomando sua forma como unidade de análise, mas sua significação. De modo a compreender melhor a referida unidade de registo bem como à sua articulação às demais informações, tomamos a estrofe como unidade de contexto. Nesse sentido, passamos a analisar semanticamente as unidades de registo e sua inserção na unidade de contexto para, em seguida, definirmos as categorias analíticas.

A definição das categorias, *a posteriori*, encontra respaldo em Bardin (1977) que observa que “o sistema de categorias não é fornecido, antes resultando da classificação analógica e progressiva dos elementos”. Esta organização também é reconhecida por Gomes (2007) que salienta que a categorização “pode surgir a partir da análise do material de pesquisa”. A esse respeito, Esteves (2006) acrescenta que “Trata-se então de um processo essencialmente indutivo: caminha-se dos dados empíricos para a formulação de uma classificação que se lhes adequa”.

Nesse sentido, realizamos uma análise de conteúdo temática das unidades de registo inseridas em suas unidades de contexto, a partir das quais emergem nossas categorias. Identificadas e justificadas as categorias relacionadas a identidade de Patativa do Assaré expressas em suas produções, passamos a verificar a frequência de ocorrência de cada categoria, visando, assim, cumprir o nosso terceiro objetivo específico.

Diante do enquadre metodológico apresentado, acreditamos que os procedimentos de análise indicados permitiram-nos compreender a manifestação de nossas variáveis na amostra em estudo, bem como cumprir os objetivos propostos e oferecer respostas às questões que motivaram sua realização. Tais proposições estão ancoradas no olhar metódico que empreendemos para coletar e analisar cada dado, poema e obra. Nesse sentido, lançamos luz sobre estes dados analisando e discutindo suas particularidades no próximo capítulo.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, evidenciamos os dados provenientes da coleta realizada bem como do tratamento analítico executado e as reflexões que foram ensejadas a partir do manuseio da amostra. Para tanto, iniciamos cada tópico apresentando os dados por obra e, em seguida, analisando-os em sua totalidade. Em cumprimento ao seu propósito, este capítulo está organizado em três subseções.

Na primeira, lançamos luz sobre os dados que compõem o inventário fonético-fonológico, a partir da ilustração de suas ocorrências bem como da identificação quantitativa que seleciona os processos fonético-fonológicos mais recorrentes. Em seguida, voltamos nosso olhar para o processo que ocorreu o maior número de vezes, ampliando sua descrição.

Na segunda subseção, damos protagonismo ao inventário morfossintático. Com este fito, indicamos dados que comprovam a manifestação de formas variáveis no que concerne à concordância, tanto nominal, quanto verbal, considerando as três obras analisadas. Na sequência, colocamos em tela, por um viés quantitativo, os dados que foram identificados em cada obra, assim como a distribuição dessas ocorrências nas categorias adotadas. Esta etapa foi concluída com o apontamento do tipo de concordância mais sujeito à variação no falar sertanejo de Patativa do Assaré, conforme indicado pelos dados.

Finalizamos este capítulo com uma análise de conteúdo de excertos de 13 poemas que compõem nossa amostra, são eles: *O poeta da roça*; *Assaré*; *No meu sertão*; *Cante lá que eu canto cá*; *Aos poetas clássicos*; *Eu e o sertão*; *“Vida sertaneja”*; *Apelo de um agricultor*; *Boa noite, Fortaleza*; *Um candidato político na casa de um caçador*; *A realidade da vida*; *Inleição direta 1984*; *Ao poeta B.C. Neto*; As referidas produções foram selecionadas para esta análise por atenderem a um dos principais critérios relacionados ao tema dos poemas: a manifestação de uma identidade. Nessa perspectiva, analisamos, por um viés qualitativo, a identidade à qual se remete nos respectivos trechos, seja por meio da relação de semelhança com determinado grupo social ou pelo estabelecimento de diferenças em relação a outro grupo.

5.1 Inventário fonético-fonológico

5.1.1 *Inspiração Nordestina*

O inventário fonético-fonológico construído é formado por 1904 dados que são divididos conforme a sua ocorrência nas respectivas obras. Desse modo, buscando conferir uma

organização coerente com a quantidade de dados, privilegiando sua diversidade e fomentando uma base sólida para a discussão empreendida, optamos por iniciar esta exposição apresentando os dados em consonância com sua ocorrência em cada obra.

Neste intento, iniciamos remetendo à obra *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]) referida pelo código 01INPA. Nesta obra, identificamos um total de 634 dados que caracterizam as categorias e subcategorias analíticas adotadas no âmbito desta pesquisa. Assim, colocamos em tela ilustrações que demonstram a ocorrência de diversos processos fonético-fonológicos na amostra estudada. Começamos fazendo menção aos casos de adição de segmentos, conforme exposto no quadro 12:

Quadro 12 - Ocorrências de adição de segmentos fonéticos - 01INPA

Prótese	(80) O vento <i>assopra</i> manêro > sopra (200) Te <i>alevante</i> do paú > levante
Suarabácti	(112) E o beija- <i>fulô</i> penera > flor (508) Desta terra de <i>gulora</i> > glória
Ditongação	(444) De <i>fruta</i> de jatobá > fruta (483) <i>Nóis</i> goza do mesmo tanto > nós

Fonte: Elaborado pelo autor

Na análise desta obra não encontramos ocorrências de epêntese e paragoge. Por sua vez, a ocorrência dos demais processos de adição de segmentos encontrados é ilustrada pelos exemplos indicados no quadro acima. Observamos, pois, que a prótese é exemplificada através dos dados 80 e 200. Em ambos os casos, houve a inserção do segmento fonético [a]. Já os casos de suarabácti são representados pelos dados 112 e 508, nos quais ocorre a inserção da vogal [u] entre consoantes. Completando as informações fornecidas pelo quadro 12, os dados 444 e 483 apontam para a ocorrência de ditongação, em ambos, realizados pela inserção do segmento [i] após a vogal.

No que concerne aos processos de subtração de segmentos fonéticos, o quadro 13 explicitado abaixo traz à tona alguns exemplos identificados:

Quadro 13 - Ocorrências de subtração de segmentos fonéticos - 01INPA

Aférese	(31) Ganhando <i>lugio</i> do dono do gado > elogio (162) Nem colejo, nem <i>vinida</i> > avenida
Síncope	(221) Tão pobre, tão sem <i>recução</i> > recurso (342) Além dos <i>ôto</i> assunto > outro
Apócope	(401) Em lhe <i>dizê</i> que não mexa > dizer (582) Quando o <i>só</i> briando sai > sol
Monotongação	(47) A <i>prêmera</i> vez bebi > primeira (625) <i>Dêxa</i> a terra querida > deixa
Elisão	(68) <i>D'eu</i> de tu me separá > de + eu (172) Peado do pé <i>pr'a</i> mão > para + a

Fonte: Elaborado pelo autor

Caracterizada pela perda de segmentos fonéticos no início de uma palavra, a aférese é representada pelos dados 31 e 162. Em ambos os casos, ocorre a perda de uma vogal inicial, sendo a vogal [e] para o dado 31 e a vogal [a] para o dado 162. Quando essa perda de segmentos ocorre no meio da palavra temos um caso de síncope, que aqui se ilustra por meio dos dados 221 e 342, nos quais o segmento fonético subtraído é o [r].

Por sua vez, a apócope, que corresponde à subtração no final de palavra, é exemplificada pelos dados 401 e 582. No primeiro, a apócope se caracteriza pela perda de [r] em um verbo, já no segundo, a apócope é configurada pela perda de [l] em um substantivo. O processo fonético-fonológico de monotongação corresponde a uma redução do ditongo pela perda do glide. Ilustrando este processo, verificamos no dado 47 a realização de uma redução do ditongo [ei] pela supressão do glide [i]. O mesmo ocorre no dado 625 em que o ditongo [ei] é reduzido apenas para [e].

Por sua vez, a elisão que, segundo Cristófaró Silva (2021) pode ocorrer tanto dentro da palavra quanto na fronteira de palavra, é representada por dois casos que caracterizam bem essa segunda possibilidade. No dado 68, ocorre pela junção das palavras de + eu, ocasionando

uma perda de segmento fonético. Já no dado 172 ocorre a junção das palavras para + a que também promove uma supressão de segmentos fonéticos. Cabe-nos destacar que adotamos, neste estudo, a nomenclatura elisão em referência à sinalefa, considerando, pois, sua ocorrência na fronteira de palavras. Para as ocorrências de supressão de segmentos fonéticos em início, meio e final, adotamos, respectivamente, os termos aférese, síncope e apócope. Vale salientar ainda que este processo fonético-fonológico foi observado apenas em um poema de 01INPA: *Assaré*.

Além de processos de adição e subtração de segmentos, identificamos também casos de transposição de segmentos, conforme indicamos no quadro 14 abaixo:

Quadro 14 - Ocorrências de transposição de segmentos fonéticos - 01INPA

Metátese	(118) Chêrando o doce <i>perfume</i> > perfume (252) E é só <i>pruque</i> na cidade > porque
Hipértese	(138) Não posso te <i>potregê</i> > proteger (395) Sem <i>potreção</i> de ninguém > proteção

Fonte: Elaborado pelo autor

Os casos de transposição indicam uma mudança de posição do segmento fonético. Essa mudança pode ocorrer na própria estrutura silábica, que são os casos de metátese, ilustrados pelos dados 118 e 252, ou podem ocorrer entre sílabas diferentes - hipértese-, conforme exemplificado pelos dados 138 e 395. Em seu turno, a atração não se manifestou nos dados coletados em 01INPA.

Além das possibilidades elencadas, existem ainda os casos em que o processo fonético-fonológico é configurado por uma transformação do segmento fonético. Tais casos são o foco do quadro 15 explicitado abaixo:

Quadro 15 - Ocorrências de transformação de segmentos fonéticos - 01INPA (Continua)

Assimilação	(104) Gozando a <i>musga</i> animada > música (556) <i>Muntas</i> vez morre sortêra > muitas
-------------	---

Quadro 15 - Ocorrências de transformação de segmentos fonéticos - 01INPA (Conclusão)

Dissimilação	(98) E o vento fazendo <i>cosca</i> > cócegas (499) Pra na <i>language</i> correta > linguagem
Alçamento vocálico	(42) Te jurgo o <i>mió</i> recanto > melhor (252) E é só <i>pruque</i> na cidade > porque
Abaixamento	(165) <i>Véve</i> preso nas argema > vive (326) Tem precação e <i>coidado</i> > cuidado
Iotização	(39) Me <i>orgúio</i> quando me lembro > orgulho (174) Do <i>véio</i> tempo passado > velho
Rotacismo	(214) Peço <i>descurpa</i> e perdão > desculpa (282) Do carro e da <i>bicicreta</i> > bicicleta

Fonte: Elaborado pelo autor

São inúmeros os processos fonético-fonológicos que ocorrem por transformação de segmentos. Esta observação nos levou a agrupar determinados processos em uma mesma categoria tendo em vista sua relação de semelhança. Desse modo, entendemos por assimilação o processo fonético-fonológico de transformação que ocorre a partir da influência de outro segmento presente no mesmo contexto. Sendo assim, amalgamamos os processos de sonorização, nasalização, harmonização vocálica e palatalização nesta categoria. Acerca dos exemplos extraídos de 01INPA apresentamos os dados 104 e 556. No primeiro, temos um caso de sonorização, caracterizado pela transformação do som desvozeado [k] no vozeado [g]. Sobre esse processo, Roberto (2016) destaca que “geralmente se dá por assimilação do traço [+sonoro] de uma vogal que a segue ou de outra consoante sonora próxima”. Por sua vez, o dado 556, representa os casos de nasalização, que são caracterizados pela “passagem de um som oral a nasal”, conforme nos apresenta Alencar (1997).

Considerando, pois, a mesma estratégia acima indicada, entendemos a dissimilação como o processo fonético-fonológico em que o contrário ocorre, ou seja, a transformação é motivada pela necessidade de diferenciar um segmento de outro já existente com as mesmas características. Assim, agrupamos nesta categoria os processos inversos aos anteriormente mencionados, são eles: dessonorização, desnasalização e despalatalização. Os exemplos de dissimilação explicitados no quadro 15, correspondentes aos dados 98 e 499, representam,

respectivamente, os processos de desonorização e de desnasalização. No dado 98, observamos a transformação do som vozeado [g] no som desvozeado [k], configurando “a perda do traço de sonoridade”, segundo indicado por Roberto (2016). Por sua vez, no dado 499 identificamos a “perda da qualidade nasal”, conforme definido por Alencar (1997), o que caracteriza, portanto, o processo de desnasalização.

Em sequência, o alçamento vocálico que é definido, nos termos de Cristófaró Silva (2021), como o tipo de transformação em que ocorre uma elevação da altura da vogal, é ilustrado pelos dados 42 e 252 de 01INPA. Verificamos que, no dado 42, a elevação se dá pela transformação da vogal média-baixa [ɛ] em uma vogal alta [i]. Em seu turno, o dado 252 demonstra a transformação da vogal média-alta [o] na vogal alta [u].

Enquanto o alçamento é configurado pela elevação da altura da vogal, no abaixamento ocorre o oposto, como o próprio nome sugere. Desse modo, os dados 165 e 326 manifestam a ocorrência deste processo fonético-fonológico. No primeiro, o abaixamento é caracterizado pela transformação da vogal alta [i] em uma vogal média-baixa [ɛ]. Já no segundo, a vogal alta [u] é transformada em uma vogal média-baixa [ɔ].

Apesar do processo fonético-fonológico da iotização também ser um processo assimilatório, optamos por trabalhar este processo como uma categoria isolada em virtude da quantidade expressiva de dados em que essa ocorrência foi identificada. Assim sendo, os dados 39 e 174 indicam uma transformação que se dá pela substituição de [lh] por [i], uma vez que nos poemas são encontradas formas como “orgúio” e “véio”. Ao comparar estas formas com o que é postulado pela norma-padrão da língua portuguesa, a saber, “orgulho” e “velho”, verificamos que há uma substituição caracterizadora do processo de iotização.

Ao concluir os processos indicados no quadro 15, identificamos as ocorrências de rotacismo. Este fenômeno é caracterizado pela transformação de uma lateral [l] em um rótico [r], ou o contrário, de um rótico [r] em uma lateral [l]. Diversos são os estudos que identificam casos de rotacismo na linguagem popular, sendo este também um processo estigmatizado e disparador de preconceitos. Nesse viés, os dados 214 e 282 atestam essa realização no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Verificamos que, no dado 214, ocorre a transformação da lateral [l] em rótico [r] ao compararmos as formas correspondentes: desculpa > descurpa. O mesmo acontece com o dado 282, no qual o rotacismo é manifestado a partir da transformação que ocorre nas formas bicicleta > bicireta.

Nesse cenário, observamos que a significativa quantidade de dados, bem como a diversidade de processos fonético-fonológicos apontam para a necessidade de um tratamento

quantitativo que favoreça e aprofunde a compreensão do falar sertanejo expresso nos poemas de Patativa do Assaré. Ademais, este tratamento mostra-se adequado para o cumprimento de nosso intento em verificar o processo fonético-fonológico mais recorrente.

No que concerne aos 634 dados coletados em 01INPA, demonstramos através da tabela 01 como estes dados se manifestam numericamente, tendo em vista o tipo de alteração que ocorre na substância fonética:

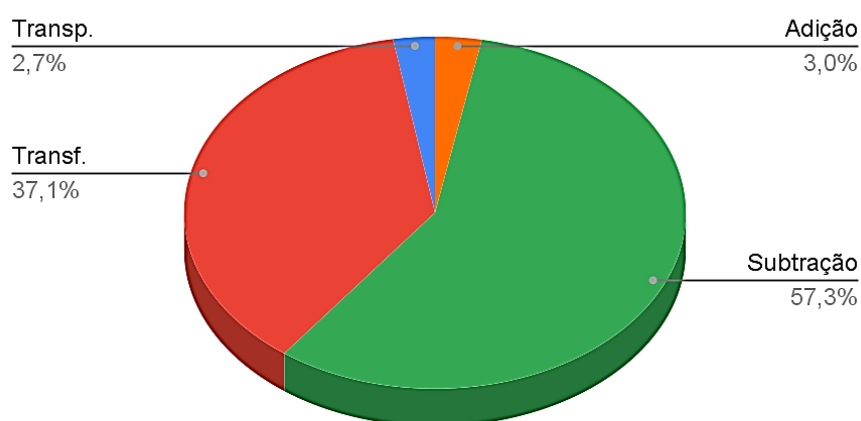
Tabela 01 - Ocorrências por tipo de alteração na substância fonética - 01INPA

TIPO DE ALTERAÇÃO NA SUBSTÂNCIA FONÉTICA - 01INPA							
CATEGORIA/POEMA	I	II	III	IV	V	TOTAL	APL / TOT.
Adição	0	8	3	6	2	19	19 / 634
Subtração	16	95	79	88	85	363	363 / 634
Transformação	17	78	44	46	50	235	235 / 634
Transposição	1	7	6	2	1	17	17 / 634
Total:	34	188	132	142	138	634	634 / 634

Fonte: Elaborada pelo autor

Decompondo a totalidade dos dados, verificamos, conforme explicitado na tabela 01, a quantidade de dados coletados em cada poema: 34 dados no poema I “*O poeta da roça*”; 188 dados no poema II “*Assaré*”; 132 dados no poema III “*No meu sertão*”; 142 dados no poema IV “*Cante lá que eu canto cá*” e 138 dados no poema V “*Cabôca de minha terra*”. Do exposto, constatamos que cada poema apresenta uma quantidade significativa de dados, superando, na maioria das vezes, uma centena, exceto o poema I, que apresentou uma quantidade menor de dados, comparado aos demais. Atribuímos esta discrepância à extensão do referido poema, que é menor que os demais.

Somadas essas quantidades, verifica-se que a ocorrência de adição de segmentos aparece em 19 dados, por subtração em 363 dados, por transformação em 235 dados e por transposição em 17 dados. Dentre os tipos de alterações fonéticas indicados observamos que os processos que ocorrem por adição e transposição de segmentos são manifestados em menos casos. Por sua vez, os processos de subtração e transformação mostram-se mais frequentes. É meritório destacar, ainda, que os processos de subtração apresentam maior quantidade de ocorrências em quase todos os poemas analisados, exceto no primeiro, em que a transformação apresenta uma ocorrência a mais. Para melhor evidenciar as porcentagens referentes aos tipos de alteração na substância fonética em 01INPA, exploramos abaixo o gráfico 01:

Gráfico 01 - Tipos de alteração na substância fonética - 01INPA¹²

Fonte: Elaborado pelo autor

Os dados expressos em porcentagem confirmam que os processos de adição e transposição ocorrem em menor quantidade, enquanto que os processos de subtração e transformação ocorrem na maior parte dos dados. Sobre os dois últimos, verificamos que na obra 01INPA correspondem, juntos, a mais de 90% dos dados. Isolados, verificamos que as alterações por subtração ocupam mais da metade dos dados, ou seja, 57,3%, já os processos por transformação representam 37,1% dos dados.

Mediante, pois, da quantidade apresentada, bem como dos objetivos que norteiam esta investigação, recortamos nossa análise para os processos de subtração, uma vez que estes correspondem à maior parte de dados. Para cumprir este propósito, indicamos na tabela 02 abaixo a quantidade de ocorrências de cada processo fonético-fonológico em que há a subtração de segmentos fonéticos.

Tabela 02 - Ocorrências de processos fonético-fonológicos por subtração - 01INPA (Continua)

PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS POR SUBTRAÇÃO - 01INPA							
CATEGORIA/POEMA	I	II	III	IV	V	TOTAL	APL / TOT.
Aférese	1	5	2	3	2	13	13 / 363
Síncope	1	10	8	6	16	41	41 / 363
Apócope	8	49	49	53	54	213	213 / 363

¹² Os valores de porcentagem indicados nesse gráfico e nos próximos foram arredondados pelo Excel.

Tabela 02 - Ocorrências de processos fonético-fonológicos por subtração - 01INPA (Conclusão)

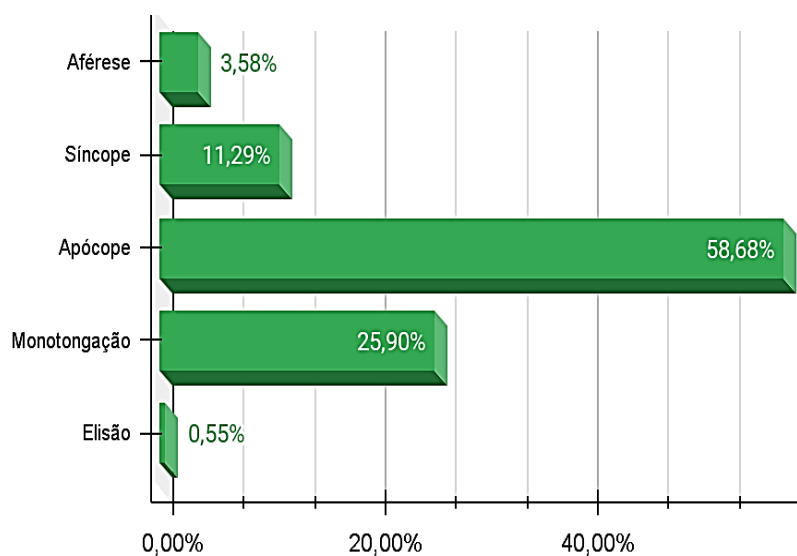
Monotongação	6	29	20	26	13	94	94 / 363
Elisão	0	2	0	0	0	2	02 / 363
Total:	16	95	79	88	85	363	363 / 363

Fonte: Elaborada pelo autor

Dentre os processos fonético-fonológicos por subtração, verificamos que o processo de elisão, que neste estudo refere-se à sinalefa, é o menos recorrente, uma vez que se manifesta apenas em 2 dados de um único poema: “Assaré”. Os demais processos são identificados em todos os poemas de 01INPA. Os casos de aférese e monotongação apareceram mais vezes no poema II: “Assaré”. Já a síncope e a apócope manifestaram-se de modo mais recorrente no poema V: “Cabôca de minha terra”. Todavia, convém mencionar que a apócope é recorrente em todos os poemas.

Nesse sentido, verificamos que dos 363 dados referentes à subtração de segmentos fonéticos, 213 correspondem ao processo de apócope. Em seguida, o processo de monotongação aparece a maior quantidade de vezes, manifestando-se em 94 dados. A síncope ocorre em 41 dados, a aférese em 13 e a elisão em 2. Para uma melhor visualização acerca de da parcela ocupada por cada processo fonético-fonológico em relação à totalidade dos dados de 01INPA, explicitamos o gráfico 02:

Gráfico 02 - Processos fonético-fonológicos por subtração - 01INPA



Fonte: Elaborado pelo autor

As porcentagens evidenciadas no gráfico 02 indicam que, em 01INPA, o processo fonético-fonológico por subtração mais recorrente é o de apócope, com 58,68% das ocorrências. Em seguida, com 25,90% das ocorrências aparece o processo de monotongação. Juntos, ambos correspondem a mais de 80% das ocorrências de subtração de segmentos. Em menor quantidade aparecem, em ordem decrescente: síncope (11,29%), aférese (3,58%) e elisão (0,55%).

Frente ao tratamento analítico quantitativo empreendido, concluímos que, nos poemas coletados em 01INPA, existem 634 ocorrências de variações linguísticas no nível fonético-fonológico. Dentre esses, constatamos que a alteração de substância fonética mais recorrente é a de subtração, manifestada em 57,3% dos dados, o que corresponde a mais da metade ou, em números inteiros, 363 dados. Tal constatação, mobilizou-nos a colocar em tela os processos fonético-fonológicos por subtração de segmentos. Nesse intento, constatamos a manifestação de processos de aférese, síncope, apócope, monotongação e elisão. Dos processos mencionados, concluímos, fundamentados nos dados quantitativos, que a apócope é o processo mais recorrente, dada sua manifestação em 58,68% dos dados referentes à subtração de segmentos, ou seja, 213 de 363 dados.

5.1.2 *Cante lá que eu canto cá*

A segunda obra que forneceu dados para esta análise foi a obra *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]), referida pelo código 02CLCCPA. Tomando esta produção como escopo analítico, coletamos 601 dados para apreciação. Embasados por estes dados, evidenciamos abaixo ilustrações que comprovam suas ocorrências na obra. Iniciamos esta exposição com os casos de adição de segmentos fonéticos.

Quadro 16 - Ocorrências de adição de segmentos fonéticos - 02CLCCPA (Continua)

Prótese	(1034) Pra seu dotô se <i>atrepá</i> > trepar (1074) Mas nunca <i>ajunta</i> vintém > junta
Epêntese	(785) <i>Rescordo</i> com grande amô > recordo (806) Tão <i>lindro</i> mês de frô > lindo
Suarabácti	(690) Com a <i>fulô</i> sem perfume > flor (865) Eu não sei cantá as <i>gulora</i> > glória

Quadro 16 - Ocorrências de adição de segmentos fonéticos - 02CLCCPA (Conclusão)

Ditongação	(986) Ou pedi pra <i>nóis</i> votá > nós
------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor

A partir do explicitado no quadro 16, verificamos que, em 02CLCCPA, são identificados casos de: prótese, epêntese, suarabácti e ditongação. Por outro lado, não se observou nenhuma ocorrência de paragoge nos dados em escrutínio.

A prótese é ilustrada pelos dados 1034 e 1074 que correspondem, respectivamente, à adição da vogal [a] no início das palavras. Tal evidência demonstra a reincidência da inserção do referido som vocálico, tendo em vista que tanto em 01INPA quanto em 02CLCCPA os casos de próteses apresentados são configurados por este acréscimo. Cabe-nos salientar que, embora lancemos luz apenas sob dois exemplos, passamos um olhar metuculoso acerca destes dados de modo a identificar ocorrências diferentes, visando, pois, uma melhor descrição do respectivo processo fonético-fonológico. Todavia, os dados analisados confirmam a recorrência mencionada.

Enquanto em 01INPA não identificamos casos de epêntese, em 02CLCCPA esses casos foram observados. A esse respeito, convém lembrarmos que a epêntese se configura pela inserção de segmento fonético no meio de uma palavra. Tal processo é representado pelos dados 785 e 806. No primeiro, ocorre o acréscimo do segmento fonético [s] no meio da palavra, já no segundo, esse acréscimo é representado pelo segmento fonético [r].

Por sua vez, os exemplos citados para o processo de suarabácti, reafirmam a inserção do segmento vocálico [u] nos grupos consonânticos [fl] e [gl], conforme indicam os dados 690 e 865. A esse respeito, Alencar (1997) confirma esta inserção e complementa destacando a função de apoio exercida pela vogal. Por sua vez, o único caso de ditongação, exemplificado pelo dado 986, reforça a caracterização do referido processo pela inserção do segmento vocálico [i].

Após explorarmos os casos de adição de segmentos, voltamos o olhar para os casos representativos de subtração de segmentos fonéticos verificados em 02CLCCPA. Nessa perspectiva, o quadro 17 enfatiza estas ocorrências.

Quadro 17 - Ocorrências de subtração de segmentos fonéticos - 02CLCCPA (Continua)

Aférese	(635) Poetas <i>niversitário</i> > universitários (1075) Nesta coisa <i>maginando</i> > imaginando
---------	---

Quadro 17 - Ocorrências de subtração de segmentos fonéticos - 02CLCCPA (Conclusão)

Síncope	(710) E vendo no campo a <i>reva</i> > relva (907) <i>Cabôco</i> que não cubiça > caboclo
Apócope	(647) In dois livro do <i>iscritô</i> > escritor (1149) <i>Capitá</i> do meu estado > capital
Monotongação	(720) Onde a <i>ciênça</i> governa > ciência (859) Nem <i>ôro</i> , prata, nem cobre > ouro
Elisão	(1115) Da paioça <i>pro</i> roçado > para + o

Fonte: Elaborado pelo autor

Registramos ocorrências das cinco categorias que compõem os casos de subtração de segmentos fonéticos. O processo fonético-fonológico da aférese é atestado pelos dados 635 e 1075. No dado 635 ocorre a supressão da vogal inicial [u], já no dado 1075 observa-se a supressão do segmento vocálico inicial [i]. Em paralelo com o constatado em 01INPA, os dados de 02CLCCPA demonstram que a subtração das vogais iniciais é produtiva no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Até este momento do estudo, verificamos a ocorrência de aférese relacionada às vogais [a], [e], [i] e [u].

Ilustramos os casos de síncope colocando em tela os dados 710 e 907. Em ambos, este processo é caracterizado pela perda do segmento fonético [l]. Tal segmento também pode ser suprimido no final da palavra, configurando um caso de apócope, conforme representado pelo dado 1149. Do mesmo modo, o dado 647 exemplifica uma ocorrência de apócope, entretanto, com o segmento consonantal [r].

Em seu turno, os casos de monotongação são evidenciados pelos dados 720 e 859. Em (720) “onde a *ciênça* governa”, verificamos que o ditongo crescente [ia] reduz-se a um monotongo [a], dada a supressão do glide. Em (859) “Nem *ôro*, prata, nem cobre”, a monotongação ocorre pela redução do ditongo decrescente [ou]. Estes exemplos demonstram que a monotongação pode ocorrer tanto em ditongos crescentes, quanto em ditongos decrescentes. Em comparação com os dados de 01INPA, os dados fornecidos por 02CLCCPA, indicam que a monotongação pode acontecer em diferentes tipos de ditongos, conforme verificado. Por fim, a elisão, nomenclatura que alude à sinalefa, apresenta-se somente em um dado, 1115, em que há a junção das palavras “para” + “o”, na qual evidenciamos a perda do segmento fonético [a] em fronteira de palavras.

Casos de transposição também são percebidos em 02CLCCPA. Desse modo,

trazemos à tona alguns exemplos de processos fonético-fonológicos realizados pela transposição de segmentos fonéticos.

Quadro 18 - Ocorrências de transposição de segmentos fonéticos - 02CLCCPA

Metátese	(733) <i>Pruquê</i> , meu torrão amado > porque (1102) Sou da <i>percisão</i> cativo > precisão
Hipértese	(881) De país <i>crona</i> país > contra (979) Todo alegre e <i>sastifeito</i> > satisfeito

Fonte: Elaborado pelo autor

Similar ao observado em 01INPA, em 02CLCCPA detectamos casos de metátese e hipértese. Novamente, não foram comprovados casos de atração. Cristóforo Silva (2021) considera a metátese como um “fenômeno de troca de posição de um segmento dentro de uma palavra”. A partir desta definição, observamos que a autora não diferencia a transposição que ocorre dentro de uma mesma sílaba, daquela que ocorre entre sílabas diferentes. Por essa razão, valemo-nos de Alencar (1997) que postula acerca dessa diferenciação. Acreditamos que distinguir esses comportamentos relacionados à mudança de posição contribui para uma descrição mais minuciosa de nosso objeto.

Frente ao exposto, os dados 733 e 1102 são caracterizadores de metátese, tendo em vista que há a transposição do segmento fonético [r] dentro de uma mesma sílaba. Por outro lado, os dados 881 e 979 indicam a transposição de segmentos entre sílabas distintas. No primeiro, ocorre a transposição de [r] da última para a penúltima sílaba. No segundo, ocorre a mudança de posição do segmento fonético [s] da antepenúltima sílaba para a primeira.

Assim como os anteriores, em 02CLCCPA encontramos, ainda, ocorrências de processos fonético-fonológicos expressos pela transformação de segmentos fonéticos, segundo o que apontamos no quadro 19.

Quadro 19 - Ocorrências de transformação de segmentos fonéticos - 02CLCCPA (Continua)

Assimilação	(650) No <i>premêro</i> livro havia > primeiro (1230) Mesmo com a <i>deferença</i> > diferença
Dissimilação	(1066) <i>Mio</i> , farinha e feijão > milho (1100) Os <i>fio</i> todos casado > filhos

Quadro 19 - Ocorrências de transformação de segmentos fonéticos - 02CLCCPA (Conclusão)

Alçamento vocálico	(864) Da <i>quintura</i> do sertão > quentura (1041) Era um <i>truvejo</i> bonito > trovejo
Abaixamento	(778) Tu <i>veve</i> munto esquecido > vive (1073) O agricultô é <i>desposto</i> > disposto
Iotização	(796) E de <i>juêio</i> no chão > joelho (915) E a bondade da <i>muié</i> > mulher
Rotacismo	(652) Qui o meu coração <i>parpita</i> > palpita (729) Sertão, <i>arguém</i> te cantô > alguém

Fonte: Elaborado pelo autor

A respeito dos processos assimilatórios, damos evidência, por meio dos dados 650 e 1230, ao processo de harmonização vocálica. Corroborando com o postulado por Alencar (1997), Cristófaró Silva (2021) enfatiza que “nesses casos, as vogais pretônicas compartilham a mesma propriedade de abertura vocálica da vogal tônica”. Dessa forma, verificamos que nos dados 650 e 1230, o segmento vocálico [i] transforma-se em [e], dada a presença deste segundo segmento na sílaba tônica.

No que concerne aos processos de dissimilação, destacamos casos de despalatalização, conforme apontado pelos dados 1066 e 1100. Segundo Alencar (1997), “este processo apresenta uma tendência dissimilatória”. Assim, Tanto no dado 1066, quanto no dado 1100, observamos a perda do traço palatal, caracterizada pela supressão de [lh].

Os dados 864 e 1041 refletem a ocorrência do processo de alçamento vocálico. Desse modo, no primeiro observamos a transformação da vogal média-baixa [ɛ] em uma vogal alta [i], já no segundo, verificamos a transformação da vogal média-alta [o] em uma vogal alta [u]. Assim como em 01INPA, em 02CLCCPA constata-se a elevação da propriedade de altura das vogais por meio da transformação de vogais médias em vogais altas.

Sabemos, pois, que o movimento inverso é o que caracteriza o processo de abaixamento. Nessa perspectiva, remetemos aos dados 778 e 1073 que indicam o abaixamento do som vocálico pela transformação do segmento [i] em [ɛ] e [e], respectivamente.

Diferente do processo dissimilatório de despalatalização, na iotização não ocorre o apagamento, mas a transformação do segmento fonético [lh] em [i]. Por isso, ao confrontar as formas “*juêio*” e “*muié*” identificadas nos dados 796 e 915, respectivamente, com as formas correspondentes na variedade padrão, ou seja, “joelho” e “mulher”, confirma-se tal

transformação como caracterizadora do processo ora indicado. Alencar (1997) salienta que este processo “é muito comum na linguagem popular”, por isso, entendemos que as ocorrências identificadas tanto em 01INPA quanto em 02CLCCPA coadunam com o apontamento da linguista citada.

Finalmente, os dados 652 e 729 acrescentam exemplos à ocorrência do processo fonético-fonológico de rotacismo. Em ambos, há a transformação do som lateral [l] em um som rótico [r]. Apesar do inverso também ser possível, conforme indicado por Cristóvão Silva (2021), não identificamos nos dados de 01INPA, tampouco nos dados de 02CLCCPA, a transformação do rótico [r] em lateral [l].

Semelhante aos procedimentos adotados em 01INPA, em 02CLCCPA realizamos um tratamento quantitativo dos 601 dados coletados. No primeiro momento, verificamos como estes números se organizam a partir das categorias relacionadas ao tipo de alteração na substância fonética. Estes números têm espaço na tabela 03 abaixo.

Tabela 03 - Ocorrências por tipo de alteração na substância fonética - 02CLCCPA

TIPO DE ALTERAÇÃO NA SUBSTÂNCIA FONÉTICA - 02CLCCPA							
CATEGORIA/POEMA	I	II	III	IV	V	TOTAL	APL / TOT.
Adição	3	3	2	3	2	13	13 / 601
Subtração	56	72	80	92	54	354	354 / 601
Transformação	35	52	42	47	43	219	219 / 601
Transposição	0	2	6	3	4	15	15 / 601
Total:	94	129	130	145	103	601	601 / 601

Fonte: Elaborada pelo autor

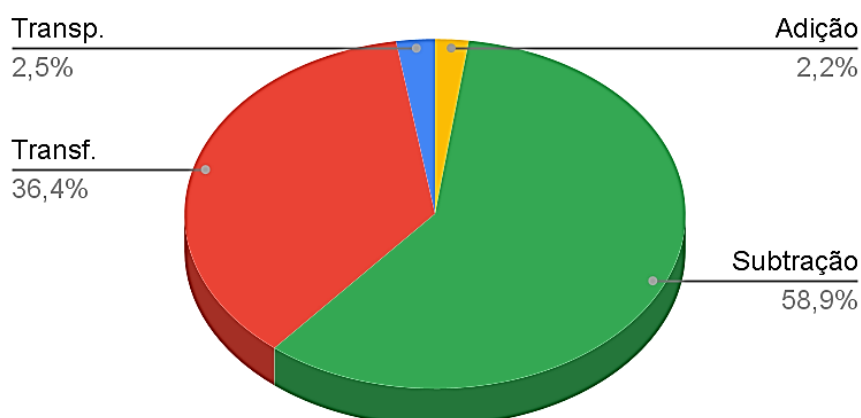
Conforme se expõe na tabela 03, os 601 dados que compõem a amostra referente à 02CLCCPA são divididos entre os cinco poemas selecionados, detalhadamente: 94 dados referentes ao poema I: “*Aos poetas clássicos*”; 129 dados relacionados ao poema II: *Eu e o sertão*; 130 dados coletados a partir do poema III: “*Vida sertaneja*”; 145 dados observados no poema IV: “*Apelo de um agricultor*” e 103 dados identificados no último poema, o V: “*Boa noite, Fortaleza*”.

No tocante ao tipo de alteração na substância fonética, verificamos que os processos por adição foram identificados em 13 exemplos, enquanto que os processos por transposição correspondem a 15 dados. Assim como em 01INPA, em 02CLCCPA os processos por adição e transposição são menos frequentes quando comparados aos processos de subtração e

transformação. Tal percepção demonstra uma tendência no falar sertanejo utilizado por Patativa do Assaré relacionada à subtração e transformação de segmentos, bem como uma manutenção dos processos fonético-fonológicos já observados na obra anterior. Neste caso, os processos de subtração permanecem sendo maioria, com 354 ocorrências em detrimento de 219 ocorrências dos processos de transformação. Mais uma vez, destaca-se que os processos por subtração de segmentos tiveram o maior número de ocorrências em todos os poemas analisados.

Logo, reafirmamos as observações acima elencadas a partir da exposição do gráfico 03 que demonstra, em porcentagem, o modo como os tipos de alterações nos segmentos fonéticos são manifestados nos poemas de 02CLCCPA.

Gráfico 03 - Tipos de alteração na substância fonética - 02CLCCPA



Fonte: Elaborado pelo autor

As porcentagens visualizadas por intermédio do gráfico 03 ratificam a análise anteriormente realizada: as alterações por adição (2,2%) e transposição (2,5%) são as que ocorrem no menor número de dados. Por outro lado, símile ao observado em 01INPA, os dados referentes aos casos de subtração e transformação, somados, correspondem a mais de 90% da totalidade dos dados, sendo 58,9% referente aos casos de subtração e 36,4% de casos de transformação de segmentos fonéticos.

As porcentagens encontradas permitem realizarmos um recorte acerca do tipo de alteração fonética mais recorrente: os casos de subtração de segmentos fonéticos. Logo, trazemos à tona, a partir da tabela 04 abaixo apresentada, os números referentes aos processos fonético-fonológicos caracterizados pela perda de segmentos.

Tabela 04 - Ocorrências de processos fonético-fonológicos por subtração - 02CLCCPA

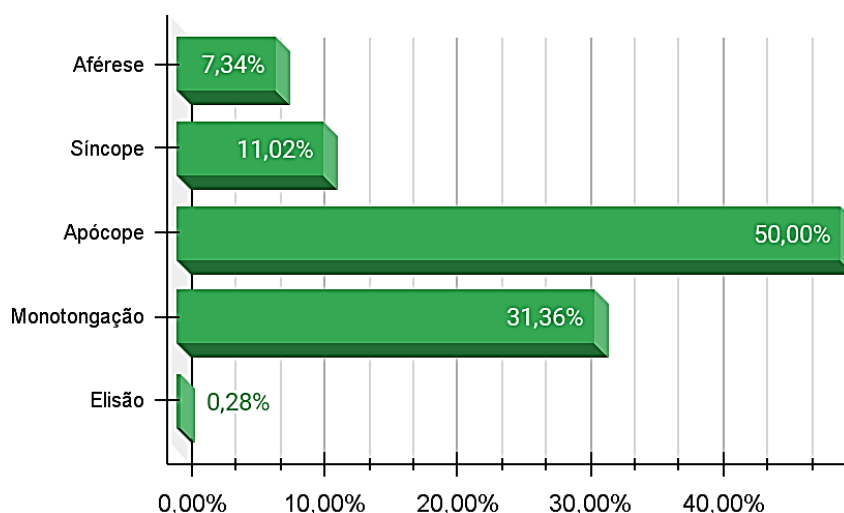
PROCESSOS FONÉTICO/FONOLÓGICOS POR SUBTRAÇÃO - 02CLCCPA							
CATEGORIA/POEMA	I	II	III	IV	V	TOTAL	APL / TOT.
Aférese	5	9	2	5	5	26	26 / 354
Síncope	3	4	10	14	8	39	39 / 354
Apócope	33	31	44	45	24	177	177 / 354
Monotongação	15	28	24	27	17	111	111 / 354
Elisão	0	0	0	1	0	1	01 / 354
Total:	56	72	80	92	54	354	354 / 354

Fonte: Elaborada pelo autor

Verificamos, pois, que há somente um caso de elisão identificado em apenas um dos cinco poemas referentes à 02CLCCPA que compõem nossa amostra. Por sua vez, os demais processos fonético-fonológicos por subtração ocorreram em todos os poemas. O poema II, “*Eu e o sertão*” foi o que apresentou a maior quantidade de aféreses. Já os casos de síncope foram mais frequentes no poema IV: “*Apelo de um agricultor*”. A apócope, seguindo o observado em 01INPA, em 02CLCCPA é o processo mais produtivo em todos os poemas, com destaque para o poema IV, em que apresenta maior quantidade. Por sua vez, a monotongação também se mostra produtiva, tendo em vista que aparece em todos os poemas e em uma quantidade superior aos demais processos, porém inferior à apócope. O poema II, “*Eu e o sertão*”, é o que concentra a maior quantidade de exemplos de monotongação.

Seguindo a exposição proporcionada pela apreciação da tabela 04, verificamos que a totalidade dos dados de 02CLCCPA demonstra um comportamento semelhante ao constatado em 01INPA. A apócope é vista como mais recorrente, dada sua identificação em 177 dados. Em seguida, a monotongação que é encontrada em 111 dados. Em seu turno, os processos que aparecem em menos dados se organizam, em ordem decrescente, do seguinte modo: síncope (39), aférese (26) e elisão (01). Mantendo a coerência pela qual temos prezado nesta produção, utilizamos abaixo o gráfico 04 como recurso para exposição das porcentagens referentes aos processos fonético-fonológicos por subtração de segmentos identificados em 02CLCCPA:

Gráfico 04 - Processos fonético-fonológicos por subtração - 02CLCCPA



Fonte: Elaborado pelo autor

As porcentagens sublinhadas no gráfico 04 atestam o processo de apócope como o mais frequente em 02CLCCPA. Em paralelo ao verificado em 01INPA, percebemos a manutenção deste processo como recorrente e a sua ocupação de metade dos dados (50,00%) referentes à subtração de segmentos. Por outro lado, constatamos, ainda, que há uma diminuição dessa ocorrência em detrimento de um crescimento das ocorrências de monotongação, que se apresentam em 31,36% dos dados. Assim como em 01INPA, ambos os processos correspondem a mais de 80% dos dados coletados em 02CLCCPA. Já os processos de aférese, síncope e elisão, correspondem, respectivamente, a 7,34%, 11,02% e 0,28% dos dados em evidência.

Em face da conclusão do escrutínio de 02CLCCPA, ressaltamos que dos 601 dados em que observamos a ocorrência de variação linguística no nível fonético-fonológico, 354 correspondem a alteração por subtração de segmentos fonéticos, o que significa que este tipo de alteração está presente em 58,9% dos dados. A expressiva manifestação nos levou a efetuar uma análise dos processos fonético-fonológicos por subtração, na qual constatou-se a apócope como processo mais recorrente, dada sua presença em 50,00% dos dados, o que corresponde a uma aplicação de 177 dados sob um total de 354 ocorrências.

5.1.3 *Ispinho e fulô*

Completando o tratamento analítico empreendido, passamos à exposição dos dados coletados na obra *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]), a qual nos reportamos pelo código 03IFPA. Nesta terceira produção de Patativa do Assaré selecionamos cinco poemas que integram a amostra sob a qual este estudo se detém. Nessa perspectiva, contribuindo com a maior

quantidade de dados dentre as três obras estudadas, coletamos 669 ocorrências em que se observa a realização de alterações/processos fonético-fonológicos, cuja apreciação se inicia pela indicação, por meio do quadro 20, de ilustrações que caracterizam a adição de segmentos fonéticos.

Quadro 20 - Ocorrências de adição de segmentos fonéticos - 03IFPA

Prótese	(1496) O vento forte <i>assoprando</i> > soprando
Epêntese	(1781) Já com a cara <i>enrusgada</i> > enrugada
Suarabácti	(1256) Uma <i>quilara</i> , outra escura > clara

Fonte: Elaborado pelo autor

Em oposição à quantidade de dados, verificamos que as ocorrências de adição de segmentos fonéticos são mínimas. Por essa razão, optamos por ilustrar com apenas um exemplo de cada processo fonético-fonológico desta categoria.

A esse respeito, convém salientar que não encontramos casos de paragoge em 03IFPA, o que confirma a baixa ocorrência desse processo fonético-fonológico no falar sertanejo de Patativa do Assaré, em consonância com o observado em 01INPA e 02CLCCPA. Tal percepção é confirmada por Alencar (1997) que, em seu estudo, identificou apenas 01 ocorrência de paragoge nos poemas que analisou. Ademais, também não identificamos nas produções contempladas em 03IFPA a ocorrência de processos de ditongação.

Por sua vez, a prótese é ilustrada pelo dado 1496 em que percebemos a inserção do segmento fonético [a] na forma sopra, prevista pela norma-padrão. Esta análise é aderente ao que já havíamos constatado em 01INPA e 02CLCCPA, confirmando que o som vocálico [a] é o que mais aparece no processo ora aludido.

Como ocorrência de epêntese, registramos o dado 1781 em que há a inserção do segmento fonético [s] no meio da palavra enrugada. Com isso, entendemos que diferentes segmentos fonéticos podem caracterizar a ocorrência deste processo, uma vez que em 02CLCCPA identificamos a inserção de [s] e [r] e em 03IFPA a inserção de [s]. Mais uma vez, destacamos que este processo não foi identificado em 01INPA.

Por fim, o processo fonético-fonológico de suarabácti é representado pelo dado 1256. Neste, verificamos a inserção do segmento vocálico [u] no grupo consonântico com [l]. Ademais, remetemos, ainda, ao mesmo exemplo que já havia sido mencionado tanto em

01INPA quanto em 02CLCCPA: *fulô*. Já prevíamos a manutenção desta ocorrência, tendo em vista que essa forma é registrada, inclusive, no título da obra.

Feitas as devidas observações relacionadas às alterações por adição de segmentos fonéticos, passamos a explorar as ocorrências de casos de subtração de segmentos fonéticos. Para tanto, recorremos ao quadro 21.

Quadro 21 - Ocorrências de subtração de segmentos fonéticos - 03IFPA

Aférese	(1343) Deve <i>tá</i> muito enfadado > estar (1410) Sei que <i>tô</i> falando exato > estou
Síncope	(1541) Da braguia ao <i>imbanhado</i> > embainhado (1772) De <i>famia</i> carregado > família
Apócope	(1400) Agora que nós <i>jantemo</i> > jantamos (1804) Nós <i>vamo</i> bradá e gritá > vamos
Monotongação	(1276) Disonrá, matá e <i>robá</i> > roubar (1698) É grande o meu <i>sacrifiço</i> > sacrifício
Elisão	(1288) <i>Pro</i> lado da estrada escura > para + o (1726) Pra idade <i>doutro</i> bicho > de + outro

Fonte: Elaborado pelo autor

Em 01INPA e 02CLCCPA observamos que a aférese é muito produtiva em relação à perda de sons vocálicos iniciais. Nestas obras, verificamos ocorrências de aférese com os segmentos fonéticos [a], [e], [i] e [u]. Compreendemos, pois, que o único som vocálico inicial que não é suprimido, conforme os dados analisados no falar sertanejo de Patativa do Assaré, é o [o]. Tais ocorrências também se manifestam em 03IFPA, no entanto, visando aprofundar a descrição deste fenômeno trazemos exemplos que ilustram não somente a supressão de um segmento fonético, mas de uma sílaba. Desta feita, lançamos luz acerca dos dados 1343 e 1410, em que há a supressão dos segmentos [e] e [s] que, em ambos os casos, correspondem à sílaba inicial. Destacamos, ainda, que tanto em um, quanto no outro dado estamos diante do mesmo verbo, que também sofre esta redução nos falares contemporâneos.

Ampliando nossas observações a respeito da síncope, analisamos, a partir dos dados 1541 e 1772, as possibilidades de sua realização. No primeiro, a síncope se caracteriza pela

perda do segmento vocálico [i], no segundo, são suprimidos os segmentos vocálicos [l] e [i]. Logo, podemos concluir, a partir da totalidade dos dados de 01INPA, 02CLCCPA e 03IFPA, que a síncope pode ocorrer tanto em sons vocálicos quanto consonantais, notadamente nos sons consonantais [r] e [l].

Os mesmos sons consonantais referenciados também são comuns nos casos de apócope, conforme evidenciado pelos dados de 01INPA e 02CLCCPA. Todavia, a apócope também se caracteriza pelo apagamento do segmento final [s], de acordo com o ilustrado pelos dados 1400 e 1804 de 03IFPA. Consideramos que nestes casos há a ocorrência de um processo fonético-fonológico e não somente a ausência de um morfema, dado o fato de que, apesar de possuir um significado no plano do conteúdo, o mesmo elemento também se constitui como um fonema exigido pela estrutura fonológica da palavra e, não somente por sua flexão. Ao falar sobre apócope, Alencar (1997) destaca que esse processo “aparece nas consoantes postônicas finais (“l” [l] - “r” [r] - “s” [s])”.

Os dados 1276 e 1698 de 03IFPA comprovam as ocorrências de monotongação nos poemas analisados. Em 1276 ocorre uma redução do ditongo decrescente [ou] pela supressão do glide [u] e a permanência do som vocálico [o]. Já no dado 1698, o ditongo crescente [io] é reduzido também pela supressão do glide [i] e a manutenção do som vocálico [o]. Somados aos dados de 01INPA e 02CLCCPA, confirmamos que, no falar sertanejo exposto nos poemas em análise, a monotongação atinge tanto ditongos crescentes, como [ia], [ie] e [io] quanto ditongos decrescentes como [ou].

Semelhante ao verificado em 01INPA e em 02CLCCPA registramos poucos casos de elisão/sinalefa nos poemas de 03IFPA. Desse modo, colocamos em tela os dados 1288 e 1726, no primeiro, a elisão/sinalefa se dá pela supressão do segmento fonético [a] na fronteira entre as palavras “pra” e “o”, resultando na forma “pro”. Destacamos que o apagamento na estrutura interna da palavra, tal qual verificamos na comparação entre “para” e “pra”, foi considerado como um caso de síncope. Logo, reforçamos que nossa categorização em elisão/sinalefa corresponde apenas aqueles casos ocorridos nas fronteiras entre palavras. Coadunando com esta percepção, o segundo dado apresentado como ilustração registra o apagamento do segmento fonético [e] na junção das palavras “de” e “outro”, tendo como resultado a forma “doutro”.

Dando prosseguimento ao tratamento qualitativo dos dados coletados em 03IFPA chamamos atenção, por meio do quadro 22, para as alterações fonéticas caracterizadas pela transposição de segmentos.

Quadro 22 - Ocorrências de transposição de segmentos fonéticos - 03IFPA

Metátese	(1332) Este <i>preverso</i> anjo > perverso (1557) E é tarde, vamo <i>drumi</i> > dormir
Hipértese	(1264) E só o que é ruim <i>podruz</i> > produz (1820) Com nosso <i>potresto</i> forte > protesto

Fonte: Elaborado pelo autor

Em 03IFPA, a metátese é ilustrada com o auxílio dos dados 1332 e 1557, cuja transposição se caracteriza pela mudança de posição do segmento fonético [r]. Nos dois casos esse segmento passa por um processo de antecipação na estrutura silábica. Comparando com os dados evidenciados em 01INPA e 02CLCCPA verificamos que o segmento fonético [r] é o que aparece mais vezes nesse tipo de alteração fonética.

Esta observação também se aplica aos casos de hipértese, conforme apontado pelos dados 1264 e 1820. Tanto em um quanto em outro, ocorre uma mudança de posição configurada pela transposição do segmento fonético [r] da primeira para a segunda sílaba. A análise de 01INPA, 02CLCCPA e 03IFPA comprova a considerável ocorrência de transposição deste segmento fonético, além disso, em 02CLCCPA flagramos também um processo de transposição do segmento fonético [s] entre sílabas.

No que tange aos casos de atração, os exemplos registrados em 03IFPA atestam o observado em 01INPA e 02CLCCPA, que indicam a não ocorrência desse processo fonético-fonológico. Por outro lado, enfatizamos que existem casos de atração no falar sertanejo de Patativa do Assaré, conforme evidências apresentadas por Alencar (1997) em sua análise.

À guisa de conclusão desta demonstração voltada para os dados de 03IFPA, passamos a destacar os exemplos ilustrativos de casos em que há a transformação de segmentos fonéticos. Com essa finalidade, colocamos em tela o quadro 23.

Quadro 23 - Ocorrências de transformação de segmentos fonéticos - 03IFPA (Continua)

Assimilação	(1624) O <i>dereito</i> do banqueiro > direito (1807) Pelas <i>inleição</i> direta > eleições
Dissimilação	(1258) Que todos <i>fio</i> de Adão > filhos (1325) Com tudo que é <i>safadage</i> > safadagem

Quadro 23 - Ocorrências de transformação de segmentos fonéticos - 03IFPA (Conclusão)

Alçamento vocálico	(1243) Não é preciso <i>istudá</i> > estudar (1466) Vou falá de <i>ribuliço</i> > reboiço
Abaixamento	(1770) <i>Veve</i> cheio de cancêra > vive (1904) Que <i>veve</i> e morre apoiado > vive
Iotização	(1265) O anjo bom <i>aconsêia</i> > aconselha (1412) O seu <i>trabaio</i> é perdido > trabalho
Rotacismo	(1623) <i>Rifrita</i> no bem comum > reflita (1858) Não tá vendo o triste <i>crima</i> > clima

Fonte: Elaborado pelo autor

A título de ilustração dos casos de assimilação registrados em 03IFPA remetemos aos dados 1624 e 1807. Ambos representam processos que já foram exemplificados anteriormente: harmonização vocálica e nasalização. Diante do exposto, o dado 1624 configura uma ação assimilatória da vogal tônica sob a pretônica ocasionando uma harmonia vocálica. No dado 1807, ocorre a transformação de um som oral em nasal, caracterizando dessa forma o processo assimilatório de nasalização.

Considerando, pois, o que foi evidenciado em 01INPA, 02CLCCPA e 03IFPA concluímos que há uma diversidade de processos assimilatórios presentes no falar sertanejo do poeta cearense, ilustrados neste trabalho pelos exemplos citados que representam casos de sonorização, nasalização e harmonização vocálica. Por outro lado, embora tenhamos incluído o processo de palatalização nesta categoria, não registramos ocorrências deste caso em nossos dados.

Na sequência, focalizamos os dados 1258 e 1325 para avultar a ocorrência de processos dissimilatórios em 03IFPA. O primeiro deles representa um caso de despalatalização em que a forma “filhos” se transforma em “fio”, enquanto no segundo indicamos um caso de desnasalização em que a forma “safadagem” é expressa como “safadage”. Tais ocorrências são aderentes ao que já havíamos exposto anteriormente, desse modo, verificamos que os dados coletados em 01INPA, 02CLCCPA e 03IFPA confirmam a existência de diferentes processos dissimilatórios no falar sertanejo de Patativa, notadamente os casos de despalatalização e desnasalização. Em menor quantidade, identificamos também ocorrências de dessonorização, conforme apresentamos outrora.

No tocante aos casos de alçamento vocálico, evidenciamos os dados 1243 e 1466 nos quais verifica-se a transformação da vogal média-alta [e] na vogal alta [i]. Ainda no dado

1466 apreciamos um outro caso de alçamento, porém, desta vez ocorre uma transformação da vogal média-alta [o] na vogal alta [u]. O exame das obras 01INPA, 02CLCCPA e 03IFPA demonstra a frequência dos casos de alçamento vocálico na variedade linguística utilizada pelo autor.

De modo análogo, também identificamos casos de abaixamento nas três obras averiguadas. Falando especificamente de 03IFPA, os dados 1770 e 1904 ratificam a caracterização do respectivo processo pelo abaixamento da altura da língua na transformação da vogal alta [i] na vogal média-baixa [ɛ], conforme se observa nos dois casos mencionados. Todavia, convém destacar a reincidência deste processo nos segmentos vocálicos mencionados, bem como nos exemplos utilizados.

Em 03IFPA, assim como em 01INPA e 02CLCCPA registramos variadas ocorrências de iotização, o que coincide com nossa prerrogativa de tratar esse processo à parte tendo em vista sua produtividade no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Nesse ensejo, referenciamos os dados 1265 e 1412 que ampliam nossa ótica acerca deste processo fonético-fonológico, acrescentando exemplos ao quadro analítico apresentado. Em 1265 observamos o uso da variante sertaneja “aconsêia” em detrimento da variante padrão “aconselha”. De modo semelhante, no dado 1412 flagra-se a preferência pela variante sertaneja “trabaio” em comparação com a forma de prestígio.

Encaminhando para o desfecho analítico do quadro 23 damos destaque aos casos de rotacismo detectados em 03IFPA, que são aqui representados pelas ocorrências 1623 e 1858, cuja caracterização coaduna com o visto em 01INPA e 02CLCCPA. A esse respeito, salientamos a transformação da lateral [l] no rótico [r]. Os dados apresentados convergem para o que havíamos exposto em outro momento: os casos de rotacismo no falar sertanejo do autor são caracterizados pela transformação de [l] em [r], não sendo registradas em nossas análises ocorrências inversas deste processo.

Passando, pois, para o tratamento quantitativo dos dados coletados nos poemas de 03IFPA, lançamos foco para a tabela 05:

Tabela 05 - Ocorrências por tipo de alteração na substância fonética - 03IFPA (Continua)

TIPO DE ALTERAÇÃO NA SUBSTÂNCIA FONÉTICA - 03IFPA							
CATEGORIA/POEMA	I	II	III	IV	V	TOTAL	APL / TOT.
Adição	2	2	1	1	0	6	06 / 669
Subtração	67	165	98	51	18	399	399 / 669

Tabela 05 - Ocorrências por tipo de alteração na substância fonética - 03IFPA (Conclusão)

Transformação	32	102	73	26	11	244	244 / 669
Transposição	3	7	7	2	1	20	20 / 669
Total:	104	276	179	80	30	669	669 / 669

Fonte: Elaborada pelo autor

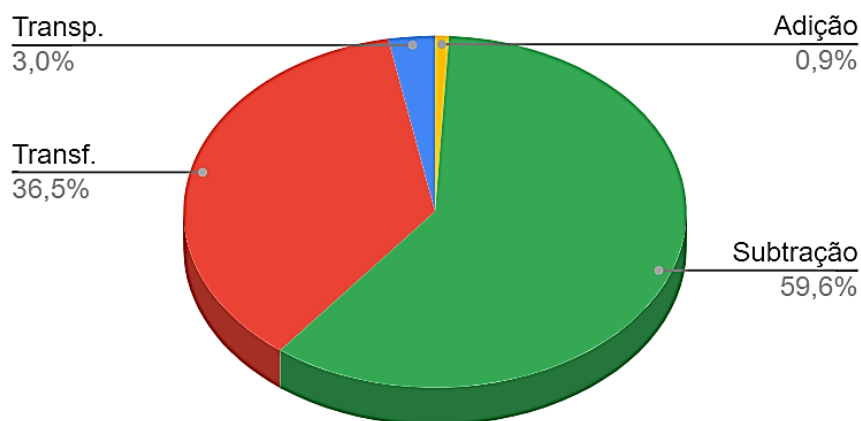
Ao esmiuçar os 669 dados coletados em 03IFPA percebemos de que modo essas ocorrências se distribuem entre os cinco poemas selecionados: 104 dados referentes ao poema I: “*Dois anjo*”; 276 exemplos provenientes do poema II: “*Um candidato político na casa de uma caçador*”; 179 dados oriundos do poema III: “*A realidade da vida*”; 80 ocorrências registradas no poema IV: “*Inleição direta 1984*” e 30 registros verificados no poema V: “*Ao poeta B.C. Neto*”.

Ao analisarmos horizontalmente os números expostos na tabela 05 verificamos que, assim como observado em 01INPA e 02CLCCPA, os tipos de alterações fonéticas por adição e transposição são os menores, correspondendo, respectivamente à 6 e 20 dados. Seguindo esse movimento de convergência com as obras anteriormente apresentadas, os dados referentes à subtração e transformação de segmentos fonéticos são a maioria, indicando, respectivamente, 399 e 244 ocorrências.

Os casos de adição aparecem pouquíssimas vezes, com destaque para os poemas I (*Dois anjo*) e II (*Um candidato político na casa de um caçador*) que apresentam duas ocorrências cada. Por sua vez, os casos de subtração e transformação são mais recorrentes no poema II (*Um candidato político na casa de um caçador*), contudo, é meritório destacar que este poema apresenta uma quantidade maior de dados em detrimento dos demais poemas em análise, tendo em vista sua extensão. Finalmente, os casos de transposição aparecem mais vezes nos poemas II (*Um candidato político na casa de um caçador*) e III (*A realidade da vida*), com sete ocorrências em cada.

Lançando um olhar que considere a aplicação em relação à totalidade de dados, recorreremos ao gráfico 05 que explora as porcentagens referentes à cada tipo de alteração fonética verificada em 03IFPA

Gráfico 05 - Tipos de alteração na substância fonética - 03IFPA



Fonte: Elaborado pelo autor

Expresso em porcentagem, o tratamento estatístico conduz à confirmação da análise realizada anteriormente, indicando a menor incidência dos casos de adição (0,9%) e de transposição (3,0%). Enquanto isso, em paralelo com o verificado em 01INPA e 02CLCCPA, os casos de subtração e transformação de segmentos registrados em 03IFPA permanecem ultrapassando a quantidade de 90% dos dados analisados, representando uma porcentagem total de 96,1% dos dados, sendo 59,6% referentes a casos de subtração e 36,5% de casos de transformação de segmentos.

Tais evidências, mais uma vez, levam-nos a voltar o olhar de modo mais minucioso para os casos de subtração de segmentos fonéticos, dada sua expressividade comprovada por meio dos dados. Nesse intento, explicitamos na tabela 06 abaixo as quantidades referentes aos diferentes processos fonético-fonológicos que estão relacionados à respectiva categoria de análise.

Tabela 06 - Ocorrências de processos fonético-fonológicos por subtração - 03IFPA

PROCESSOS FONÉTICO/FONOLÓGICOS POR SUBTRAÇÃO - 03IFPA							
CATEGORIA/POEMA	I	II	III	IV	V	TOTAL	APL / TOT.
Aférese	0	12	3	7	3	25	25 / 399
Síncope	11	13	11	0	2	37	37 / 399
Apócope	44	109	59	33	10	255	255 / 399
Monotongação	11	26	24	11	3	75	75 / 399
Elisão	1	5	1	0	0	7	07 / 399
Total:	67	165	98	51	18	399	399 / 399

Fonte: Elaborada pelo autor

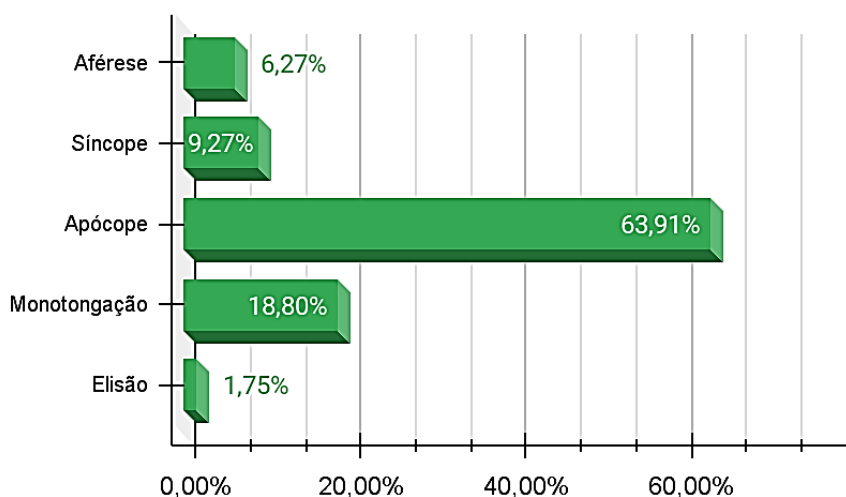
Mediante o exposto, constatamos que em 03IFPA todos os processos fonético-fonológicos por substituição de segmentos apresentam exemplos que colaboraram para a construção de nossa amostra. Considerando, pois, cada poema analisado, verificamos que o poema II, “*Um candidato político na casa de um caçador*”, foi o que apresentou a maior quantidade de dados em todos os processos fonético-fonológicos de subtração de segmentos.

Por outro lado, quando retiramos o foco dos poemas e voltamos para os processos fonético-fonológicos, nosso objeto de maior interesse, concluímos que a apócope foi o processo que se mostrou mais produtivo em todos os poemas, contabilizando um total de 255 ocorrências, distribuídas em ordem crescente: 10 no poema V, 33 no poema IV, 44 no poema I, 59 no poema III e 109 no poema II.

Em sequência, o processo de monotongação foi o mais recorrente apresentando um total de 75 ocorrências, tendo sua maior quantidade no poema II, seguido pela síncope com 37 exemplos, sendo 13 desses no poema II, a aférese com 25 registros, dos quais 12 pertencem ao poema II e em menor quantidade a elisão/sinalefa com apenas 07 dados representativos, sendo 05 deles identificados no poema II.

Com a finalidade de propiciar uma melhor visualização e, por conseguinte, compreensão acerca do comportamento estatístico dos referidos dados no que concerne a parcela que ocupam em relação à totalidade, apresentamos abaixo o gráfico 06:

Gráfico 06 - Processos fonético-fonológicos por subtração - 03IFPA



Fonte: Elaborado pelo autor

Partindo das porcentagens reveladas graficamente, podemos nos certificar que a

apócope é o processo mais recorrente dentre os poemas analisados, dada sua presença em 63,91% dos dados. Em seguida, ocupando a segunda maior parcela dos dados, assim como verificado em 01INPA e 02CLCCPA, a monotongação se apresenta em 18,80% das ocorrências.

Ressaltamos, entretanto, que em relação à 01INPA e 02CLCCPA, houve um aumento dos casos de apócope e um decréscimo dos casos de monotongação. Apesar disso, somados, ambos continuam correspondendo a mais de 80% dos dados. Em menores quantidades apresentam-se em ordem decrescente: síncope (9,27%), aférese (6,27%) e elisão (1,75%).

Ao concluirmos a análise qualitativa e quantitativa dos dados referentes à produção 03IFPA, observamos que em 669 ocorrências é possível identificar a configuração de uma variação linguística no nível fonético-fonológico. Dentre as ocorrências totais de variáveis caracterizadoras do falar sertanejo de Patativa do Assaré constatamos que 399 delas são identificadas pela subtração de segmentos fonéticos, evidenciando, portanto, a considerável porcentagem de 59,6% dos dados.

Essa significativa porcentagem direcionou nossa análise para os processos fonético-fonológicos de subtração de segmentos, dentre os quais, concluímos que o processo de apócope, assim como nas obras analisadas inicialmente, é o mais recorrente, uma vez que responde a uma porcentagem de 63,91% dos dados de 03IFPA, ou, em outros termos, é encontrado em 255 dos 399 dados que compõem a referida categoria.

5.1.4 Totalidade dos dados

Até este ponto de nossa análise empregamos um olhar compartimentado, privilegiando uma descrição ampla dos diversos processos fonético-fonológicos atestados no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Nessa perspectiva, já obtivemos e discutimos apontamentos que nos permitem oferecer as respostas iniciais às nossas hipóteses, assim como o cumprimento de parte dos nossos objetivos específicos. No entanto, consideramos salutar reconstruirmos os dados anteriormente esmiuçados por meio de uma análise global que considere sua totalidade e ratifique nossas primeiras respostas.

Por essa razão, construimos a tabela 07, abaixo indicada, de modo a somar os dados coletados em todas as obras analisadas, bem como possibilitar uma análise conjunta de nossa amostra que confirme as respostas encontradas em cada obra.

Tabela 07 - Ocorrências por tipo de alteração na substância fonética na totalidade dos dados

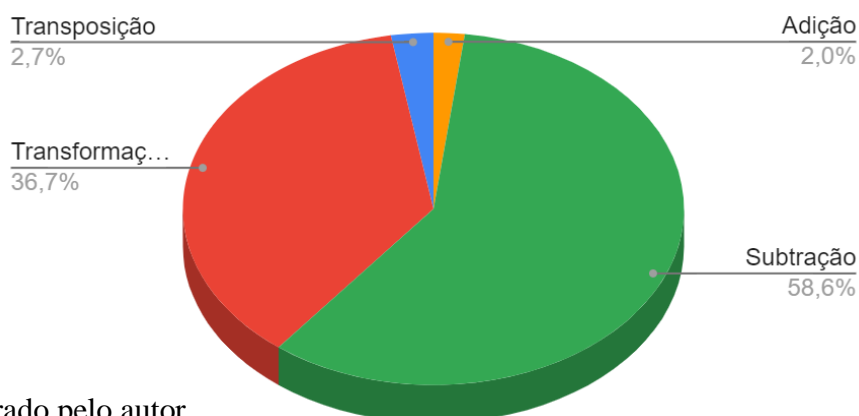
TIPO DE ALTERAÇÃO NA SUBSTÂNCIA FONÉTICA					
CATEGORIA/OBRA	01INPA	02CLCCPA	03IFPA	TOTAL	APL / TOT.
Adição	19	13	6	38	38 / 1904
Subtração	363	354	399	1116	1116 / 1904
Transformação	235	219	244	698	698 / 1904
Transposição	17	15	20	52	52 / 1904
Total:	634	601	669	1904	1904 / 1904

Fonte: Elaborada pelo autor

Os dados em análise demonstram que foram registradas e analisadas 1904 ocorrências de variações fonética-fonológicas na amostra construída, das quais 634 são referentes à obra *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]), 601 relativas à *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]) e 669 relacionadas à *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]).

Assumindo uma ótica global para a análise dos referidos dados, constatamos que os processos fonético-fonológicos por adição são os que possuem a menor ocorrência no falar sertanejo de Patativa do Assaré, representando somente 38 dados. Em seguida, os processos de transposição de segmentos fonéticos que representam 52 dados. Comparativamente a essas alterações, verificamos que os processos ocorridos pela transformação e subtração de segmentos fonéticos apresentam uma quantidade significativa de realizações no falar sertanejo do poeta. Enquanto os processos por transformação de segmentos correspondem a 698 dados, os processos por subtração de segmentos são manifestados em 1116 dados, sendo também o tipo de alteração fonética com as quantidades mais expressivas em todas as obras analisadas. Exploramos estes dados visualmente por meio do gráfico 07:

Gráfico 07 - Tipos de alteração na substância fonética na totalidade dos dados



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme desenvolvemos nossa discussão, a partir da análise isolada de 01INPA, 02CLCCPA e 03IFPA, podemos verificar quais tipos de alterações fonéticas eram mais ou menos frequentes. Tal perspectiva analítica é ratificada quando verificamos a porcentagem ocupada pelos dados, considerando a totalidade da amostra.

A esse respeito, a apresentação gráfica nos permite validar nossa resposta de que o tipo de alteração fonética mais recorrente é o de subtração de segmentos, uma vez que tal alteração se manifesta em 58,6% dos 1904 dados analisados, dada a sua identificação em 1116 dados. Na sequência, os processos por transformação de segmentos fonéticos ocupam 36,7% dos dados em escrutínio, correspondendo, portanto, a um total de 698 dos 1904 dados analisados.

Em menores quantidades, os dados referentes à transposição (2,7%) e à adição (2,0%) de segmentos confirmam suas ocorrências no falar sertanejo do autor cearense, contudo, não se mostram tão recorrentes quanto os demais tipos de alterações fonéticas aludidos.

Tais quais os procedimentos adotados ao longo de nossas análises, selecionamos o tipo de alteração fonética que se mostrou estatisticamente mais recorrente. Nesse sentido, esmiuçamos os números que correspondem aos processos fonético-fonológicos por subtração de segmentos fonéticos, dada sua representatividade nos dados examinados. Em virtude disso, realizamos a decomposição dos 1116 dados referentes à subtração de segmentos fonéticos por meio da tabela 08.

Tabela 08 - Ocorrências de processos fonético-fonológicos por subtração na totalidade dos dados

PROCESSOS FONÉTICO/FONOLÓGICOS POR SUBTRAÇÃO					
CATEGORIA/OBRA	01INPA	02CLCCPA	03IFPA	TOTAL	APL / TOT.
Aférese	13	26	25	64	64 / 1116
Síncope	41	39	37	117	117 / 1116
Apócope	213	177	255	645	645 / 1116
Monotongação	94	111	75	280	280 / 1116
Elisão	2	1	7	10	10 / 1116
Total:	363	354	399	1116	1116 / 1116

Fonte: Elaborada pelo autor

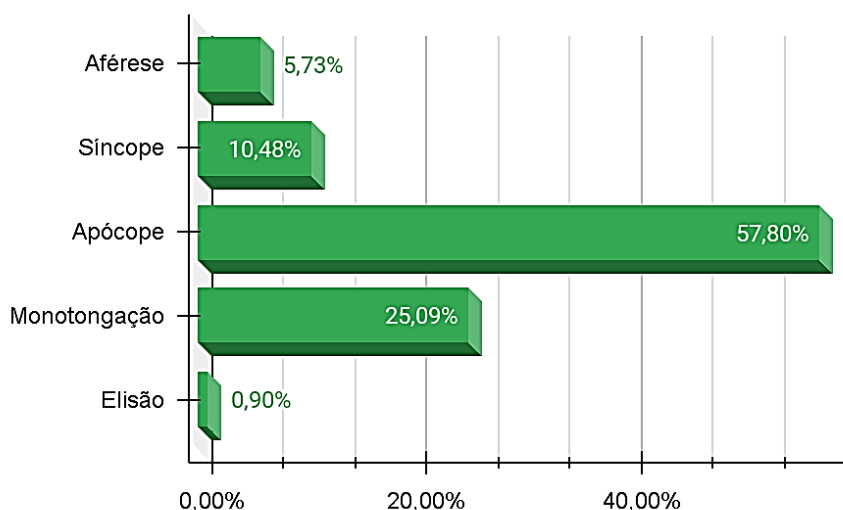
Consoante ao exposto na tabela 08, reafirmamos a ocorrência de 1116 processos fonético-fonológicos por subtração de segmentos em todas as obras analisadas. Nesse recorte,

explicitamos o registro de 363 ocorrências em *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]), 354 ocorrências em *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]) e 399 ocorrências em *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]).

No que concerne aos processos fonético-fonológicos investigados em cada obra, percebe-se que as maiores ocorrências de aférese foram registradas em 02CLCCPA. Já os casos de síncope se mostraram mais frequentes em 01INPA. Por sua vez, a apócope apresenta-se em maior quantidade em 03IFPA, enquanto que a monotongação tem mais casos identificados em 02CLCCPA. Finalmente, os casos representativos de elisão/sinalefa foram mais produtivos em 03IFPA.

Por outro lado, quando consideramos a totalidade de dados e processos fonético-fonológicos, a tabela 08 nos permite organizá-los em sua ordem crescente, da seguinte forma: elisão (10 ocorrências), aférese (64 ocorrências), síncope (117 ocorrências), monotongação (280 ocorrências) e apócope (645 ocorrências). Seguindo o observado na análise específica de cada obra, constatamos que os números encontrados apontam para a apócope como processo mais frequente de subtração de segmentos fonéticos. Graficamente, remetemos a esta informação com o auxílio do gráfico 08 abaixo apresentado

Gráfico 08 - Processos fonético-fonológicos por subtração na totalidade dos dados



Fonte: Elaborado pelo autor

Ocupando uma porcentagem de 57,80% dos 1116 dados correspondentes à subtração de segmentos fonéticos verificamos que a apócope é, de fato, o processo fonético-fonológico mais recorrente no falar sertanejo de Patativa do Assaré, mediante o recorte analítico realizado.

Em seguida, o processo por monotongação, referente a uma porcentagem de 25,09%, mostra-se como o segundo processo mais recorrente. Ocupando uma menor parcela dos dados, identificamos em ordem decrescente: síncope (10,48%), aférese (5,73%) e elisão (0,90%).

5.1.5 A apócope no falar sertanejo de Patativa do Assaré

Frente ao exposto, voltamos o olhar para o processo de apócope de modo a compreender sua caracterização no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Pelos números apresentados, além de mais recorrente, verificamos também que há uma manutenção deste processo fonético-fonológico, dada a semelhança das quantidades encontradas em 01INPA, 02CLCCPA e 03IFPA, mantendo uma média de 215 ocorrências nas três obras. Esta discussão contribui para dirimir parcialmente as dificuldades editoriais elencadas por Carvalho (2017), conforme mencionamos outrora, uma vez que aponta para a constância do referido processo fonético-fonológico em diferentes poemas e obras. Não obstante, corrobora ainda para a compreensão da permanência deste processo no falar sertanejo do autor apesar da passagem de tempo entre uma e outra produção analisada.

Além das conclusões possibilitadas pela análise quantitativa empreendida, a análise qualitativa, que realizamos por meio da ilustração das ocorrências de cada processo fonético-fonológico, permitiu-nos observar que existem diferentes variáveis linguísticas que caracterizam a apócope no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Segundo o que verificamos nos quadros 13, 17 e 21¹³, a apócope incide sob diferentes elementos linguísticos, a saber: o segmento fonético suprimido e a classe gramatical das palavras.

No que concerne aos segmentos fonéticos suprimidos, verificamos em nossos dados que a apócope pode se manifestar nos segmentos [r], [l] e [s]. De modo a ampliar a descrição deste fenômeno, recorreremos ao quadro 24 que adiciona exemplos da manifestação de apócope na referida variedade linguística:

Quadro 24 - Ocorrências de apócope em diferentes segmentos fonéticos (Continua)

Apagamento de [r]	(16) Em <i>batê</i> meu enxadeco > bater (01INPA) (214) O <i>prazê</i> e o sofrimento > prazer (02CLCCPA) (449) O <i>sinhô</i> disse que come? > senhor (03IFPA)
-------------------	--

¹³ Quadro 13 - Ocorrências de subtração de segmentos fonéticos - 01INPA - Pág: 84
 Quadro 17 - Ocorrências de subtração de segmentos fonéticos - 02CLCCA - Pág: 93
 Quadro 21 - Ocorrências de subtração de segmentos fonéticos - 03IFPA - Pág: 101

Quadro 24 - Ocorrências de apócope em diferentes segmentos fonéticos (Conclusão)

Apagamento de [l]	(95) Na união do <i>casá</i> > casal (01INPA) (365) Se o nosso <i>Brasi</i> falasse > Brasil (02CLCCPA) (508) Só conhece <i>futibó</i> > futebol (03IFPA)
Apagamento de [s]	(148) Nós dois <i>samo</i> bem iguá > somos (01INPA) (326) Pois <i>ante</i> de lhe dizê > antes (02CLCCPA) (616) Nós <i>vamo</i> por outra meta > vamos (03IFPA)

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme explicitado pelo quadro acima apresentado, observamos que nas três obras analisadas ocorrem exemplos de apócope com os segmentos fonéticos mencionados. Nesse sentido, para ilustrar a apócope do segmento fonético [r] remetemos ao dado 16 de 01INPA, em que este apagamento ocorre na palavra *bater*. Por sua vez, o dado 214 ilustra a apócope de [r] na obra 02CLCCPA, representada pela forma *prazer*. Além desses, o dado 449 traz à tona um exemplo identificado em 03IFPA, em que o apagamento de [r] se dá na forma *senhor*.

Além do segmento fonético [r], a apócope no falar sertanejo de Patativa também é realizada com o segmento fonético [l]. De modo a ilustrar tais ocorrências, remetemos aos dados 95, 365 e 508 que correspondem, respectivamente, às obras 01INPA, 02CLCCPA e 03IFPA. Nos exemplos citados, o apagamento de [l] é evidenciado pelas formas “*casá*”, “*Brasi*” e “*futibó*”.

Concluindo o quadro síntese explorado, remetemos aos casos de apagamento de [s]. Nesse intento, os dados 148, 326 e 616 demonstram a evidência do apagamento do respectivo segmento fonético nas obras examinadas. No primeiro, o apagamento é realizado na forma “*samo*” em detrimento da forma de prestígio “*somos*”. De modo similar, em 326, observamos o apagamento na forma “*ante*” em paralelo com a forma padrão “*antes*”. Finalmente, em 616, o apagamento ocorre em “*vamo*” quando comparado à variante padrão “*vamos*”.

Novamente, a observação dessas diferentes ocorrências de apócope nos motivou a realizar uma análise quantitativa que contribuísse para a identificação do segmento fonético, dentre os identificados, em que esse processo fonético-fonológico se mostra mais recorrente no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Logo, em cumprimento a este objetivo, passamos a indicar numericamente o comportamento das referidas variáveis por intermédio da tabela 09 que apresentamos abaixo

Tabela 09 - Ocorrências de apócope por segmento fonético suprimido

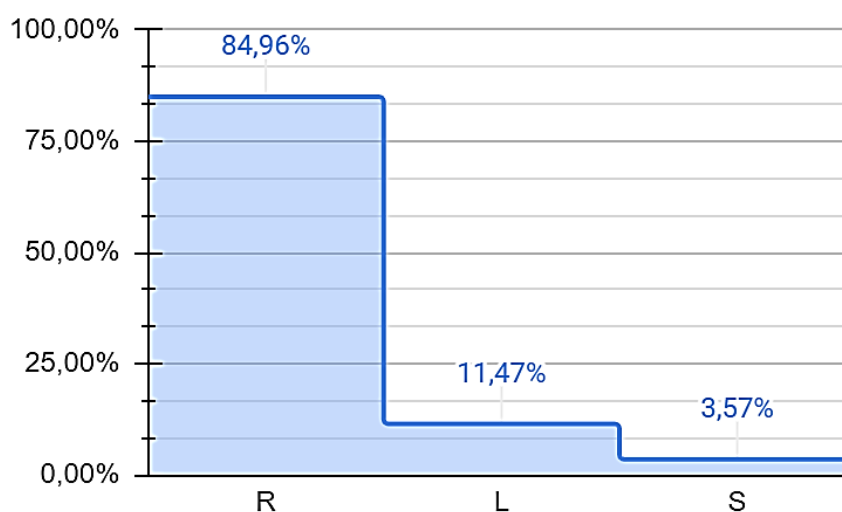
OCORRÊNCIAS DE APÓCOPE POR SEGMENTO FONÉTICO SUPRIMIDO					
SEG. FONÉTICO / OBRA	01INPA	02CLCCPA	03IFPA	TOTAL	APL / TOT.
Apagamento de [r]	176	156	216	548	548 / 645
Apagamento de [l]	34	16	24	74	74 / 645
Apagamento de [s]	3	5	15	23	23 / 645
Total:	213	177	255	645	645 / 645

Fonte: Elaborada pelo autor

Os números indicados na tabela acima apontam para uma menor ocorrência de apagamento de [s], manifestada apenas em 23 dados, cuja maior quantidade está presente em 03IFPA. De modo intermediário, o apagamento de [l] é registrado em 74 dados, estando 34 deles concentrados em 01INPA. Por outro lado, o apagamento do segmento fonético [r] é o que se mostra mais frequente em todas as obras estudadas, o que resulta na sua ocorrência em 548 dados de um total de 645.

Com a finalidade de proporcionar uma visão sintetizada dos dados, apresentamos no gráfico 09 abaixo as porcentagens referentes ao apagamento de cada segmento fonético investigado.

Gráfico 09 - Ocorrências de apócope por segmento fonético suprimido



Fonte: Elaborado pelo autor

As porcentagens apresentadas no gráfico 09 confirmam o apagamento do segmento

fonético [r] como o mais recorrente no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Nessa perspectiva, verifica-se uma ocorrência da subtração deste segmento em 84,96% dos dados analisados, o que corresponde a uma aplicação de 548 sob um total de 645. Em seguida, o [l] é o segmento que mais sofre esse tipo de processo, identificado em 11,47% dos dados em escrutínio, em uma relação de 74 ocorrências em um total de 645 dados. Por fim, o apagamento de [s] é o menos frequente, tendo sido identificado apenas em 3,57% dos dados, representando, pois, uma aplicação de 23 dados em 645 ocorrências de apócope.

Além do segmento fonético, verificamos que a classe gramatical também é uma variável que pode ser considerada, uma vez que identificamos em nossa amostra casos de apócope em palavras que pertencem a diferentes categorias. Por essa razão, fazemos uso do quadro 25 para contemplarmos as referidas ocorrências:

Quadro 25 - Ocorrências de apócope em diferentes classes gramaticais

Substantivo	(01) <i>cantô</i> da mão grossa > cantor (01INPA) (232) Com a <i>fulô</i> sem perfume > flor (02CLCCPA) (418) Harmonia, paz e <i>amô</i> > amor (03IFPA)
Pronome	(23) Cada <i>quá</i> sua canção > qual (01INPA) (402) Pode sê de <i>quarquê</i> raça > qualquer (03IFPA)
Adjetivo	(103) Na <i>maiô</i> das farsidade > maior (01INPA) (259) Tudo teu é <i>naturá</i> > natural (02CLCCPA) (461) Da campanha <i>eleitorá</i> > eleitoral (03IFPA)
Verbo	(210) <i>Escapá</i> no Maranhão > escapar (01INPA) (373) Lhe <i>rendê</i> minha homenagem > render (02CLCCPA) (611) E <i>gritá</i> por liberdade > gritar (03IFPA)
Advérbio	(30) E <i>afiná</i> tem fromosura > afinal (01INPA) (260) <i>Ante</i> de arguém lapidá > antes (02CLCCPA) (462) E pra <i>mió</i> lhe dizê > melhor (03IFPA)

Fonte: Elaborado pelo autor

Os exemplos apresentados no quadro 25 reforçam a ocorrência do processo fonético-fonológico da apócope em palavras que pertencem a diferentes categorias gramaticais e, portanto, ocupam distintas funções. Não é nossa intenção com este estudo aprofundarmos

este viés analítico, contudo, remetemos aos exemplos diversos como maneira de favorecer a descrição do processo que nos interessa.

Sob este prisma, os dados 01, 232 e 418 ilustram as ocorrências de apócope nos substantivos. Este comportamento foi registrado em todas as obras analisadas, conforme indicamos por meio dos exemplos destacados: cantor, flor e amor. Em contrapartida, a ocorrência de apócope em pronomes foi verificada apenas em duas obras: 01INPA e 03IFPA. Na primeira, verificamos a apócope de [l] no pronome interrogativo “qual”. Na segunda, salienta-se a apócope de [r] no pronome indefinido “qualquer”.

As ocorrências de apócope em adjetivos são representadas pelos dados 103, 259 e 461, nos quais constatamos a supressão dos segmentos fonéticos no final das palavras maior, natural e eleitoral. Enquanto no primeiro, há a perda do [r] final, os dois últimos são caracterizados pela perda de [l]. Em conformidade com o exposto, verificamos a recorrência da perda de [r] final no falar sertanejo evidenciado nas obras em estudo. Tal percepção é corroborada pelos exemplos 210, 373 e 611 que confirmam a perda desse segmento fonético, bem como apontam para sua ocorrência em verbos, respectivamente: escapar, render e gritar.

Encerrando as ilustrações que compõem o quadro 25, os dados 30, 260 e 462 remetem à ocorrência de apócope em advérbios. No primeiro, temos a supressão de [l] verificada em “afiná” como uso correspondente a forma padrão “afinal”. No segundo, a supressão de [s] em um advérbio de tempo e, por fim, no dado 462, observamos a supressão de [r] em um advérbio de modo.

Diante, pois, da necessidade de especificar e quantificar esses diferentes registros de apócope, recorreremos à tabela 10, na qual destacamos os comportamentos numéricos da variável em discussão.

Tabela 10 - Ocorrências de apócope por classe gramatical

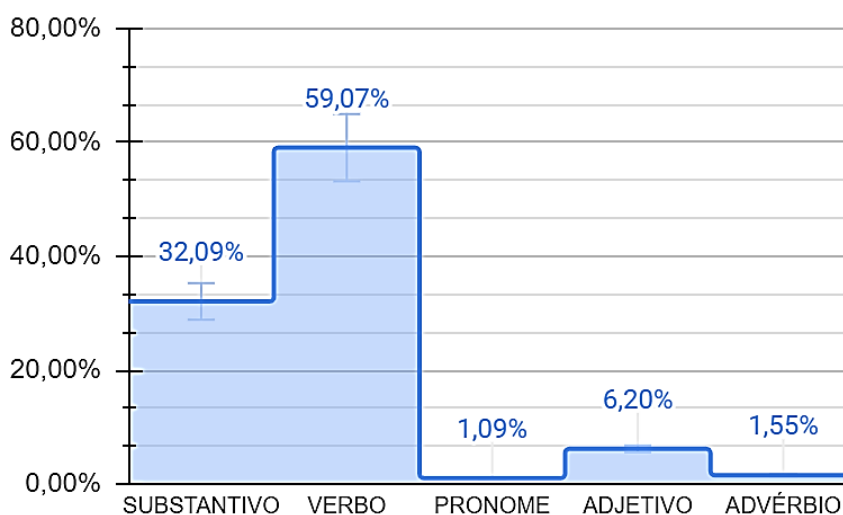
OCORRÊNCIAS DE APÓCOPE POR CLASSE GRAMATICAL					
CLASSE GRAM. / OBRA	01INPA	02CLCCPA	03IFPA	TOTAL	APL / TOT.
Substantivo	73	65	69	207	207 / 645
Pronome	5	0	2	7	07 / 645
Adjetivo	14	8	18	40	40 / 645
Verbo	119	100	162	381	381 / 645
Advérbio	2	4	4	10	10 / 645
Total:	213	177	255	645	645 / 645

Fonte: Elaborada pelo autor

Aplicadas as devidas categorias, assim como suas respectivas ocorrências, constatamos que, dentre as classes gramaticais identificadas, a classe dos pronomes é a que apresenta a menor ocorrência de apócope, com apenas 7 registros. Em seguida, os advérbios sofreram o processo de apócope em 10 dados. Os adjetivos somaram 40 ocorrências de apócope, considerando as três obras analisadas.

Por sua vez, as classes dos substantivos e dos verbos foram aquelas em que verificamos uma maior recorrência dos casos de apócope. Desse modo, constatamos 207 dados que representam casos de apócope em substantivos e 381 casos em que esse processo fonético-fonológico se manifestou em verbos. Por meio do gráfico 10, representamos visualmente as porcentagens de apócope encontradas em cada classe gramatical.

Gráfico 10 - Ocorrências de apócope por classe gramatical



Fonte: Elaborado pelo autor

A partir do explicitado acima, flagra-se que a ocorrência de apócope quanto às classes gramaticais organiza-se de forma crescente em: pronome (1,09%), advérbio (1,55%), adjetivo (6,20%), substantivo (32,09%) e verbo (59,07%). Demonstra-se, pois, que esse processo é menos frequente em pronomes e advérbios e mais produtivo em substantivos e verbos. Quanto aos substantivos, constatamos uma aplicação de 207 ocorrências sob um total de 645 casos, o que corresponde a porcentagem indicada. No que concerne aos verbos, destacamos a aplicação de 381 casos em um total de 645.

Os dados coletados, analisados e discutidos nos permitiram descrever, no nível fonético-fonológico, determinadas particularidades do falar sertanejo expostas na produção

poética de Patativa do Assaré. Nesse intento, o tratamento analítico que empreendemos contribuiu para a compreensão desse falar, bem como para a identificação dos elementos linguísticos que configuram esse uso. Apesar disso, nossa análise não se restringiu ao nível fonético-fonológico, mas também esteve preocupada com o nível morfossintático, sobretudo, a variável concordância. Por essa razão, na seção seguinte deste capítulo passamos a olhar para o nível morfossintático bem como suas manifestações no falar sertanejo de Patativa do Assaré.

5.2 Inventário morfossintático

De acordo com os objetivos propostos para a investigação que empreendemos, nesta subseção lançamos luz acerca dos dados que compõem o inventário morfossintático construído a partir do falar sertanejo verificado nos poemas de Patativa do Assaré. Para tanto, é necessário lembrarmos que, para este nível de análise, optamos por delimitar uma variável: a concordância.

A referida variável foi selecionada tendo em vista a realização de diversos estudos sociolinguísticos, conforme referenciamos no capítulo dois deste trabalho, que atestam a diversidade de usos referentes a esta variável, sobretudo, em falares populares, como é o caso da variedade a qual nos dedicamos. Ademais, compreendemos que é também nesta variável de natureza morfossintática em que podemos verificar de modo mais saliente a manifestação de variações linguísticas em relação à norma padrão da língua portuguesa.

Feita a contextualização necessária à compreensão da variável selecionada, passamos a analisá-la seguindo a mesma organização aplicada à seção anterior. Nesse sentido, realizamos um tratamento dos dados por obra e sua devida análise qualitativa e quantitativa para, em seguida, apresentarmos uma análise aplicada à totalidade dos dados correspondentes a variedade linguística investigada. A esse respeito, convém mencionar que o inventário morfossintático construído se estrutura em torno de 360 dados coletados nos poemas pertencentes às obras *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]), *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]) e *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]).

5.2.1 Inspiração Nordestina

Iniciamos esta discussão fazendo um recorte em torno dos 137 dados flagrados na obra *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]). No que concerne a variável em escrutínio, identificamos casos representativos que exemplificam a ocorrência de variação linguística tanto

na manifestação da concordância nominal, quanto na manifestação da concordância verbal. Por essa razão, recorreremos ao quadro 26 para ilustrar as ocorrências aludidas:

Quadro 26 - Ocorrências de variações na concordância - 01INPA

Concordância Nominal	(13) Cantando <i>as verdade</i> das coisa do Norte > as verdades (78) E <i>os verso</i> em minha cachola > os versos (123) <i>As mágua</i> que o peito tem > as mágoas
Concordância Verbal	(29) Traz, quando <i>as águas derrama</i> > as águas derramam (117) <i>Os seus dedo é achatado</i> > Os seus dedos são achatados (112) ... <i>os ispirito sabido falasse</i> ... > os espíritos sabidos falassem

Fonte: Elaborado pelo autor

Os dados expostos no quadro 26 ratificam a ocorrência de variações linguísticas no falar sertanejo de Patativa do Assaré, tanto na expressão da concordância nominal, quanto na expressão da concordância verbal.

Em relação à primeira, colocamos em tela os dados 13, 78 e 123, cujas ocorrências apontam para a manutenção da marca redundante de plural apenas no primeiro elemento do sintagma nominal, que nestes casos, corresponde ao determinante. Tal configuração aponta para o uso de uma marcação não-redundante, conforme definem Azalim *et al* (2018). Em 13 e 123, verificamos que o -s do plural é marcado apenas no elemento que antecede o núcleo do sintagma, que nestes casos é o artigo definido feminino “a”. Do mesmo modo ocorre em 78, entretanto, com a diferença que se trata de um artigo definido masculino “o”. Salientamos, pois, que estas ocorrências vão de encontro ao previsto pela norma-padrão da língua portuguesa, segundo o que verificamos em Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2019), que reforçam a necessidade de marcação de plural em todos os elementos do sintagma nominal.

Por sua vez, os dados 29, 117, e 112 indicam o uso variável em relação à concordância verbal. Para os casos mencionados, relembremos que, conforme previsto pela norma-padrão da língua portuguesa, o verbo deve ser flexionado de acordo com a flexão do sujeito oracional, em pessoa e número, promovendo uma solidariedade entre os referidos elementos sintagmáticos, nos termos de Cunha e Cintra (2017). Entretanto, os exemplos indicados demonstram a não realização da concordância, uma vez que, nos três casos, o sujeito está flexionado na terceira pessoa do plural (águas, dedos, espíritos), portanto, os verbos que remetem a esses sujeitos também deveriam estar flexionados nestes parâmetros, ou seja, na

terceira pessoa do plural, a saber: derramam, são e falassem. Todavia, a ausência das marcas de terceira pessoa do plural nas formas verbais aponta para a não realização da concordância entre verbo e sujeito, caracterizando, desse modo, um uso variável.

A identificação de uma quantidade significativa de ocorrências como as que analisamos acima nos conduziu ao tratamento estatístico dos referidos dados. Por isso, remetemos à tabela 11, que organiza o tratamento quantitativo empreendido.

Tabela 11 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 01INPA

OCORRÊNCIAS DE VARIAÇÕES POR TIPO DE CONCORDÂNCIA - 01INPA							
CATEGORIA/POEMA	I	II	III	IV	V	TOTAL	APL / TOT.
Concordância Nominal	13	40	18	10	18	99	99 / 137
Concordância Verbal	01	24	02	02	09	38	38 / 137
Total:	14	64	20	12	27	137	137 / 137

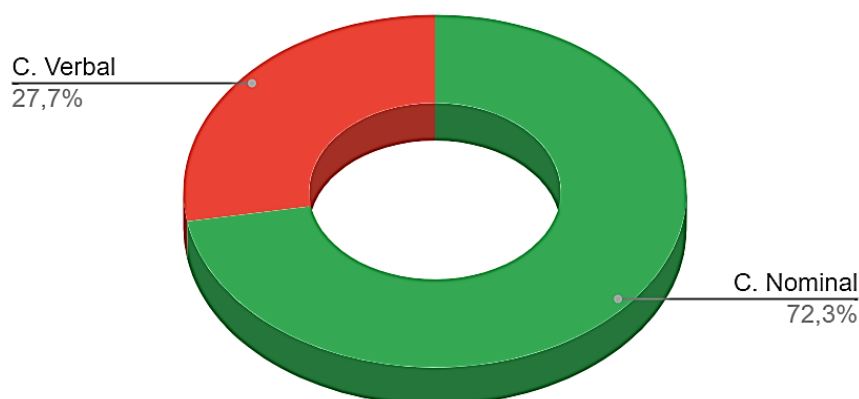
Fonte: Elaborada pelo autor

A partir do exposto na tabela 11, constatamos que os 137 dados correspondentes à 01INPA estão distribuídos entre os cinco poemas, a saber: 14 ocorrências no poema I “*O poeta da roça*”; 64 registros no poema II “*Assaré*”; 20 exemplos no poema III “*No meu sertão*”; 12 dados no poema IV “*Cante lá que eu canto cá*” e 27 no poema V “*Cabôca de minha terra*”. Dentre estes, verificamos que o poema II “*Assaré*” é o que apresenta a maior quantidade de ocorrências. Em contrapartida, o poema IV “*Cante lá que eu canto cá*” é o que apresenta a menor quantidade.

Considerando a variável concordância, destacamos que os casos de variação linguística na expressão da concordância nominal são maioria em todos os cinco poemas analisados em 01INPA, em detrimento dos casos de variação linguística na expressão da concordância verbal. Nesse viés, o poema II “*Assaré*” é o que apresenta a maior quantidade de casos de variações em relação à concordância nominal, com 40 ocorrências, enquanto o poema I “*O poeta da roça*” apresenta a menor quantidade, apenas 13. O mesmo ocorre nos casos de variação em relação à concordância verbal, em que os respectivos poemas apresentam a maior (24) e a menor (01) quantidade de ocorrências registradas.

Visando possibilitar uma apreciação gráfica dos dados estatísticos, bem como uma melhor compressão acerca de seu comportamento, constatado pela análise realizada em 01INPA, anunciamos o gráfico 11 abaixo representado

Gráfico 11 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 01INPA



Fonte: Elaborado pelo autor

A observação meticulosa do gráfico 11 nos permite ratificar a predominância dos casos de variação em relação à concordância nominal em detrimento dos casos de variação em relação à concordância verbal verificados em 01INPA. A esse respeito, destacamos que os casos de variação na concordância nominal correspondem a 72,3% das ocorrências registradas, o que significa uma aplicação de 99 dados sob um total de 137. Por sua vez, os casos de variação na concordância verbal, referentes a uma aplicação de 38 dados em 137, representam a porcentagem de 27,7% das ocorrências contabilizadas.

Tomando como referência a análise realizada, constatamos que na obra 01INPA ocorre a manifestação de variações linguísticas no nível morfossintático, sobretudo, em relação a variável concordância, o que é corroborado pela análise das ilustrações apresentadas. Ainda sobre a referida variável, verificamos que os casos de variação na concordância nominal, nesta obra, são mais frequentes que os casos de variação na concordância verbal.

5.2.2 *Cante lá que eu canto cá*

De modo a perscrutar as informações sobre a variável em escopo, bem com a nossa compreensão acerca do falar sertanejo de Patativa do Assaré, averiguamos sua manifestação em *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]). Nesse ensejo, identificamos, em 02CLCCPA, 111 ocorrências de variações linguísticas relacionadas à variável concordância. Tais registros são ilustrados pelos dados que expomos no quadro 27:

Quadro 27 - Ocorrências de variações na concordância - 02CLCCPA

Concordância Nominal	(152) E alegria <i>aos teus cabôco</i> > aos teus caboclos (183) <i>Os meus caracó</i> eu faço > os meus caracóis (246) <i>Qui os grande engenhero</i> fez > os grandes engenheiros
Concordância Verbal	(155) <i>Tu é</i> belo e <i>é</i> importante > Tu és (156) <i>Tu veve</i> munto esquecido > Tu vives (216) <i>E os fio</i> me <i>acompanhava</i> > os filhos acompanhavam

Fonte: Elaborado pelo autor

Os dados materializados no quadro 27 apontam para a manutenção das variações observadas em 01INPA, bem como para o acréscimo de ocorrências que se realizam em contextos diferentes. Sendo assim, os dados 152, 183 e 246 de 02CLCCPA indicam que, mesmo em sintagmas nominais com mais de dois elementos, a variante explícita, nos termos de Scherre e Naro (1998), não aparece em todos eles.

A esse respeito, verificamos que tanto no dado 152 quanto no dado 183, os sintagmas possuem um elemento nuclear e dois periféricos. Porém, diferente do observado em 01INPA, nos casos ora mencionados, constatamos que a marcação de plural é feita nos dois primeiros elementos que são, ambos, periféricos. Por sua vez, o núcleo, que é o terceiro elemento do sintagma, não é marcado com a desinência esperada para o plural, representando, portanto, a variante zero na nomenclatura proposta por Scherre e Naro (1998).

Estrutura similar é a que se apresenta no dado 246, dada a sua composição com um elemento nuclear e dois periféricos. Todavia, neste dado percebemos uma manutenção do comportamento verificado em 01INPA, uma vez que a marcação do plural incide apenas sob o primeiro elemento, caracterizando a variante explícita, e sua ausência é notada nos demais elementos que completam a estrutura do sintagma nominal analisado, configurando a variante zero.

Para exemplificar as ocorrências de variações referentes à concordância verbal, colocamos em tela os dados 155, 156 e 216. Os dois primeiros acrescentam uma informação pertinente à nossa investigação: ocorrem variações na concordância verbal também em sujeitos expressos pela segunda pessoa do singular, no caso, indicado pelo pronome pessoal reto “tu”. Apesar disso, tal constatação não gera surpresa, dada a recorrência dessa estrutura nos mais diversos falares do português brasileiro, embora esta realização seja diferente da estrutura prevista pela norma-padrão. Somando-se aos anteriores, o dado 216 aponta para uma

manifestação já mencionada em 01INPA, ao apresentar uma ocorrência de variação relacionada à concordância do verbo com o sujeito flexionado na terceira pessoa do plural.

Os dados registrados em 02CLCCPA apontam para uma persistência das ocorrências encontradas em 01INPA, bem como para o acréscimo de ocorrências que se estruturam de modo diverso. De modo a complementar o tratamento realizado frente aos dados coletados, remetemos à tabela 12 que explicita o comportamento numérico da referida variável.

Tabela 12 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 02CLCCPA

OCORRÊNCIAS DE VARIAÇÕES POR TIPO DE CONCORDÂNCIA - 02CLCCPA							
CATEGORIA/POEMA	I	II	III	IV	V	TOTAL	APL / TOT.
Concordância Nominal	9	28	21	20	14	92	92 / 111
Concordância Verbal	0	9	4	4	2	19	19 / 111
Total:	9	37	25	24	16	111	111 / 111

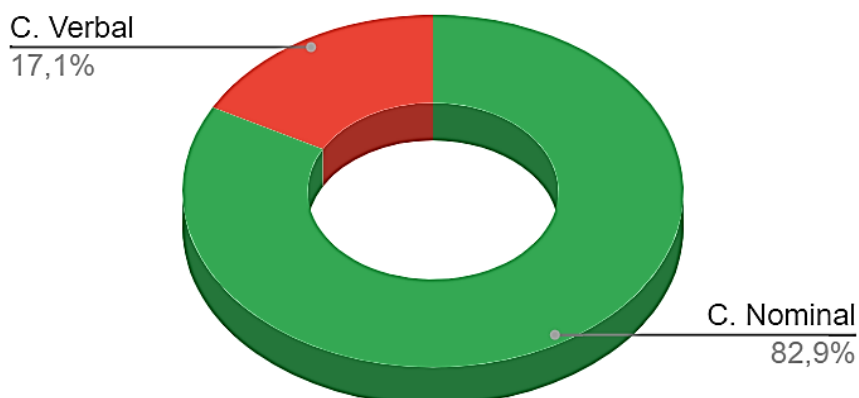
Fonte: Elaborada pelo autor

As quantidades apontadas pela tabela 12 demonstram um total de 111 ocorrências, conforme havíamos mencionado. Essa totalidade se decompõe da seguinte maneira: 9 ocorrências no poema I “*Aos poetas clássicos*”; 37 registros no poema II “*Eu e o sertão*”; 25 exemplos no poema III “*Vida sertaneja*”; 24 dados referentes ao poema IV “*Apelo de um agricultor*” e 16 casos no poema V “*Boa noite, Fortaleza*”. Logo, verificamos que o poema II “*Eu e o sertão*” é o que apresenta o maior número de ocorrências, enquanto o poema I “*Aos poetas clássicos*” contribui com a menor quantidade.

Constatamos a manifestação de variações em relação à variável concordância em todos os poemas, com exceção para o poema I “*Aos poetas clássicos*” que não apresenta ocorrências de variações em relação à concordância verbal. No que tange à concordância nominal, verificamos que a maior parte dos dados é oriunda do poema II “*Eu e o sertão*”, correspondendo a 28 dados, e a menor quantidade é observada no poema I “*Aos poetas clássicos*”, que apresenta somente 9 ocorrências, comportamento semelhante ao que verificamos na totalidade dos dados. Enquanto isso, os números referentes à concordância verbal indicam sua maior incidência no poema II “*Eu e o sertão*”, dada sua representação em 09 dados e a sua não ocorrência no poema I “*Aos poetas clássicos*”. Logo, a averiguação minuciosa ratifica o verificado em 01INPA, que aponta para uma maior ocorrência de variações nos casos de concordância nominal em paralelo a uma ocorrência inferior de variações nos casos de concordância verbal.

Prezando pela promoção de uma análise pautada em aspectos de valor estatístico, colocamos em foco o gráfico 12 que indica as porcentagens referentes à variável concordância observadas em 02CLCCPA.

Gráfico 12 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 02CLCCPA



Fonte: Elaborado pelo autor

Depreendemos, pois, que os casos de variação na concordância nominal ocupam uma parcela maior dos dados em relação aos casos de variação na concordância verbal. Nessa perspectiva, o gráfico 12 é aderente a esta afirmativa, uma vez que demonstra uma porcentagem de 82,9% referente à concordância nominal, o que representa uma aplicação de 92 dados frente a um total de 111 dados. Em contrapartida, os casos de concordância verbal ocupam apenas 17,1% das ocorrências, dada sua manifestação em 19 dados em uma totalidade de 111.

Em vista disso, o tratamento analítico realizado nos dados coletados em 02CLCCPA acrescentam informações ao que havíamos constatado em 01INPA, à medida que apontam para comportamentos diferentes quanto a manifestação da variável concordância, tanto em sintagmas nominais, quanto em sintagmas verbais. Contudo, a análise quantitativa realizada ratifica a nossa percepção de que os casos de variação na concordância nominal são superiores, portanto, mais recorrentes, que os casos de variação na concordância verbal.

5.2.3 *Ispinho e fulô*

Por mais que o tratamento realizado até o momento nos encaminhe para determinadas conclusões, tal atividade só se conclui quando os dados referentes à obra *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]) forem analisados. Em cumprimento, pois, a esta prerrogativa, passamos a

olhar para os dados coletados em 03IFPA. Nesta obra foram coletadas 112 ocorrências, cujas ilustrações são apresentadas com o auxílio do quadro 28:

Quadro 28 - Ocorrências de variações na concordância - 03IFPA

Concordância Nominal	(282) Pra vê <i>as cinza e as brasa</i> > as cinzas e as brasas (313) E mais <i>outras coisa lôca</i> > outras coisas loucas (360) Lendo <i>os seus verso sensíve</i> > os seus versos sensíveis
Concordância Verbal	(286) Quando <i>essas coisa acontece</i> > essas coisas acontecem (304) <i>Tu tem</i> que sê escravizado > Tu tens (356) <i>Todos já sabe</i> quem é > Todos já sabem

Fonte: Elaborado pelo autor

Acrescidos aos exemplos apresentados *a priori*, os dados expostos no quadro 28 apontam para manifestações diversas de variações linguísticas na expressão da concordância, seja nominal ou verbal. Por intermédio do dado 282, verificamos a recorrência de sintagmas com apenas dois elementos, seguindo a ordem determinante > nome, ambos formados pelo arranjo sintático artigo + substantivo.

Dada a relação sintagmática estabelecida entre as duas formas mencionadas, a flexão de ambas, para a norma-padrão da língua portuguesa, deve ser a mesma, quanto ao gênero e ao número. Todavia, verificamos que a flexão de número é expressa apenas no primeiro elemento do sintagma, revelando uma concordância explícita, segundo definem Mendes e Oushiro (2015). Por outro lado, seguindo o que já havíamos observado em 01INPA e 02CLCCPA, constatamos que o segundo elemento do sintagma, ou seja, o núcleo, dispõe de marcador zero, dada a não realização de sua concordância com o termo antecedente.

Por sua vez, o dado 313 remete à sintagmas que possuem três elementos. A alusão a este dado tem como objetivo verificar se, em sintagmas maiores, permanece a concordância explícita apenas no primeiro elemento. Os exemplos vistos em 01INPA e 02CLCCPA demonstraram que existem casos em que há a manutenção da marca de plural apenas no primeiro elemento, bem como existem casos em que essa marca se dá nos dois primeiros elementos do sintagma. Nesse viés analítico, o dado 313 encaixa-se na primeira categoria, em que a marcação é mantida apenas no primeiro elemento.

Em contrapartida, o dado 360 amplia a extensão do sintagma ao remeter a um exemplo em que identificamos quatro elementos, na ordem: determinante > especificador >

nome > modificador. Identificamos, pois, o nome como núcleo do sintagma e os demais elementos como periféricos. A partir do dado em evidência, observa-se que, neste tipo de estrutura, a marcação de plural é preservada nos dois primeiros elementos, revelando uma concordância explícita, conforme Mendes e Oushiro (2015). Tal fato se assemelha ao que verificamos em 02CLCCPA.

No que concerne aos casos de concordância verbal, destacamos que, nos dados 286 e 356 de 03IFPA, temos casos de variações expressos pela não concordância entre a forma verbal e a flexão do sujeito, que está na terceira pessoa do plural. Este exemplo corrobora com o que já evidenciamos tanto em 01INPA, quanto em 02CLCCPA.

De modo análogo, o dado 304 remete a uma ocorrência que já constatamos nas análises anteriores. Trata-se da não concordância entre a forma verbal e o sujeito expresso pela segunda pessoa do singular que, conforme mencionamos, é uma realização comum ao português brasileiro.

A análise qualitativa, realizada a partir dos dados registrados em 03IFPA, aponta para a confirmação dos parâmetros que configuram a manifestação da variável concordância no falar sertanejo de Patativa do Assaré. De modo a complementar nossas análises, recorreremos à tabela 13, na qual indicamos, através de números, o comportamento desta variável.

Tabela 13 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 03IFPA

OCORRÊNCIAS DE VARIAÇÕES POR TIPO DE CONCORDÂNCIA - 03IFPA							
CATEGORIA/POEMA	I	II	III	IV	V	TOTAL	APL / TOT.
Concordância Nominal	11	23	38	14	04	90	90 / 112
Concordância Verbal	06	07	08	01	00	22	22 / 112
Total:	17	30	46	15	04	112	112 / 112

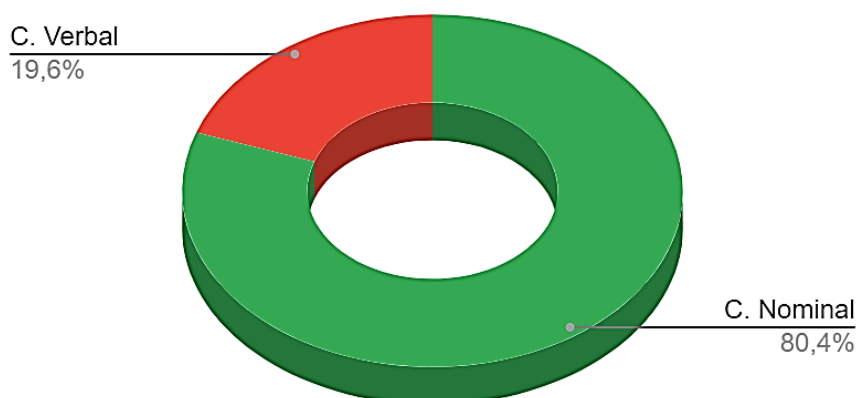
Fonte: Elaborada pelo autor

Por meio da tabela 13 verificamos que os 112 dados referentes à 03IFPA são detalhados da seguinte forma: 17 ocorrências no poema I “*Dois anjo*”; 30 dados referentes ao poema II “*Um candidato político na casa de uma caçador*”; 46 exemplos relativos ao poema III “*A realidade da vida*”; 15 casos representativos no poema IV “*Inleição direta 1984*” e 04 registros relacionados ao poema V “*Ao poeta B.C. Neto*”. Considerando esta organização, percebemos que o poema III “*A realidade da vida*” foi o que contribuiu com a maior quantidade de ocorrências (46) para nosso inventário. No lado oposto, o poema V “*Ao poeta B.C. Neto*” foi o que agregou a menor quantidade de dados (04).

Tanto os casos de concordância nominal, quanto os casos de concordância verbal são mais recorrentes no poema III “*A realidade da vida*”, que apresentou, respectivamente, 38 e 08 ocorrências. Por sua vez, o poema V “*Ao poeta B. C. Neto*” é o que apresenta a menor quantidade de ocorrências de variações quanto à concordância nominal (04), ao mesmo tempo em que não apresenta nenhuma ocorrência referente a concordância verbal.

Verticalizando a análise da tabela 13 e recortando para a totalidade de dados, conclui-se que os casos de variação na concordância nominal se mantêm como superiores aos casos de variação na concordância verbal. Sobre isso, cabe observar, ainda, que o número de suas ocorrências é superior em todos os poemas analisados. Diante disso, estabelecemos a necessidade de verificar o modo como esses dados se posicionam em relação à totalidade, por isso, recorreremos às porcentagens, cuja referência se dá pelo gráfico 13 abaixo

Gráfico 13 - Ocorrências de variações por tipo de concordância - 03IFPA



Fonte: Elaborado pelo autor

As cores utilizadas no gráfico 13 permitem visualizar, de forma precisa, a manifestação da variável concordância nos dados em análise. Em vermelho, a porcentagem de 19,6% dos dados corresponde aos casos de variações na concordância verbal, o que representa 22 dados em um universo de 112. Em verde, ocupando mais de $\frac{1}{3}$ do gráfico, o que significa 80,4% dos dados, temos os casos de variação na concordância nominal, uma aplicação de 90 ocorrências em um total de 112.

5.2.4 Totalidade dos dados

Ao compararmos o estudo que realizamos em 01INPA, 02CLCCPA e 03IFPA

concluimos que, apesar da variação ser manifestada tanto nos casos de concordância nominal, quanto nos casos de concordância verbal, há uma predominância de casos referentes à primeira categoria que, em todas as obras, ultrapassou a porcentagem de 70% das ocorrências. Após o movimento de análise, passamos a um movimento de síntese, no qual reunimos os dados do inventário morfossintático em sua totalidade. Para tanto, lançamos luz sobre a tabela 14.

Tabela 14 - Ocorrências de variações por tipo de concordância na totalidade dos dados

OCORRÊNCIAS DE VARIAÇÕES POR TIPO DE CONCORDÂNCIA					
CATEGORIA/OBRA	01INPA	02CLCCPA	03IFPA	TOTAL	APL / TOT.
Concordância Nominal	99	92	90	281	281 / 360
Concordância Verbal	38	19	22	79	79 / 360
Total:	137	111	112	360	360 / 360

Fonte: Elaborada pelo autor

Em consonância com o exposto na tabela 14, reafirmamos a quantidade de 360 dados que compõem o inventário morfossintático construído para esta investigação, que são divididos da seguinte forma: 137 dados coletados em *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]), 111 ocorrências registradas em *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]) e 112 exemplos identificados em *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]).

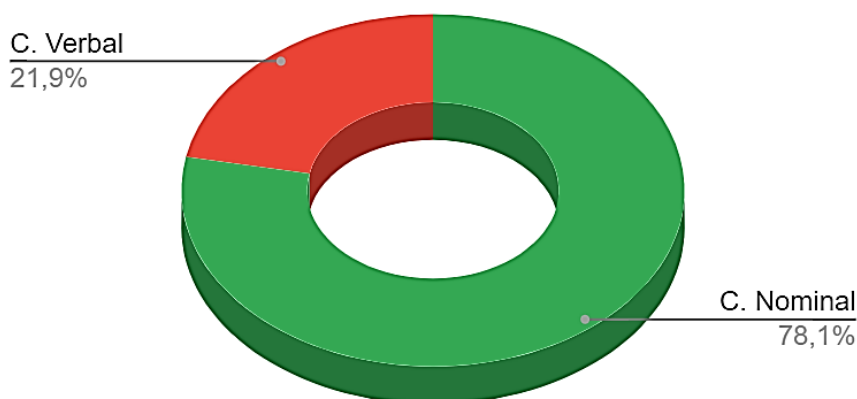
Tanto em uma, quanto na outra categoria, a obra 01INPA foi a que apresentou a maior quantidade de ocorrências, 99 e 38, respectivamente. A menor quantidade de casos de concordância nominal foi encontrada em 03IFPA, com 90. Já os casos de concordância verbal foram menos frequentes em 02CLCCPA. Considerando os dados totais, confirmamos que os casos de variação na concordância nominal são superiores aos casos de variação na concordância verbal. A esse respeito, acrescentamos, ainda, que os casos de concordância nominal apresentam uma média de 93,6 ocorrências por obra.

Tomando como variável o período de tempo de publicação entre uma obra e outra, verificamos que há uma manutenção dos casos de variação na concordância nominal, dada a similaridade entre os números apresentados, o que aponta para o fato de que esta seja uma característica marcante do falar sertanejo de Patativa do Assaré. Por outro lado, percebemos uma tendência a diminuição dos casos de concordância verbal. Acreditamos que isso seja um reflexo da avaliação social das variantes, sobretudo, o estigma que envolve o uso dessas formas, mormente, quando representam casos em que a saliência fônica é maior.

Privilegiando a aplicação do tratamento estatístico como recurso condutor para a

análise, remetemos, por fim, ao gráfico 14 que evidencia as porcentagens verificadas tendo em vista o aspecto global dos dados que compõem o inventário morfossintático.

Gráfico 14 - Ocorrências de variações por tipo de concordância na totalidade dos dados



Fonte: Elaborado pelo autor

Neste gráfico, confirmamos a recorrência dos casos de variação na concordância nominal, verificados em 78,1% dos dados analisados, isto é, uma aplicação de 281 dados em um total de 360 ocorrências. Já os casos de variação na concordância verbal, correspondem a uma porcentagem de 21,9% dos dados ou uma aplicação de 79 ocorrências, que integram um total de 360 dados. Tal perspectiva confirma que os casos de variação, expressos na concordância nominal, são mais recorrentes no falar sertanejo do poeta cearense, dada sua predominância nas três obras analisadas.

Acerca dos casos de variação na concordância nominal, observamos que, na maioria dos casos, a manutenção da marca de plural costuma ocorrer em elementos não nucleares, ou seja, determinantes e/ou especificadores, não recaindo sobre o núcleo do sintagma.

Outro ponto a ser destacado é que, na maior parte das ocorrências, a preservação da marca de plural ocorre no primeiro elemento de sintagmas nominais mais curtos¹⁴, com menor frequência essa marca foi verificada no segundo elemento do sintagma. Por sua vez, em sintagmas nominais maiores, verificamos a utilização da marca de plural nos dois primeiros elementos.

Tais observações, proporcionadas a nós pelo escrutínio de nossos dados, são completamente aderentes ao encontrado por Scherre e Naro (1998), que enfatizam:

¹⁴ Chamamos de sintagmas nominais curtos sintagmas que apresentam até 2 elementos em sua estrutura. Tal afirmação não está ancorada em uma perspectiva teórica, mas é assumida em uma perspectiva de organização metodológica.

Para os elementos nominais que não exercem a função de núcleo dos sintagmas nominais, o que importa é a sua posição em relação ao núcleo. Elementos não-nucleares à esquerda do núcleo favorecem marcas explícitas; elementos não nucleares à direita do nome desfavorecem-nas. Os núcleos, por sua vez, favorecem mais marcas explícitas se ocuparem a primeira posição na cadeia sintagmática, ou seja, se estiverem linearmente mais à esquerda da construção. (cf. Scherre, 1988; Naro & Scherre, 1993 e Scherre, 1994). (SCHERRE; NARO; 1998, p. 09)

Conforme visto, a posição dos elementos em relação ao núcleo é um fator condicionador para a manutenção da marca explícita de plural, uma vez que elementos à esquerda são mais propensos a manterem a referida marca. Em nossos dados, pudemos constatar que todos os elementos que mantiveram a variante explícita estavam à esquerda do núcleo. Do mesmo modo, nos poucos dados em que o núcleo era o primeiro elemento, a marca de concordância explícita era utilizada neste elemento. Apesar da importância dessas informações para uma descrição pormenorizada da respectiva variável, não nos concentramos nessa perspectiva analítica, tendo em vista os limites impostos pelos objetivos de nosso trabalho.

Constatamos, pois, que a expressão da concordância nominal aponta para ocorrências variáveis no falar sertanejo de Patativa do Assaré quando comparada à norma-padrão da língua portuguesa. A utilização dessas formas, bem como de outras formas linguísticas características de determinado falar, funciona como recurso de construção identitária mobilizado pelo falante. Por essa razão, na seção seguinte deste capítulo, voltamos o olhar para os aspectos de identidade que emergem na produção poética em linguagem sertaneja de Patativa do Assaré.

5.3 A construção de uma identidade

Sabemos que o uso de determinada variedade linguística é um marcador de identidade, uma vez que aproxima o falante, enquanto sujeito social, a uma coletividade caracterizada pelo uso da respectiva variedade. Por essa razão, nas seções anteriores, apresentamos análises que se dedicaram a compreender a caracterização do falar sertanejo empregado por Patativa do Assaré, nos níveis fonético-fonológico e morfossintático, privilegiando a análise das formas linguísticas em variação. Apesar desse uso já ser considerado por nós um processo de estabelecimento identitário, nesta seção, nos dedicaremos à análise de conteúdo de 13 poemas em que o autor recorre a estratégias voltadas à sua identificação, seja ela individual ou coletiva. A quantidade de poemas em que há alusão a aspectos identitários, confirma a recorrência dessa temática na produção de Patativa do Assaré e, por conseguinte,

colabora para reforçar a relevância de nossa investigação.

Nesse intento, passamos a analisar os poemas que, na construção de nossa amostra, atenderam ao segundo critério relacionado à temática abordada, a saber: os poemas que apresentam em sua estrutura a afirmação de uma identidade. Para a obra *Inspiração Nordestina* (2003 [1956]) foram selecionados os poemas: *O poeta da roça*, *Assaré*, *No meu sertão* e *Cante lá que eu canto cá*.

O primeiro poema, intitulado “*O poeta da roça*”, já pelo título indica a atribuição de um papel e um lugar de origem referentes ao eu-lírico. De início, obtemos a identificação de poeta, atividade esta que é caracterizada pela produção de poemas, textos que apresentam em sua estrutura elementos que exploram a sonoridade das construções linguísticas, bem como outros efeitos de sentido. Não obstante, verifica-se ainda a determinação, por meio do adjunto adnominal, do lugar de origem e/ou de trabalho deste poeta. Trata-se de um poeta da roça, o que permite ao leitor esperar que este elemento espacial, de algum modo, seja abordado pelo artista em suas produções.

Estruturalmente, “*O poeta da roça*” é formado por nove estrofes (09), com quatro versos cada (04), totalizando, portanto, trinta e seis versos (36). Ao analisar as ideias a partir das quais o referido poema é construído, constatamos três eixos temáticos explorados: a identificação do eu-lírico, o contexto de circulação de suas produções e o objeto de seus poemas. Quanto ao primeiro eixo temático verificado, colocamos em tela a primeira estrofe do texto em análise:

Sou fio das mata, cantô da mão grossa
 Trabaio na roça, de inverno e estio.
 A minha chupana é tapada de barro,
 Só fumo cigarro de páia de mio.

(ASSARÉ, 2003 [1956], p. 14)

No excerto em evidência, verificamos a referência a um eu-lírico em primeira pessoa, colocando-se na produção por meio da mobilização de recursos disponibilizados pelo sistema linguístico que, neste caso, são configurados pelo uso do verbo ser conjugado na primeira pessoa do singular. Tal uso centraliza a informação no eu-lírico para, em seguida, identificar a sua procedência. Nesse sentido, o autor destaca ser filho das matas, ou seja, ser natural de uma região rural, revelando assim, sua aproximação com a natureza.

Em seguida, o autor apresenta outro papel por ele cumprido: o de cantor, papel este

que coaduna com o de poeta apresentado no título. A essa informação é acrescida uma característica física do eu-lírico: ter as mãos grossas, como resultado do trabalho manual que desenvolve constantemente na roça, seja ou não, a época adequada ao desenvolvimento deste trabalho. Conforme verificamos em Carvalho (2017) e nos próprios poemas de Patativa do Assaré, desde cedo, ele exercia a profissão de agricultor, o que reforçava sua relação com a natureza. Ao final da estrofe, são adicionadas informações que esclarecem acerca das condições sociais do eu-lírico, sobretudo, em relação à moradia e aos costumes que eram típicos de sua região.

No que concerne ao segundo eixo temático a partir do qual o poema se desenvolve, apresentamos o excerto abaixo como escopo de análise:

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
 Não entra na praça, no rico salão,
 Meu verso só entra no campo e na roça,
 Nas pobre paioça, da serra ao sertão

(ASSARÉ, 2003 [1956], p. 14)

Neste trecho, relacionado ao contexto de circulação de seus poemas, o autor destaca uma clara distinção entre dois ambientes: o primeiro frequentado por pessoas de maior prestígio social, o rico salão, já o segundo, como lugar de pessoas simples e humildes, as pobres palhoças da serra ao sertão. Verificamos, nesse sentido, uma distinção pautada entre lugares diferentes - cidade x serra/sertão - e entre grupos distintos - ricos x pobres -.

Feitas as comparações, constata-se a vinculação do autor às pessoas da serra/sertão e aos pobres. Este movimento de aproximação configura o estabelecimento de características compartilhadas que assemelham o eu-lírico à identidade das pessoas que vivem nesse lugar e são pobres. Esta análise se confirma, sobretudo, quando o eu-lírico destaca as características de seus poemas: rastêro, singelo, sem graça. Acreditamos que, ao assumir esses adjetivos, o autor refere-se a linguagem utilizada em seu poema, todavia, assume não a sua própria ótica, mas a ótica e a avaliação social das pessoas que frequentam o rico salão e que, por isso, não cedem espaço para sua produção poética, sendo esta apreciada apenas por pessoas que compartilham da variedade linguística utilizada, bem como dos problemas que são cantados em seus textos.

Nosso entendimento se confirma quando o eu-lírico, nas estrofes que seguem, atende ao terceiro eixo temático que indicamos: o objeto de seus poemas. A esse respeito, aponta-se que o eu-lírico canta sobre temas diversos, mas todos eles relacionados ao sertão e ao

povo sertanejo, a saber: “Só canto o buliço da vida apertada / Da lida pesada, das roça e dos eito”; “Eu canto o cabôco com suas caçada”; “Eu canto o vaquêro vestido de côro”; “Eu canto o mendigo de sujo farrapo”; (ASSARÉ, 2003 [1956]).

Ao eleger os objetos de inspiração para sua produção, o autor demonstra o seu conhecimento acerca dos referidos objetos, que se assemelham pelo local em que vivem ou pela classe social a que pertencem. Por essa razão, constituem fonte de inspiração para o poeta, que busca dar voz a esse povo marginalizado e esquecido em um movimento de semelhança e empatia com os papéis sociais que são aderentes ao eu-lírico enquanto poeta, cantor e sertanejo.

Se em “*O poeta da roça*” o foco está no eu-lírico, no poema “*Assaré*” o olhar se volta para a sua comunidade de fala. Para tanto, o referido poema está organizado em duzentos e quarenta versos (240) divididos em vinte e quatro estrofes (24). Quanto à progressão temática, verificamos um encadeamento de ideias que seguem a ordem: aspectos biográficos do autor em Assaré, os elementos positivos do local, notadamente as belezas naturais do município, e os aspectos negativos do lugar, evidenciados pelas marcas de desigualdade social.

Dado o fato de que já apresentamos uma análise geral do poema “*Assaré*” no capítulo três deste estudo, nesta análise focaremos apenas nas estrofes que remetem, de fato, a construção da identidade sertaneja.

Eu sou um dos teus cabôco
 Que toda a vida te quis
 E não invejo nem pôco
 O resto do meu país
 Eu aqui tou sossegado
 No teu seio incalocado,
 De tudo eu gozo contente:
 Do crima, saúde franca,
 Da noite, uma lua branca
 Do dia, um só respresente

(ASSARÉ, 2003 [1956], p. 43)

No trecho evidenciado, verificamos que o eu-lírico preza pela manutenção do uso da primeira pessoa do singular, desta vez de forma explícita, pelo uso do pronome reto “eu” na função de sujeito simples. Na construção sintagmática, faz uso do verbo copulativo “ser” para estabelecer a relação entre o sujeito e complemento que indica, por meio do uso do pronome

possessivo “teu” e do substantivo “cabôco”, a sua condição de sujeito pertencente àquele lugar. Nesse viés, fica claro que há uma hibridização entre eu-lírico e autor que é própria da produção de Patativa do Assaré, em que muitas vezes vida e obra se misturam como reflexo de sua relação intrínseca, conforme verificamos também em Nogueira (2017).

Na continuidade da estrofe, o autor reforça o sentimento de pertencimento a partir da indicação de que sempre quis estar neste lugar, apreciando suas belezas e gozando das vantagens - relacionadas ao clima e aos elementos da natureza - de viver ali. A voz empregada no poema destaca, ainda, o seu sossego por estar neste lugar, bem como o fato de não invejar e/ou querer estar em nenhum outro lugar do país, a não ser em Assaré. A referência a esse sentimento é apresentada ainda nas demais estrofes, como abaixo:

Não quero que chegue a hora

D’eu de tu me separá

P’ra saí de mundo afora

Cuma cigano, sem lá.

Se aqui foi meu nascimento

Te juro, digo e sustento

Que é de vivê sempre aqui,

Do sertão até na serra,

No punhadinho de terra

Do nosso grande Brasi.

(ASSARÉ, 2003 [1956], p. 44)

Verificamos, pois, o estabelecimento do compromisso, por parte do eu-lírico, de manter sua dedicação/consideração pelo lugar em que nasceu. Este movimento reforça o sentimento de pertencimento e orgulho direcionados ao lugar de origem, por isso, colaboram para a manutenção da identidade construída, como sujeito de Assaré, do Ceará, do Nordeste e, até mesmo, do Brasil, numa construção que situa não somente a localização geográfica do poeta, mas também à sua inserção em determinada cultura. Destaca-se, por fim, a possibilidade de precisar sair do lugar, como reflexo da vida difícil no sertão, sobretudo, no período de estio. A esse respeito, o eu-lírico deseja não precisar ir embora e conseguir viver sempre no seu lugar querido.

Não obstante, destacamos ainda as problemáticas sociais verificadas em Assaré, conforme cantado por Patativa e relatado por nós no terceiro capítulo desta dissertação. Sobre

isso, remetemos à comparação que o eu-lírico faz entre ele próprio e Assaré, ambos caracterizados pela marca da pobreza. Outra comparação pertinente é feita quando o autor observa Assaré e outros municípios, salientando que esses municípios ficam mais bonitos com o tempo, enquanto Assaré apenas sofre os efeitos da passagem do tempo, materializados na degradação de suas ruas, avenidas e espaços públicos. É diante desse cenário que o eu-lírico apresenta os últimos versos deste poema

Satisfazendo um desejo
 Que sempre me acompanhava,
 Como cantô sertanejo
 Eu fui vê se te cantava,
 Meu torrão querido e nobre
 Mas te vendo assim tão pobre,
 Tão pobre, tão sem recuço,
 Quebrou-se a minha viola
 E os verso em minha cachola
 Se acabou tudo em saluço

(ASSARÉ, 2003 [1956], p. 50)

Na estrofe final, o eu-lírico identifica-se como cantor sertanejo, tanto pela sua origem no sertão, quanto pelos fatos que canta. Nessa perspectiva, cantar sobre Assaré é uma atividade que sempre desejou. Todavia, ao olhar para o seu lugar e desvelar suas fragilidades sociais, os versos improvisados são convertidos em choro, pela constatação do quanto o seu lugar tão querido e amado sofre com a pobreza e a falta de recursos.

Apesar da apreciação poética, os versos de “Assaré” demonstram a construção analítica e crítica do pensamento que permite ao poeta olhar para o seu lugar e reconhecer nele as marcas da desigualdade social. É na espreita desta percepção que Patativa, ao longo de sua vida, produziu uma obra engajada e sensível, que buscou dar voz a um povo, enaltecer sua identidade sertaneja e reivindicar melhores condições de vida.

Assim como em “Assaré”, no poema “No meu sertão” o eu-lírico vincula sua imagem ao sertão em que vive. Para tanto, faz uso do pronome possessivo “meu” para indicar o pertencimento do sujeito ao lugar, numa relação indissociável entre sertão e sertanejo. Por outro lado, observa-se que neste poema o interlocutor não é o povo sertanejo, tampouco a cidade

de "Assaré", neste poema, o eu-lírico dirige-se às pessoas da cidade, por meio do cumprimento "Boa noite, gente rica".

Suas ideias são desenvolvidas ao longo de cento e cinquenta versos (150) distribuídos em quinze estrofes (15), e seguindo a ordenação temática: identificação de seu lugar de origem, as diferenças entre o sertão e a cidade, os costumes e superstições das pessoas que vivem no sertão. Como suporte analítico aderente aos nossos objetivos, analisamos as ideias expressas na terceira e na sexta estrofe.

Eu sou fio de Assaré,
Onde viveu meu avô,
Lugá do meu nascimento
Que fica no interiô
De junto do Cariri.
Nasci e me criei ali,
Sem nunca saí de lá,
E vou dizê sem segredo:
Ando aqui com munto medo
Dos carro me machucá

(ASSARÉ, 2003 [1956], p. 123)

Na terceira estrofe de "*No meu sertão*", reproduzida acima, o eu-lírico permanece fazendo uso da primeira pessoa do discurso como recurso para inserção de suas percepções, emoções e ideias nos poemas. Nesse sentido, destaca mais uma vez a sua origem regional, ressaltando a localização geográfica do município de Assaré, bem como a tradição de sua família naquele município.

Seguindo, pois, essa tradição, assim como o avô, Patativa nasceu e se criou naquele lugar, preservando sempre o desejo de lá permanecer. Como contraponto, o autor utiliza o advérbio de lugar "aqui", em referência à cidade, como lugar que, ao contrário do sertão, desperta medo. Esse medo é exemplificado pela preocupação em ser machucado pelos carros. Acreditamos ser essa a manifestação de um possível trauma proveniente do acidente sofrido por Patativa ao ser atropelado por um carro em Fortaleza, conforme relatado em Carvalho (2017).

Nessa perspectiva, o eu-lírico desenvolve o poema estabelecendo uma série de

comparações entre seu sertão e a cidade, evidenciando os aspectos que fazem do sertão um lugar diferente, principalmente, um lugar de paz e sossego. É por esse viés que o autor constrói a sexta estrofe

É munto mais boa a vida
 Da minha gente matuta,
 Lá onde tudo é sossego,
 Lá onde ninguém escuta
 Essa zoada mardita,
 E onde tombém se acredita
 E se crê de coração
 Em munta coisa da vida
 Que essas pessoa sabida
 Chama de suprestição

(ASSARÉ, 2003 [1956], p. 124)

No excerto acima há uma comparação clara entre as pessoas que vivem na cidade e as que vivem no sertão, cuja menção se faz através da expressão gente matuta. Os principais aspectos mencionados no trecho em análise dizem respeito à qualidade de vida, sobretudo, aos barulhos constantes que caracterizam o cotidiano de uma cidade. Por essa razão, o eu-lírico declara que a vida “lá”, ou seja, no sertão, é muito mais boa.

Chama a atenção, ainda, o uso do pronome possessivo “meu” como indicativo de pertencimento à classe dos matutos, isto é, das pessoas que vivem no sertão. Não obstante, o eu-lírico coloca em foco aspectos culturais dessa comunidade, evidenciados pela referência às suas crenças e superstições. O uso dessa estratégia demonstra o envolvimento do autor com esta cultura, ao ponto de conseguir falar sobre ela e, mais que isso, apontar exemplos diversos de crenças, costumes e superstições que caracterizam as pessoas do sertão.

Entendemos que essa percepção não seria possível ou, até mesmo, seria apresentada de outra forma, caso o autor não tivesse as vivências que o permitam falar com propriedade sobre o povo sertanejo. Conhecer a realidade desse povo, bem como os elementos que atravessam sua cultura é mais uma demonstração da afiliação de Patativa a esse grupo social. É também em torno desse mote que as ideias apresentadas no poema “*Cante lá que eu canto cá*” são desenvolvidas.

Formado por cento e sessenta e oito versos (168) distribuídos de forma irregular por

dezoito estrofes (18), este poema articula dois eixos temáticos em paralelo: o poeta da cidade e o poeta do sertão. Partindo, pois, desse pressuposto, o eu-lírico traça as diferenças entre a produção do primeiro, que reflete a linguagem que ele utiliza, e a produção do segundo, que além de refletir sua linguagem, toma também sua realidade como fonte de inspiração.

Nesse cenário, o poeta destaca que o poeta de “lá”, ou seja, da cidade, não pode cantar as coisas do sertão por não as conhecer. É justamente essa particularidade que afasta e diferencia as produções de um e de outro, uma vez que para o poeta sertanejo, sua produção tem como base suas vivências e, por essa razão, só ele pode cantar “direito” as coisas do sertão, dada sua proximidade com esta realidade imediata.

Poeta, cantô da rua,
 Que na cidade nasceu,
 Cante a cidade que é sua
 Que eu canto o sertão que é meu
 Se aí você teve estudo,
 Aqui Deus me insinou tudo,
 Sem de livro precisá.
 Por favô, não mexa aqui,
 Que eu também não mexo aí,
 Cante lá, que eu canto cá

(ASSARÉ, 2003 [1956], p. 275)

É possível observar, na primeira estrofe reproduzida acima, a oposição estabelecida no poema. De um lado, destaca-se o poeta da cidade, do outro, o poeta do sertão. Além do lugar de origem de cada um, aponta-se como elemento de oposição o direito à educação, que é uma marca do poeta da cidade, enquanto o poeta do sertão demonstra ter aprendido tudo de modo não formal, sem recorrer a livros didáticos, por exemplo.

Ademais, evidencia-se também o uso de recursos linguísticos que referenciam os lugares em oposição, bem como de pronomes que promovem a relação de pertencimento. Por isso, verificamos a utilização dos advérbios de lugar opostos “cá” e “lá” como referência a lugares que se diferenciam, “cá” remetendo ao sertão, vista a identificação do eu-lírico em primeira pessoa e como poeta sertanejo, e “lá” remetendo a cidade em alusão ao poeta da rua. Essa relação é reforçada pelo uso de termos como “aqui” e “aí”. Constata-se também a

utilização dos pronomes possessivos “sua” em referência à cidade e “meu” em referência ao sertão. Ao utilizar esses recursos, contrapondo os diferentes espaços geográficos, o autor delinea no poema uma aderência ao sertão e estabelece um distanciamento em relação à cidade. É também nessa relação em que fundamenta a impossibilidade de um poeta da cidade cantar as coisas do sertão, ideia essa que é reforçada na estrofe abaixo:

Sua rima, inda que seja
 Bordada de prata e ôro
 Para a gente sertaneja
 É perdido este tesôro.
 Com o seu verso bem feito,
 Não canta o sertão dereito,
 Porque você não conhece
 Nossa vida aperreada.
 E a dô só é bem cantada,
 Cantada por quem padece

(ASSARÉ, 2003 [1956], p. 276)

Nesta estrofe, ressalta-se a qualidade da rima feita pelo poeta da cidade, associando-a a elementos nobres como prata e ouro. Compreendemos que a comparação realizada pelo autor alude à linguagem e aos recursos expressivos que são utilizados pelo poeta urbano. Contudo, o valor de sua produção não é reconhecido pelo povo sertanejo, seja por não compreenderem sua linguagem, dada a contraposição entre indivíduos escolarizados x não escolarizados, seja por não refletir de modo preciso a vida do povo sertanejo.

Por isso, o eu-lírico salienta que só pode cantar o sertão direito aquele que está, efetivamente, inserido na realidade sertaneja e compreende suas mais diversas nuances. Nessa perspectiva, entendemos que, conforme o eu-lírico, é a experiência e a imersão na realidade sertaneja que valida a produção poética, por isso, para cantar o sertão, é preciso conhecê-lo profundamente. É por essa razão que o poeta pede que o autor da cidade cante somente sobre os fatos que conhece e deixe o sertão para ser cantado por quem nele vive. O movimento de inserção no referido grupo é realizado pelo uso, mais uma vez, de um pronome possessivo. Nesse caso, o pronome “nossa” é utilizado para indicar que o eu-lírico sabe do que está falando, pois faz parte da sua vida os sofrimentos e pejejas enfrentados pelos sertanejos.

Explorados os quatro poemas pertencentes à 01INPA, passamos a analisar os

poemas referentes à obra *Cante lá que eu canto cá* (2014 [1978]). A partir dos critérios estipulados para a seleção dos poemas, verificamos que todos os poemas coletados em 02CLCCPA apresentam em seu desenvolvimento temático a afirmação de uma identidade. Nesse cenário, analisaremos os poemas na seguinte ordem: “*Aos poetas clássicos*”, “*Eu e o sertão*”, “*Vida sertaneja*”, “*Apelo de um agricultor*” e “*Boa noite, Fortaleza*”.

Na produção “*Aos poetas clássicos*” verificamos que, já no título, o eu-lírico indica claramente a quem se dirige: aos poetas que são considerados clássicos. Provavelmente, tal classificação tem origem na tradição seguida por esses poetas em suas produções, inclusive, quanto aos recursos linguísticos que utilizam. Para tanto, o autor elaborou cento e onze versos (111) que são distribuídos em onze estrofes (11) nos quais aborda, inicialmente, aspectos de sua história de vida e, em seguida, apresenta críticas à produção poética daqueles que fazem versos brancos, ou seja, versos sem rima.

Ao remeter aos aspectos biográficos, o eu-lírico apresenta informações aderentes à representação da identidade sertaneja, conforme ilustramos a partir do excerto abaixo apresentado:

Depois que os dois livro li,
 Fiquei me sintindo bem,
 E ôtras coisinha aprendi
 Sem tê lição de ninguém.
 Na minha pobre language,
 A minha lira servage
 Canto o que minha arma sente
 E o meu coração incerra
 As coisa de minha terra
 E a vida de minha gente

(ASSARÉ, 2014 [1978], p. 16)

A estrofe se inicia remetendo a uma informação anteriormente apresentada pelo eu-lírico, relacionada a sua falta de acesso à escola e a oportunidade de adentrar ao mundo da leitura por meio de dois livros de Felisberto de Carvalho. Nesse viés, os livros funcionam como encantamento para a leitura e a sua produção escrita, apesar de sua linguagem ser considerada selvagem, dada a sua diferença em relação à norma de prestígio. A esse respeito, verificamos uma avaliação negativa do autor acerca da linguagem que utiliza, por outro lado, esse aspecto

negativo é amenizado pelo reconhecimento de sua naturalidade, bem como pelos fatos que são cantados por meio da referida linguagem.

Tais fatos, segundo o próprio eu-lírico, são inerentes à realidade de sua terra e de seu povo. A noção de pertencimento é determinada pelo uso dos pronomes possessivos que vinculam o autor a um lugar e a um grupo social, confirmando assim, através de uma relação de semelhança, o compartilhamento de uma identidade linguística e social.

Essas informações são ratificadas na segunda estrofe que selecionamos para nossa análise, conforme abaixo:

Sou um cabôco rocêro,
Sem letra e sem instrução;
O meu verso tem o chêro
Da poêra do sertão;
Vivo nesta solidade
Bem distante da cidade
Onde a ciência governa.
Tudo meu é naturá,
Não sou capaz de gostá
Da poesia moderna.

(ASSARÉ, 2014 [1978], p. 17-18)

Neste excerto, o autor mantém o uso da primeira pessoa e apresenta um predicativo que o caracteriza como caboclo roceiro, destacando assim o seu pertencimento à roça e/ou sertão. Novamente, são mencionadas as marcas sociais relacionadas à escolaridade, tendo em vista que o autor remete, assim como na estrofe anterior, à informação de que não possui estudo.

Por tudo isso, seu verso tem o cheiro do sertão, pois é produzido neste lugar e fala sobre este lugar, tido como sua principal fonte de inspiração. Por fim, é salientada a distância entre sertão e cidade e são apresentadas as características que as diferenciam, sendo a primeira governada pela ciência, fruto do conhecimento metodologicamente organizado, da pesquisa, em contraposição ao conhecimento de mundo que brota naturalmente e emerge nos poemas do autor. São esses fatores, dentre outros apontados, que culminam na conclusão apresentada: a de que Patativa não gosta da poesia moderna.

No poema seguinte, cujo título é “*Eu e o sertão*”, remete-se a uma relação instituída entre aquele que fala, representado pela primeira pessoa do discurso, e um determinado lugar

que, nesse caso, é identificado como sertão. Tal título, permite-nos antecipar que o poema tratará dessa relação entre sujeito e espaço, a partir da concepção sobre como um caracteriza o outro. Para tanto, esta produção é composta por cento e sessenta e quatro versos (164) que são organizados em quinze estrofes (15).

No que concerne ao desenvolvimento dos temas, verificamos o seguinte movimento: a reflexão acerca do sertão como objeto de apreciação, a caracterização do sertão por meio de um olhar voltado para os elementos da natureza como algo positivo e as mazelas sociais como aspecto negativo e as tradições religiosas que caracterizam a região.

Ao esmiuçar sua lírica diante dos temas supracitados, constatamos que em algumas estrofes emerge a vinculação à identidade sertaneja, bem como o sentimento de pertencimento e orgulho do lugar de origem. É nesses trechos que concentramos a análise que segue:

No rompê de tua orora,
 Meu sertão do Ciará,
 Quando escuto as voz sonora
 Do sadoso sabiá,
 Do canaro e do campina,
 Sinto das graça divina
 O seu imenso pudê,
 E com munta razão vejo,
 Que a gente sê sertanejo
 É um dos maió prazê.

(ASSARÉ, 2014 [1978], p. 19-20)

No trecho evidenciado, percebemos que o eu-lírico inicia remetendo ao nascer de um dia, destacando sua beleza e os sons da natureza que o acompanham, especialmente, de pássaros que cantam na aurora, tais como o sabiá, o canário e o campina. Não obstante, constata-se ainda a localização de um espaço geográfico ao qual são associados os elementos naturais anteriormente indicados. Além disso, utiliza-se o pronome possessivo “meu” como item lexical que confere ao eu-lírico sua identificação com o sertão do Ceará.

A existência e reconhecimento dos elementos da natureza são atribuídos pelo poeta a um ser divino, que goza de imenso poder. Nessa apreciação acompanhada de uma reflexão, que busca encontrar as origens de tanta beleza, o autor consegue também compreender o sentimento de prazer que permeia a sua identificação com o sertanejo. No mesmo escopo,

destaca-se o uso da palavra “gente” como partícula encapsuladora que engloba não só o eu-lírico, mas todos aqueles que nascem e vivem no sertão, revelando, desse modo, a face coletiva da identidade a qual se remete. A dimensão desse sentimento é retomada na última estrofe do referido poema, na qual afirma-se:

E mesmo depois de morto,
 Mesmo depois de morrê,
 Ainda gozo conforto,
 Ainda gozo prazê,
 Pois, se é verdade que as arma,
 Mesmo as que vivero carma
 E arcançaro a sarvação,
 Fica vagando no espaço,
 Os meus caracó eu faço
 Pro riba do meu sertão.

(ASSARÉ, 2014 [1978], p. 23)

A fim de concluir o poema “*Eu e o sertão*” o eu-lírico reforça a intensidade de seu sentimento de pertencimento e prazer por ser sertanejo. Tal afirmação está ancorada no desejo de, depois da morte, poder continuar no sertão, mesmo que no plano espiritual. Nesse sentido, destaca-se o desejo de ser sepultado naquele local e poder ficar vagando no espaço do sertão, ao qual se remete, uma vez mais, acompanhado pelo pronome possessivo “meu”.

Assim como no poema anterior, em “*Vida sertaneja*” são destacados elementos que caracterizam o sertão, sobretudo, a vida daqueles que ali vivem, isto é, os sertanejos. Nesse cenário, constrói-se um poema formado por cento e cinquenta versos (150) que compõem quinze estrofes (15), que são desenvolvidas seguindo as respectivas temáticas: caracterização do eu-lírico como sertanejo, descrição de seus objetos de inspiração, apresentação de valores sertanejos, as mazelas sociais às quais os sertanejos são submetidos e a crítica aos impostos e a política.

Localizam-se no primeiro eixo temático as estrofes que tomaremos como base para nossas análises, dado nosso precípuo interesse de estudo

Sou matuto sertanejo
 Daquele matuto pobre
 Que não tem gado nem quêjo

Nem ôro, prata, nem cobre.
Sou sertanejo rocêro,
Eu trabaio o dia intêro,
Que seja inverno ou verão.
Minhas mão é calejada,
Minha peia é bronzuada
Da quintura do sertão.

(ASSARÉ, 2014 [1978], p. 78)

No recorte apresentado, destacamos a manutenção do uso da primeira pessoa do singular como recurso para situar o eu-lírico no poema. Além desse uso, percebemos também a utilização de termos caracterizadores que remetem ao seu local de origem, tais como matuto e sertanejo. Não sendo suficientes essas definições para sua identificação, o eu-lírico recorre a uma comparação que permite, dentro do grupo dos sertanejos, identificá-lo: matuto pobre.

Para melhor especificar a categoria mencionada, o autor faz uso de comparações que identificam os bens materiais de um sertanejo que seja rico em contraposição ao sertanejo pobre. É nesta segunda categoria que se encaixa o eu-lírico, uma vez que não dispõe dos mesmos recursos materiais daqueles que têm melhores condições econômicas.

Essa assertiva é confirmada e desenvolvida a partir das informações que se apresentam em seguida, nas quais se enfatiza o trabalho que é desenvolvido pelo eu-lírico na lida com a terra. Nessa perspectiva, identifica-se como sertanejo roceiro, ou seja, aquele que trabalha na roça, destacando seu trabalho braçal e/ou manual no tratamento da terra. Ademais, evidencia-se as condições do trabalho que desenvolve, que é realizado a céu aberto, mesmo diante das altas temperaturas do sertão, o que deixa sua pele bronzuada e produz marcas físicas em seu corpo, aqui referenciadas pelas mãos calejadas.

Depreendemos, pois, que o autor apresenta no trecho acima três aspectos identitários: sertanejo, pobre, agricultor. O primeiro relacionado ao seu lugar de origem, o segundo aponta para sua situação em uma classe social e por fim, o terceiro relacionado à sua profissão. Tais concepções são semelhantes a definição de identidade pós-moderna apresentada por Hall (2006), que discorre acerca da identidade como construção social, que permite ao sujeito reformulá-la à medida que assume diferentes identidades. Nesse sentido, cabe salientar que a identidade não é linear e/ou simples, mas complexa e difusa, dadas as relações sociais que estabelecemos e os diferentes papéis sociais que assumimos. Além dos papéis mencionados

na estrofe anterior, o eu-lírico acrescenta novos papéis à sua construção identitária, conforme observamos na estrofe seguinte:

Por força da natureza,
 Sou poeta nordestino,
 Porém só canto a pobreza
 Do meu mundo pequenino.
 Eu não sei cantá as glória,
 Também não canto as vitora
 Dos herói com seus brasão,
 Nem o má com suas água
 Só sei cantá minhas mágua
 E as mágua de meus irmão.

(ASSARÉ, 2014 [1978], p. 78-79)

No fragmento em escopo, a identidade de Patativa é acrescida dos termos: poeta e nordestino. Mais uma vez, são aspectos de identidade que remetem à origem geográfica e ao desenvolvimento de uma atividade artística. É a partir deste segundo aspecto que a estrofe se desenvolve, tendo em vista a apresentação dos objetos que funcionam como inspiração para a criação de seus poemas.

Sendo assim, o autor faz alusão a temas que são frequentes em poemas, tais como as glórias e vitórias de um povo, a exaltação de uma figura heroica ou as belezas do mar. Todavia, seu objeto de inspiração está na sua própria realidade, que é vivenciada por si e por aqueles que vivem ao seu redor, aos quais se refere como irmãos, dado o compartilhamento das vivências. No mais, constata-se que essas vivências são notadamente negativas uma vez que são mencionadas pelo eu-lírico como mágoas, reforçando o sofrimento vivido pelo povo sertanejo como um todo.

Uma das identidades aludidas no poema anterior é a de agricultor. Esta identidade também é evocada no poema *“Apelo de um agricultor”*, no qual o eu-lírico assume esse papel e o aproveita para apresentar um pedido. Nessa perspectiva, a referida produção é materializada em cento e cinquenta versos (150) e quinze estrofes (15). Reunindo argumentos a favor de seu apelo, o eu-lírico desenvolve o poema encadeando os seguintes temas: aspectos de sua história de vida na profissão, a crítica ao excesso de impostos, a sua realidade atual já com a idade avançada, o pedido de deferimento de sua aposentadoria.

Seguindo, pois, o roteiro temático indicado acima, remetemos às estrofes que apontam para aspectos relacionados à identidade remetida

Vevi sempre a trabaiá
 De ferramenta na mão
 Tenho no rosto o siná
 Do quente só do sertão
 Tratando de agricultura
 Já mostrei grande bravura
 Sempre dei uma premêra,
 Naquele tempo passado,
 Fui o herói do machado,
 Foice, inxada e roçadeira.

(ASSARÉ, 2014 [1978], p. 179)

Neste poema, Patativa relata um movimento comum aos agricultores: o de solicitar, por via judicial, a aposentadoria por meio do programa Funrural. Nesse sentido, o autor dirige-se a um “doutô”, papel que atribuímos a um juiz, argumentando a favor de sua solicitação e demonstrando, empiricamente, visando oferecer provas, que realmente desempenhou a profissão de agricultor. Por essa razão, na estrofe em evidência, o autor destaca seu papel na agricultura.

Para tanto, destaca que trabalhou a vida inteira com a agricultura. Este fato também é comprovado por Carvalho (2017) que observa que Patativa começou a trabalhar desde cedo, após a morte de seu pai. E como forma de comprovação, indica os sinais que este trabalho deixou em seu corpo, devido ao sol quente e ao trabalho braçal. Não obstante, identifica-se ainda como herói, dada a sua destreza com as diferentes ferramentas que são utilizadas para a execução de seu trabalho.

As informações apresentadas, mais uma vez, convergem para a vinculação do autor a um grupo social identificado pelo trabalho que exerce. Além de exercer esse mesmo trabalho por muitos anos, assim como os demais, Patativa também precisa passar pelos mesmos procedimentos legais para sua aposentadoria, fatos que confirmam sua lida com a terra e a afiliação a identidade mencionada.

Assim como Patativa citou seu avô no poema “*Assaré*”, é comum também a utilização de referências aos seus filhos, assumindo, portanto, o papel de pai, conforme

ilustramos pela estrofe abaixo:

Sou pai de quatôze fio
 Cabras macho de valô
 Pois não tem um vadio
 São todos trabaiadô,
 Cada um destes cabôco
 Aprendeu a lê um pôco,
 Mais porém mode votá,
 Nunca nem um levou pau,
 Já são quatôze degrau
 Pra seu doutô se atrepá.

(ASSARÉ, 2014 [1978], p. 179)

Com a análise deste fragmento, verificamos que Patativa assume também o papel de pai, cumprindo assim a identidade relacionada à gerência de uma família e à criação dos filhos. A esse respeito, observamos que Patativa teve quatorze filhos, entretanto, assim como ele, os filhos também estudaram pouco e aprenderam pouco sobre leitura, apenas o suficiente para votar.

Para além do explicitado, observamos que a informação indicada confirma que, assim como Patativa, os filhos tiveram pouco acesso à escola, o que ratifica que àquela época este direito ainda não era assegurado a todos naquela comunidade. Tanto que os filhos seguiram o mesmo caminho do pai, incluindo a escolha pela mesma profissão.

Ao longo de nossa análise, temos verificado que os poemas de 02CLCCPA são aderentes às mais diversas identidades as quais Patativa do Assaré está vinculado. De modo análogo, observamos uma multiplicidade de identidades representadas no poema “*Boa noite, Fortaleza*”. Escrita em cento e vinte versos (120) distribuídos entre doze estrofes (12), esta produção presta uma homenagem à Fortaleza, capital do Ceará, por ocasião de seu aniversário.

Partindo desse propósito, o poema organiza-se, quanto ao desenvolvimento do tema, do seguinte modo: a identificação do eu-lírico/autor, a homenagem a Fortaleza, o destaque aos aspectos positivos da capital cearense, o contraste entre a cidade e o eu-lírico. No que tange à identidade, passamos a análise pormenorizada de duas estrofes, começando pela primeira:

Mesmo com grande acanhez,
 Assim sem jeito e sem prano,
 Como pobre camponês
 Cercado de praciano,
 Tão longe de meus parente,
 Minha terra e minha gente,
 Nesta cansada veíce;
 Tô aqui bem sastifeito
 Mode atendê ao prefeito
 E a professora Lirice.

(ASSARÉ, 2014 [1978], p. 275)

Em consonância com o que indicamos, o eu-lírico inicia por sua identificação. Por isso, destaca sua timidez por estar naquele lugar, bem como a sua habilidade em improvisar versos, mesmo sem jeito e sem planos. Em seguida, sua timidez é justificada, pois ao passo em que se identifica como uma pessoa pobre do campo, ele também menciona estar em um lugar cercado de pessoas da cidade.

Essa assertiva é corroborada quando o autor faz menção a estar longe de seus parentes, dado o fato de que Fortaleza e Assaré estão diametralmente localizadas em pontos opostos do estado do Ceará. Contudo, o eu-lírico não fala somente de seus familiares, mas também de sua terra e de sua gente, o que novamente chama a atenção pelo uso de pronomes possessivos como estratégia que constrói a noção de pertencimento. Além disso, mais uma vez, remete-se à face coletiva de sua identidade sertaneja ao fazer uso do termo “gente” acompanhado do pronome “minha”. Apesar dessa distância, o autor enfatiza sua satisfação em poder homenagear Fortaleza.

Ao longo do poema, o eu-lírico utiliza como recurso de construção poética o contraste entre ele próprio e os encantamentos de Fortaleza, de acordo com o que observamos na estrofe abaixo:

Sou pobre, não tenho fama,
 Sou um camponês da roça,
 Por isso o povo me chama
 O poeta de mão grossa.
 Eu reparo e vejo bem,

Das coisa que você tem
 Eu gozo pôco, bem pôco.
 Proque, você, Fortaleza
 É uma rica precesa
 E eu sou um pobre cabôco

(ASSARÉ, 2014 [1978], p. 278)

O uso do verbo “ser” flexionado na primeira pessoa do singular, novamente, confere ao texto a presença de um eu-lírico extremamente envolvido com as ideias veiculadas. Nesse sentido, ressaltam-se diversos pontos que se somam na complexa identidade do sujeito. Primeiro, há uma referência a sua condição econômica, mais uma vez remetida pelo uso do adjetivo “pobre”, em seguida, sua origem relacionada ao campo, à roça, uma região rural que em muito difere da cidade. Logo depois, são convocadas as identidades que remetem a atuação em campos diversos, de forma explícita refere-se à atividade artística de poeta e, de modo implícito, à sua atividade profissional de agricultor, que é referida pelo termo “mãos grossas”, em alusão às marcas físicas causadas pelo exercício da profissão.

Lançado o olhar sob a cidade de Fortaleza, o eu-lírico salienta que vê e reconhece suas belezas, todavia, aproveita pouco aquilo que a cidade oferece, seja por não morar lá ou por não dispor dos mesmos benefícios no lugar em que vive e trabalha. Mesmo assim, o autor reconhece a beleza de Fortaleza, classificando-a como princesa. Por outro lado, contrapõe-se à cidade ao fazer uso dos antônimos rica x pobre, estando a cidade de um lado e ele do outro.

Além das estrofes analisadas, constatamos a referência a caracterização do eu-lírico em trechos como: “sou um correto sujeito”, “como pobre sertanejo”, “de um cabôco bronziado”, “de um sertanejo poeta”, “de tombém sê cearense”, “e eu sou um pobre rocêro”, “de um matuto do Nordeste”, “cabôco cabra da peste”, “poeta cabeça chata”.

Ao compararmos este poema com os demais que analisamos, constatamos que neste há uma necessidade maior de reforçar a identidade sertaneja, referida de diferentes modos e por meio de informações diversas. Atribuímos este fato ao seu contexto de produção e circulação, feito na cidade e para “pracianos”, por isso, o autor reafirma constantemente sua identidade sertaneja, que ora o aproxima dos fortalezenses sob o rótulo de cearense e ora os distancia sob o par antagônico cidade x sertão. É esse segundo movimento que se mostra mais frequente e conduz nosso entendimento acerca da identidade assumida de forma mais recorrente pelo autor.

À guisa de conclusão e seguindo os parâmetros indicados outrora, colocamos em

tela os poemas selecionados na obra *Ispinho e Fulô* (2012 [1988]): “*Um candidato político na casa de um caçador*”, “*A realidade da vida*”, “*Inleição direta 1984*” e “*Ao poeta B.C. Neto*”. Nesse sentido, convém lembrar que a seleção dos poemas se deu pelo critério do tema, atrelado aos objetivos de nossa pesquisa. Portanto, em 03IFPA, estes são os poemas que apresentam, de forma explícita, a afirmação de uma identidade.

Composto por duzentos e quarenta versos (240) que se organizam em vinte e três estrofes (23), “*Um candidato político na casa de um caçador*” narra, em forma de poema, o encontro entre duas pessoas que assumem papéis sociais distintos. Enquanto o primeiro é um candidato que pleiteia uma vaga a um cargo político, o segundo é um caçador que, em sua profissão, está sujeito aos mais diversos riscos.

De modo geral, o poema é desenvolvido a partir da contraposição entre esses dois papéis sociais. Para tanto, a progressão temática segue a ordem: a recepção ao visitante, a identificação dos dois, as aventuras do caçador, a partida do visitante. Dentre as diversas estrofes que constituem a referida produção, selecionamos duas em que a adesão a uma identidade determinada se mostra mais saliente.

Mas primêro eu lhe pergunto,
 O sinhô come tatu?
 Lapichó, viado, peba,
 A juriti, o jacu,
 Asa branca e Zabelê?
 Se come, pode dizê,
 Não vá se acanhá, dotô,
 Tudo isto eu tenho guardado,
 O sinhô tá hospedado
 Na casa dum caçadô.

(ASSARÉ, 2012 [1988], p. 212)

No excerto reproduzido, verificamos o estabelecimento de contato entre os interlocutores, materializado pela mensagem transmitida pelo anfitrião ao visitante. Nesse sentido, o primeiro identifica-se como caçador, sobretudo, no último verso, enquanto refere-se ao segundo como “dotô”. Esta constatação demonstra que o termo “dotô” ou “doutô” é utilizado frequentemente em referência a pessoas que têm mais estudo e assumem papéis sociais de maior prestígio.

Apesar dessa diferença de papéis - assinalada pelo uso do termo acima indicado -, o anfitrião demonstra receptividade ao convidado, oferecendo-o diversos alimentos que, ao mesmo tempo em que surgem como opção de alimentação, demonstram também a variedade de suas caçadas, o que corrobora com a profissão assumida explicitamente pelo eu-lírico. Em contrapartida, a sequência do poema é construída com o delineamento das diferenças entre um e outro, o que demonstra o estabelecimento de identidade embasado pela semelhança com determinado grupo e a diferença com outro, conforme ressaltado por Kiesling (2013). Para destacar esse movimento, lançamos luz sob a próxima estrofe:

O sinhô não sabe nada
 Das coisa do meu sertão
 Só conhece futibó,
 Cinema e televisão,
 Se vossimicê no mato
 Incrontasse ispaiafato
 Como eu já tenho encontrado,
 Lá do mato o sinhô vinha
 Com a carça moiadinha
 Da braguia ao imbanhado.
 O sinhô que é um dotô
 E sabe lê e escrevê,
 Tarvez passasse três dias
 Sem conhece o ABC
 E quando em casa chegasse
 Que a sua muié oiasse
 Lhe dizia achando ruim:
 Meu véio, o que diabo é isto?
 Eu nunca tinha lhe visto
 De carça moiada assim

(ASSARÉ, 2012 [1988], p. 218)

Neste conjunto de versos, que é um pouco maior que os demais, observamos o foco na exposição das diferenças entre os dois personagens. Inicialmente, essas diferenças são pontuadas tomando como foco o espaço em que cada um vive, o eu-lírico como alguém do

sertão, e que está mais acostumado com as vivências daquele local, como a ação de caçar, por exemplo, e o interlocutor, como alguém da cidade, adaptado às experiências proporcionadas naquele lugar, como ir ao cinema, por exemplo. Como fator de pertencimento, utiliza-se, novamente, o pronome possessivo “meu” para indicar que o eu-lírico é do sertão, por isso, tem propriedade para falar sobre as coisas de lá, enquanto o outro desconhece tal realidade.

Outro ponto de divergência entre ambos é a escolaridade. O visitante é considerado como alguém que sabe ler e escrever, diferente do eu-lírico. Entretanto, este conhecimento não seria útil para caçar, uma vez que, diante das adversidades desta atividade, o visitante até mesmo esqueceria o que aprendeu. Por outro lado, a experiência oferece ao eu-lírico, apesar da sua falta de estudo, a habilidade para lidar com situações de dificuldade nesta profissão.

Por sua vez, o poema “*A realidade da vida*” fundamenta-se na história da criação divina dos animais, por isso desenvolve-se a partir dos seguintes eixos temáticos: lembranças das histórias de infância, narração do processo divino de criação dos animais e lição de moral a partir da história narrada. Os respectivos temas são articulados em duzentos e quarenta e dois versos (242) e vinte quatro estrofes (24). Diante do fato de que é narrada uma história de cunho religioso, a inserção do eu-lírico neste poema é mínima, entretanto, identificamos em determinada estrofe a referência a sua identidade:

Na minha infância adorada
 Meu avô sempre contava
 Muntas histora engraçada
 E de todas eu gostava,
 Mas uma delas havia
 Com maió filosofia
 E eu como poeta sou
 E só rimando converso,
 Vou aqui conta em verso
 O que ele em prosa contou.

(ASSARÉ, 2012 [1988], p. 257)

No trecho examinado, percebemos a inserção do eu-lírico por meio do relato de experiências vivenciadas em sua infância remetendo, portanto, a aspectos biográficos. Nesse cenário, destaca-se a sua relação com o avô como contador de histórias. Dentre as muitas que ouviu, uma chamou sua atenção e, por isso, o poeta conta em versos a referida história.

É justamente a sua identificação como poeta que valida a transformação do discurso religioso para o discurso poético, fazendo uso da história ouvida como fonte para a lição apresentada ao final do poema e que é direcionada as pessoas mais ricas, evidenciando-se a necessidade de ter um olhar fraterno e pautado nos direitos humanos.

Já no poema “*Inleição direta 1984*” observamos a adesão a um discurso político, que conclama pela realização de eleições diretas. Para tanto, o eu-lírico assume uma identidade ampla relacionada ao pertencimento a uma nação e convoca diversos grupos sociais a favor de sua intenção. O poema possui noventa versos (90) e nove estrofes (09).

Sua organização temática segue o roteiro: convite aos diferentes grupos sociais, exposição dos problemas enfrentados no país, definição de democracia, sua identificação como poeta do povo. Como mencionado, todo o poema é permeado pela referência a uma semelhança que aproxima os mais diversos grupos: o pertencimento à mesma nação. É por essa similaridade que todos devem lutar pela democracia e pela realização de eleições, conforme proposto pelo eu-lírico. Todavia, trazemos à tona duas estrofes em que sua identidade individual é materializada:

Camponês, meu bom irmão
 E operaro da cidade
 Vamo uni as nossas mão
 E gritá por liberdade
 Levando na mesma pista
 Os estudante, os artista
 E meus colega poeta
 Vamo todos reunido
 Fazê o maió alarido
 Pelas inleição direta.

(ASSARÉ, 2012 [1988], p. 298)

No trecho analisado, constatamos a referência a duas identidades já assumidas por Patativa do Assaré em outros poemas. A primeira é a identidade de camponês, que se refere às pessoas que vivem no campo. A associação a esta identidade é realizada por meio do uso da expressão “meu bom irmão”, que demonstra uma relação de proximidade com o camponês. Em contraposição, o eu-lírico convoca, ainda, os operários da cidade, estudantes e artistas, para que juntos possam advogar a favor da mesma causa.

O segundo aspecto identitário que verificamos está presente no trecho “meus colega poeta”. A aproximação com este grupo dá-se pela atividade de fazer poemas, o que se configura pelo uso dos termos “meu” e “colega”, demonstrando a proximidade do eu-lírico que é estabelecida pelo compartilhamento desta atividade. A referência a esse exercício artístico é encontrada também na estrofe seguinte:

Nestes verso que rimei
Disse apenas a verdade
Eu aqui não afrontei
A nenhuma outoridade
Quem fala assim deste jeito
Defendendo seus direito
Todos já sabe quem é
É um poeta do povo
Véio do coração novo
Patativa do Assaré.

(ASSARÉ, 2012 [1988], p. 301)

Nesta última estrofe do poema “*Inleição direta 1984*” é ressaltado o valor de verdade das informações que foram apresentadas. A isso, acrescenta-se que a reivindicação realizada não é uma maneira de confrontar alguma autoridade, mas de exercer seu compromisso com a democracia e com as mudanças necessárias a um país melhor.

Como recurso para confirmar seu lugar de fala, o eu-lírico identifica-se como poeta do povo, fazendo alusão à sua identidade artística, bem como ao seu objeto de inspiração, caracterizado pelo povo, especialmente o povo sertanejo e as suas necessidades. Por fim, o eu-lírico identifica-se por meio de seu nome, que, conforme mencionamos no capítulo três, é também a vinculação a uma identidade relacionada ao lugar em que nasceu e viveu.

O último poema de 03IFPA que serviu à nossa análise foi “*Ao poeta B. C. Neto*”. Esta composição poética é formada por sessenta versos (60) que se distribuem ao longo de seis estrofes (06). Logo pelo título, identificamos que o poema se dirige a um poeta, que é considerado por Patativa como poeta moderno, que canta as coisas tanto da cidade quanto do sertão.

Para referir-se e homenagear este poeta, o autor desenvolve a temática da seguinte

maneira: a identificação do interlocutor, a caracterização do fazer poético de B.C. Neto, o seu sentimento ao ler a obra do poeta. Nesse ensejo, o poema se inicia identificando o interlocutor em contraposição ao eu-lírico.

Sei que não tenho sabença
 Sou um pobre nafabeto
 Mas vou fazer referência
 Sobre você, B.C. Neto
 Proque, seus verso moderno
 No meu coração fraterno
 Senti de leve tocá,
 Pois você canta a cidade
 Mas também diz a verdade
 Das nossas coisa de cá

(ASSARÉ, 2012 [1988], p. 307)

No fragmento em escopo, constatamos a manutenção do uso de primeira pessoa como recurso que demonstra a hibridização entre autor e eu-lírico. Nesse sentido, o eu-lírico destaca suas características, sobretudo, relacionadas à escolaridade, comprovando estar falando também do autor, que teve pouco acesso à escola e, por isso, considera-se analfabeto. Além desta informação, apresenta-se também a informação relacionada à identidade social do eu-lírico, especificamente relacionada a sua classe social que o caracteriza como pobre.

Esclarecidas essas informações, direciona-se a mensagem ao poeta B.C. Neto. A escolha por produzir um poema em referência ao poeta justifica-se pelo sentimento que tocou o coração do eu-lírico ao ler sua produção. Cabe observar que em outros poemas, como em “*Cante lá que eu canto cá*”, o autor critica os poetas da cidade que tentam cantar as coisas do sertão. Todavia, a forma como B.C. Neto aborda as coisas do sertão parece ser a correta, segundo o autor, já que a assume como valor de verdade. A associação a identidade sertaneja é flagrada no último verso, em que a utilização do pronome possessivo da primeira pessoa do plural revela a face coletiva da identidade sertaneja e o advérbio de lugar confirma a referência ao sertão. A análise acima é coerente com o que se apresenta na estrofe seguinte:

Imbora seja polida
 Sua bonita linguagem

A mesma retrata a vida
Da nossa gente servage
No meu verso eu tou notando
Que você tá me ajudando.
Obrigado meu amigo,
Pelo trabalho distinto
Sentindo aquilo que eu sinto
Dizendo aquilo que eu digo.

(ASSARÉ, 2012 [1988], p. 307)

A avaliação social da variedade linguística é representada pelo uso do termo bonita em referência a linguagem utilizada por B.C. Neto. Atribuímos esta avaliação ao uso da norma-padrão que, provavelmente, foi moldada pela escolaridade do poeta homenageado, diferentemente do poeta que o homenageia, ao qual esse direito não foi garantido. Outro aspecto relevante neste excerto é o uso do termo concessivo “embora”, que opõe a linguagem utilizada ao objeto de inspiração dos poemas. Nesse sentido, o autor chama a atenção para o uso de uma linguagem diferente da sua, apesar de o objeto ser o mesmo, demonstrando estranheza por um poema escrito dessa maneira conseguir retratar tão bem seu povo.

A respeito deste, identificamos sua caracterização como selvagens, dada a sua carência quanto à escolarização, bem como as suas vivências no meio rural. Neste mesmo trecho, utiliza-se a forma “gente” em referência a um grupo de pessoas e o pronome possessivo “nosso”, que contribui para a construção da ideia de pertencimento ao grupo. Por fim, o eu-lírico reconhece o belo trabalho feito por B.C. Neto agradecendo-o por dar voz a um povo esquecido e invisibilizado, em uma atividade poética que se assemelha a sua própria.

As análises das unidades de contexto acima evidenciadas, permitiram-nos observar as diferentes identidades assumidas por Patativa do Assaré nas produções que compõem nossa amostra. Nesse sentido, constatamos a aderência à definição de identidade apresentada por Oushiro (2019), à medida que a construção da identidade se dá em processos, evocando diferentes sentidos e papéis sociais. Esta concepção também se aproxima da de Kiesling (2013) que postula a face coletiva e individual da identidade a partir do estabelecimento das semelhanças com determinado grupo e das diferenças em relação a outro. Conforme verificamos nas análises realizadas, este movimento de aproximação e distanciamento é frequentemente utilizado por Patativa como recurso à demarcação de sua identidade.

Nessa perspectiva, observamos que o autor seleciona e organiza elementos linguísticos a favor da delimitação de sua identidade. Para tanto, verificamos a constância do uso de primeira pessoa, seja no singular ou plural, o uso de termos que contemplam um grupo de pessoas, como “a gente”, por exemplo e, ainda, o uso de pronomes possessivos, que conferem a noção de pertencimento, associados à substantivos que fazem referência a um lugar e/ou região ou a determinado grupo social.

Todavia, dadas as nossas possibilidades de análise, bem como a necessidade de categorização para melhor compreendermos nosso objeto, tomamos como unidade de registo apenas palavras que, em seu sentido isolado, favorecem a caracterização e/ou identificação do autor/eu-lírico. Nessa configuração, categorizamos as diversas identidades encontradas, conforme explicitamos no quadro 29, abaixo apresentado:

Quadro 29 - Categorias de identidade encontradas (Continua)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	CODIFICAÇÃO
1. Identidade Pessoal	a. Nome (Patativa do Assaré)	1a
2. Identidade Profissional	a. Agricultor	2a
	b. Caçador	2b
3. Identidade Artística	a. Poeta	3a
	b. Cantor	3b
4. Identidade Regional	a. Sertanejo	4a
	b. Camponês	4b
	c. Matuto	4c
	d. Roceiro	4d
	e. Cearense	4e
	f. Nordestino	4f
	g. Filho (Lugar)	4g
5. Identidade Étnica	a. Caboclo	5a

Quadro 29 - Categorias de identidade encontradas (Conclusão)

6. Identidade Familiar	a. Pai	6a
	b. Filho (Alguém)	6b
7. Identidade Social	a. Pobre	7a
	b. Analfabeto	7b

Fonte: Elaborado pelo autor

Em consonância com o mencionado no capítulo quatro, o estabelecimento das categorias se deu *a posteriori*, uma vez que, dadas as particularidades do estudo, foi dos próprios dados que estas categorias emergiram. Não obstante, importa lembrar que o agrupamento realizado seguiu o critério semântico, consideradas as unidades de registo e contexto, e que tal organização configura um desenho metodológico que visa oferecer um recorte analítico necessário aos nossos propósitos. Por essa razão, cabe destacar que essas diferentes identidades não são fragmentadas, mas todas elas são correlacionadas à construção da identidade individual e coletiva do referido autor.

Feitos os devidos esclarecimentos metodológicos, passamos a detalhar os critérios que orientaram a construção de cada categoria. Conforme explicitado no quadro 29, os dados analisados apontaram para a identificação de sete categorias e suas respectivas subcategorias. Nesse sentido, remetemos, mais uma vez, a Hall (2006) que define a identidade como uma construção que não é fixa, mas constantemente reformulada. Por essa razão, buscamos classificar as diferentes identidades verificadas na análise a partir das semelhanças e diferenças que caracterizam cada grupo.

Nesse sentido, assumimos como identidade pessoal (1) a menção de informações que, de algum modo, caracterizem e identifiquem o autor por meio da apresentação de uma informação própria e/ou individual. Como subcategoria constatamos, a partir dos dados, a utilização do nome (1a) como uma maneira de remeter à identidade pessoal.

Por sua vez, a segunda categoria é a de identidade profissional (2). Neste grupo, encaixamos todos os registros em que o autor promove a sua identificação por meio da referência ao desenvolvimento de uma atividade profissional. A esse respeito, verificamos duas subcategorias, a de agricultor (2a) e caçador (2b), ambas como atividades profissionais desempenhadas pelo autor, com maior destaque para a primeira.

Apesar da semelhança com a categoria anterior, na categoria identidade artística (3) agrupamos as menções ao desempenho artístico do autor, seja como poeta (3a) ou cantor (3b). Nessa perspectiva, consideramos que o desenvolvimento destas atividades, embora possam ser

consideradas profissionais, era secundário na vida do autor, uma vez que essas atividades eram tomadas mais como lazer do que como profissão. Por isso, consideramos esta uma categoria diferente da anterior.

Em sequência, compreendemos como identidade regional (4) toda e qualquer caracterização que remeta à determinada região e/ou lugar, em sentido micro ou macro. Por isso, adotamos como subcategorias: sertanejo (4a), que faz referência ao sertão, camponês (4b), que remete ao campo, matuto (4c), que faz menção a alguém que vive no “mato”, roceiro (4d), como referente à roça, cearense (4e), em referência a Ceará, nordestino (4f), como pertencente ao Nordeste e filho (4g), quando este termo é utilizado em referência a ser filho de algum lugar, indicando procedência/origem.

Em seu turno, a identidade étnica (5) diz respeito à menção a etnia e/ou raça que permita identificar o autor com determinado grupo étnico. Nesta categoria, identificamos apenas uma subcategoria: caboclo (5a), que está relacionada à mistura étnica resultante da relação entre indígenas e brancos. Já a identidade familiar (6) relaciona-se ao papel assumido pelo autor dentro da estrutura familiar. Nesta categoria, dividimos duas subcategorias: pai (6a), quando o autor remete a sua identidade como pai de alguém e filho (6b), no sentido de ser filho de alguém. É importante diferenciar esta segunda subcategoria (6b) de outra apresentada anteriormente (4g), enquanto a primeira refere-se à relação entre pessoas dentro da estrutura familiar, a segunda refere-se à relação entre uma pessoa e seu lugar de origem. Por essa razão, entendemos que, embora a forma seja a mesma, o sentido veiculado por elas é diferente e, por isso, justifica a atribuição às diferentes subcategorias, uma vez que adotamos o critério semântico como orientador.

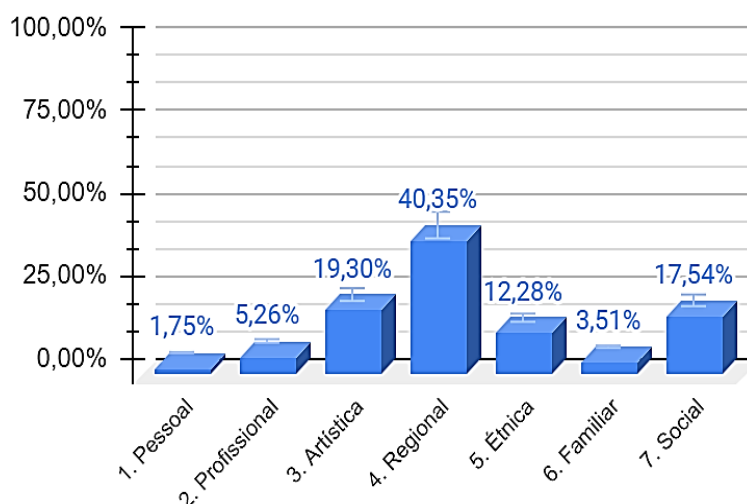
Por fim, entendemos como identidade social (7) a menção à aspectos sociais que contribuem para a identificação do autor, tais como a classe social e o nível de escolaridade. Por esse viés, reconhecemos a subcategoria pobre (7a) como aspecto relacionado à classe social e analfabeto (7b) como aspecto associado ao nível de escolaridade do autor.

Ao analisar a organização apresentada, verificamos que a identidade regional (4) é a que apresenta o maior número de referências na amostra (sete), sendo, assim, remetida por meio de diversas variantes que caracterizam as subcategorias evidenciadas. Já as demais identidades, profissional (2), artística (3), familiar (6) e social (7), são remetidas por meio de duas variantes cada. Finalmente, os casos de identidade pessoal (1) e étnica (5) apresentam apenas um referente cada.

Identificadas e codificadas as categorias analíticas, passamos a verificar a frequência com as quais essas são acionadas pelo referido autor em sua produção poética, por

meio das unidades de registo coletadas. Para tanto, remetemos ao gráfico 15:

Gráfico 15 - Frequência de ocorrências das categorias de identidade



Fonte: Elaborado pelo autor

A partir das 57 unidades de registo encontradas e categorizadas, o gráfico 15 demonstra que 40,35% destas unidades associam-se à categoria 4 - identidade regional. Em seguida, 19,30% referem-se à categoria 3 - identidade artística, enquanto 17,54% estão relacionados à categoria 7 - identidade social. Por sua vez, a categoria 5 - identidade étnica representa 12,28% dos dados. Em menor quantidade e em ordem decrescente apresentam-se as categorias: 2 - identidade profissional (5,26%), 6 - identidade familiar (3,51%) e 1 - identidade pessoal (1,75%).

Diante do exposto, verificamos que a identidade regional é a mais acionada por Patativa do Assaré, demonstrando, assim, o caráter de pertinência a determinada região, notadamente o sertão. Em seguida, a identidade artística é a que mais se sobressai, o que se justifica, uma vez que é por meio de sua arte que o autor pode representar seu povo e cantar suas necessidades. No lado oposto, verificamos que a identidade pessoal é a menos remetida, o que nos permite compreender que a face coletiva da identidade do autor é muito mais frequente em detrimento dos aspectos individuais de sua identidade.

Não obstante, verificamos a multiplicidade de termos utilizados pelo autor em referência a sua identidade, demonstrada pelas subcategorias suprarreferidas. Em razão disso, chamamos atenção para a figura 1 abaixo apresentada:

Figura 1 - Representação visual das ocorrências das subcategorias



Fonte: Elaborada pelo autor

Da representação visual observamos uma ocorrência maior dos termos: pobre, poeta e sertanejo. Enquanto as duas primeiras correspondem a nove unidades de registo cada, a terceira corresponde a oito unidades de registo. Nesse sentido, percebemos a articulação das diferentes identidades que apontam para uma caracterização como poeta pobre, poeta sertanejo ou, ainda, poeta dos pobres, poeta dos sertanejos. Esta perspectiva articula-se, inclusive, a própria autodenominação do autor, que, em muitas vezes, identifica-se dessa forma, dada a sua procedência regional, sua performance artística e os seus temas de inspiração.

Ademais, a análise de conteúdo que realizamos atesta a representação de uma identidade linguística e social. Trata-se de uma identidade linguística, pois faz uso da variedade linguística característica de uma região. Ao mesmo tempo, é também uma identidade social, pois remete ao grupo social dos pobres. A esse respeito, constatamos que, conforme indicado por Aragão (1999), as variações linguísticas observadas na produção de Patativa do Assaré são sócio-dialetais, pois indicam as formas de uso da língua não somente de um grupo social, mas também de uma região específica: o sertão.

No que concerne à identidade, concluímos esta seção destacando que são diversas as identidades que emergem na produção poética de Patativa do Assaré. Contudo, a frequência de menções as subcategorias poeta, pobre e sertanejo não nos parece uma aleatoriedade, mas uma demonstração clara da forte vinculação do referido autor a essas identidades, revelando assim, a sua associação a identidades coletivas, o que se confirma nas palavras do próprio autor

quando destaca seus objetos de inspiração e usa sua produção como forma de dar voz ao povo pobre, ao povo sertanejo, evidenciando, pois, suas necessidades e reivindicando melhores condições de vida para os referidos grupos.

6 CONCLUSÃO

A diversidade cultural do Brasil deixa suas marcas nas mais diversas formas de expressão de seu povo e, com a língua, não é diferente. Nesse sentido, constatamos que o português falado no Brasil apresenta variações que são inerentes ao sistema linguístico e previsíveis, dadas as condições de uso da língua, bem como a diversidade supracitada. Partindo dessa percepção, interessou-nos estudar essa riqueza cultural materializada na língua em uso.

Por esse viés, verificamos que a literatura popular seria uma ferramenta de acesso à cultura e a língua utilizada por determinado grupo social e/ou em determinada região. Foi com esta observação, articulada à relevância de Patativa do Assaré para a literatura cearense, que tomamos a produção do autor como escopo de análise, sobretudo, os textos em que há a ocorrência de variações linguísticas. Não obstante, instigou-nos, ainda, a reflexão acerca das identidades que são evocadas pelo autor quando produz textos nessa variedade. Nosso desenho investigativo foi aguçado quando nos demos conta da competência sociolinguística do referido autor, comprovada por sua produção, ora em linguagem normativa, ora em linguagem sertaneja, o que reforçou a relevância de caracterizar este uso específico e suas condições de produção e circulação.

Frente aos nossos interesses, elegemos a linguagem sertaneja de Patativa do Assaré como objeto de estudo. A esse respeito, observamos que diversos estudos foram realizados acerca de sua linguagem, entretanto, esses estudos, quando alinhados à Sociolinguística Variacionista, apresentavam apenas uma visão panorâmica das variações presentes em sua linguagem e com caráter classificatório, mormente, considerando o aspecto regionalista. Perspectiva semelhante à essa é a que encontramos em livros didáticos, que apresentam a produção de Patativa do Assaré como exemplo prototípico de variação linguística diatópica.

Por outro lado, verificamos a ausência de um estudo que se ocupasse da descrição dessas variações, bem como da identificação dos usos linguísticos que apresentavam variações de forma mais recorrente. Do mesmo modo, constatamos uma carência de estudos, pelo viés sociolinguístico, que buscassem verificar as identidades que são evocadas pelo autor nos referidos textos. Nesse cenário, construímos as questões e hipóteses que nortearam nosso trabalho e que passamos a relembrar agora em paralelo aos resultados encontrados. Em face da relação entre hipóteses secundárias e hipótese geral, iniciamos esta retomada pelas hipóteses secundárias, uma vez que elas compõem a hipótese geral.

Em alinhamento ao nosso primeiro objetivo específico, nossa primeira hipótese secundária previa a recorrência de casos de perda de segmentos fonéticos e, dentre estes, a

apócope como processo fonético-fonológico mais recorrente. Diante do inventário fonético-fonológico construído e da análise estatística realizada constatamos que, de fato, os processos de subtração de segmentos fonéticos são mais recorrentes, tendo em vista a sua manifestação em 58,6% dos dados, o que corresponde a uma aplicação de 1116 dados sob um total de 1904. Mantendo os mesmos procedimentos analíticos, concluímos que, entre os processos de subtração de segmentos fonéticos, a apócope é o processo fonético-fonológico mais recorrente, vista sua manifestação em 57,80% dos dados, isto é, uma aplicação de 645 ocorrências em um total de 1116 dados. O tratamento estatístico realizado confirma a nossa primeira hipótese secundária.

A confirmação de nossa hipótese nos levou a desdobrar a análise assumindo variáveis linguísticas relacionadas à apócope no falar sertanejo de Patativa do Assaré. Nessa perspectiva, identificamos que a apócope pode incidir sob diferentes segmentos fonéticos, a saber [r], [l] e [s]. Ao analisar esta variável, constatamos que o segmento fonético mais sujeito ao apagamento em final de palavra é o [r], uma vez que tal realização foi observada em 84,96% dos dados. Outra variável que se mostrou relevante foi a classe gramatical, tendo em vista que identificamos apócope em substantivos, adjetivos, pronomes, verbos e advérbios. Dentre esses, a ocorrência de apócope é mais frequente nos verbos, correspondendo à 59,07% dos dados.

Nossa segunda hipótese secundária previa a recorrência de variações em casos de concordância nominal, em detrimento dos casos de concordância verbal. Os resultados demonstram casos de variação tanto em uma, quanto na outra. Contudo, o tratamento estatístico empregado comprovou que os casos de concordância nominal apresentam mais variações, correspondendo a 78,1% dos dados, o que indica uma aplicação de 281 ocorrências em um total de 360 dados, confirmando, assim, nossa resposta provisória à referida questão.

Como aprofundamento desta variável, a análise qualitativa das ocorrências nos permitiu chegar a conclusões semelhantes às apresentadas por Scherre e Naro (1998). Os dados demonstram que a manutenção da marca de plural em sintagmas nominais é favorecida pela posição do termo em relação ao núcleo, especificamente, termos à esquerda do núcleo do sintagma. Além disso, constatamos também que a manutenção da marca de plural é mais frequente em elementos não-nucleares, sendo realizada no núcleo somente quando este é o primeiro elemento do sintagma.

Por fim, nossa terceira hipótese secundária era a de que os sentidos veiculados pelos textos de Patativa do Assaré permitem flagrar sua associação a identidades relacionadas ao povo do sertão, caracterizados pelas marcas da desigualdade social. Para dar conta de confirmar ou refutar esta resposta provisória, recorreremos a uma análise de conteúdo temática, conforme

propõe Bardin (1977). Nesse cenário, as categorias analíticas foram construídas *a posteriori*, uma vez que foram os próprios dados que apontaram para as referidas categorias.

Após a leitura e a análise das unidades de contexto, constatamos que a representação de identidade, conforme mencionado por Kiesling (2013), dá-se pela identificação a determinados grupos em uma relação de semelhança e a diferenciação em relação a outros grupos. Ao realizar estes movimentos, verificamos que Patativa do Assaré mobiliza diversos recursos linguísticos, tais como o uso de pronomes possessivos, a flexão dos verbos em primeira pessoa do singular ou plural e a utilização de termos específicos que favorecem à sua caracterização/identificação. Nosso desenho metodológico concentrou-se nesse terceiro recurso, a partir do qual construímos as categorias de análise.

Nesse cenário, verificamos que a identidade de Patativa do Assaré, em textos que utilizam o falar sertanejo como forma de expressão, é construída por meio da referência aos diversos papéis sociais assumidos pelo autor. Por essa razão, verificamos a menção a variadas identidades, dentre as quais, a identidade regional é a mais mencionada pelo autor, correspondendo a 40,35% das unidades de registo. Ademais, verificamos que a menção a essa identidade se dá pelo uso de diversas variantes, a saber: sertanejo, camponês, matuto, roceiro, cearense, nordestino, filho (de algum lugar).

Por outro lado, quando consideramos a análise estatística das subcategorias estabelecidas, verificamos uma (co)ocorrência de três subcategorias: pobre, poeta, sertanejo, nesta ordem. É esta análise que corrobora com a confirmação de nossa terceira hipótese secundária. Ao articular esses diferentes papéis, compreendemos que o autor evoca com maior frequência as identidades social (pobre) e regional (sertanejo) por meio de sua identidade artística (poeta). Esta conclusão nos permite compreender, pois, que o autor faz uso de sua identidade artística como recurso para dar voz a um povo invisibilizado e que vive às margens da sociedade, por essa razão, utiliza a própria linguagem desse povo, como forma de expressão e também como mecanismo de identificação e, por conseguinte, compreensão de suas ideias por seus pares.

Os apontamentos realizados até então nos encaminham para nossa hipótese básica: o falar sertanejo utilizado por Patativa do Assaré contribui para a representação de uma identidade ao fazer uso de formas linguísticas que, tanto no plano da expressão - por meio dos recursos linguísticos utilizados -, quanto no plano do conteúdo - por meio dos sentidos veiculados nos textos - evidenciam marcas sociais, colaborando para a construção de sua identidade, que é, ao mesmo tempo, linguística e social, individual e coletiva.

A esse respeito, compreendemos que nossa hipótese básica foi confirmada, uma vez

que a descrição das variações linguísticas verificadas nos níveis fonético-fonológico e morfossintático nos permite associar Patativa do Assaré a determinado grupo e, portanto, aponta para a identificação do autor com este grupo. Ademais, as ideias veiculadas nos textos do poeta demonstram o compartilhamento de marcas sociais, bem como a sua vinculação a essa identidade compartilhada, tanto pelo uso da mesma variedade linguística, quanto pela inserção neste contexto social adverso. Por essa razão, trata-se de uma identidade linguística, pelas formas linguísticas que a caracterizam, social, pelas marcas sociais que permeiam essa utilização, individual, por caracterizarem o próprio autor e, ainda, coletiva, por identificarem este autor com o grupo social dos sertanejos e dos pobres, remetendo assim, à sua identidade regional e social.

A interseção dessas identidades comprova a complexidade de se trabalhar com a identificação de apenas uma ou outra identidade, pois assim como proposto por Oushiro (2019), a identidade é um processo de construção, portanto, não é estática e/ou fixa, mas aponta para aspectos individuais e coletivos. Nesse sentido, seguindo o que defende Kiesling (2013), é na relação com o outro que construímos nossa identidade, seja esta uma relação de semelhança ou de divergência.

Em síntese, concluímos que a recorrência das menções às referidas identidades demonstra a necessidade do autor de marcar a sua própria identidade, bem como de utilizar a sua arte a favor desses grupos sociais, cantando sua realidade e denunciando suas mazelas. Além disso, compreendemos que as variações linguísticas verificadas nos níveis de análise que elegemos não podem ser classificadas de forma categórica como diatópicas e/ou regionais, conforme visto em alguns trabalhos e em livros didáticos, pois apresentam também um considerável componente social em sua realização. Portanto, concebemos a manifestação dessas variações no falar sertanejo de Patativa do Assaré como sócio-dialetais, em aproveitamento do termo utilizado por Aragão (1999), dada a relação tênue entre aspectos regionais e sociais.

À guisa de conclusão, salientamos que nosso estudo contribui para ampliar a descrição do falar sertanejo de Patativa do Assaré, assim como para acrescentar informações à intrincada discussão acerca da definição de sua identidade, portanto, acreditamos que os objetivos que nortearam a realização de nossa pesquisa foram devidamente cumpridos. Todavia, nossos resultados apontam também para a realização de outras investigações.

A esse respeito, vislumbramos como possibilidades a realização de estudos que visem descrever outros processos fonético-fonológicos, tais como a monotongação, que também se mostrou recorrente no falar sertanejo de Patativa do Assaré, promovendo uma

descrição mais detalhada deste processo fonético-fonológico ou, ainda, do rotacismo, que é um processo fonético-fonológico frequente no falar sertanejo e alvo de preconceito linguístico, dado o estereótipo que caracteriza esse uso. É possível também a realização de pesquisas que abordem outras variáveis de natureza morfossintática, como a colocação pronominal. No que concerne à identidade - esse é o ponto que oferece possibilidades mais diversas-, acreditamos que o desenvolvimento da perspectiva analítica atrelada à terceira onda da sociolinguística e relacionada à prática estilística do falante pode trazer contribuições que favoreçam o estudo da identidade e permitam aprofundar esta discussão que foi apenas iniciada com este trabalho.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Rafael; CONTE, Daniel; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. La inclusión de la literatura popular en la Historiografía de la Literatura Brasileira: reflexiones desde la obra de Patativa do Assaré, **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, (abril-junio 2017). Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/02/obra-patativa-assare.htm>. Acesso em: 21. jul. 2021.
- ALENCAR, Maria Silvana Militão de. **A linguagem regional popular na obra de Patativa do Assaré: aspectos fonético-lexicais**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino da Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística - Parte I. *In*: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. (Org.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.
- ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. **Aspectos e impasses da poesia de Patativa do Assaré**. 2008. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-05122008-102724/publico/TESE_CLAUDIO_HENRIQUE_SALES_ANDRADE.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A variação fonético-lexical em atlas linguísticos do Nordeste. **Revista do GELNE**, v. 2, p. 14-20, Fortaleza, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9252>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Relações língua, sociedade e cultura na linguagem popular do Ceará. **Revista de Letras**, n. 32, vol. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1453>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; ALENCAR, Maria Silvana Militão de. Fonética e Fonologia. *In*: LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza. (Org.) **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer**. Volume 3. 1ª ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 13-55 Disponível em: https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/c6b165_e41ddba6fa574885b237034e96103695.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de; GUIMARÃES, Tatiane Araújo Almeida Studart; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. As formas de tratamento nominais rapaz e cara no falar de Fortaleza – CE: um estudo variacionista. **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 49-65, 2017. DOI: 10.22481/el.v15i2.3542. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/3542>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Raket Beserra de Macêdo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. Sociolinguística: históricos, ramificações e pressupostos básicos. *In*: LIMA, Álisson

Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza. (Org.) **Linguística geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. Volume 1. 1ª ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 206-258. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/c6b165_531ba0de26ad49aa887c4d1208352a63.pdf. Acesso em: 12 ago. 2021.

ARAÚJO, Francisco Jardes Nobre de; A morfologia e a classificação dos vocábulos. *In*: LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza. (Org.) **Linguística geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. Volume 3. 1ª ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 125-155 Disponível em: https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/c6b165_e41ddba6fa574885b237034e96103695.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003.

ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2012.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: Filosofia de um trovador nordestino. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

AZALIM, Cristina *et al.* Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. **D.E.L.T.A.** [S. l.], v. 34, n. 2, 2018, p. 513-545. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/sCbz5bW9GprfFK5J9DXYp8t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BERLINCK, Rosane de Andrade; AUGUSTO, Marina R. A; SCHER, Ana Paula. Sintaxe. *In*: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. (Org.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. V. 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012. p. 221-259.

BRANDÃO, Edmilson Nunes; MARTINS, Ozanir Roberti; FRAGA, Maria Cristina Prates. Patativa do Assaré: um poeta de muitas vozes. *In*: **Anais do XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia**: Textos completos, t. II, p. 2241-2255, Rio de Janeiro, 2017; Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlf/tomo2/0166.pdf. Último acesso em: 21 jul. 2021.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. CALLOU, Dinah. Pressupostos básicos para uma

caracterização fonológica do português brasileiro. *In*: TELLES, Célia Marques *et al.* **História do português brasileiro: mudança fônica do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 34-59.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 29 ago. 2021.

BRASIL. **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/NGB.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BRITO, Antonio Iraildo Alves de. **Poética sertaneja: aspectos do sagrado em Patativa do Assaré**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/399>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BRITO, Antonio Iraildo Alves de. **Uma voz que amplifica a aldeia: as imagens do sertão na obra de Patativa do Assaré do corpo às novas mídias**. 2018. Tese (Doutorado em comunicação e semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21325>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré: uma biografia**. 3. ed. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2017.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza; RODRIGUES, Violeta Virgínia; COAN, Márluce. Sintaxe: articulação de orações. *In*: LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza. (Org.) **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer**. Volume 3. 1ª ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 56-100. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/c6b165_e41ddba6fa574885b237034e96103695.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/26004?mode=full>. Acesso em: 20 maio 2022.

COBRA, Cristiane Moreira. **Patativa do Assaré, uma hermenêutica criativa: reinvenção da religiosidade na nação semi-árida**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1976>. Acesso em: 20 jul. 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria Nunes de;

MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

COSERIU, Eugenio. **Sincronía, diacronía e historia: el problema del cambio linguistico**, Madrid: Gredos, 1958.

CRISTÓFARO SILVA, Thais. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

ECKERT, Penelope. Variation, convention and social meaning, Paper Presented at the **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland CA, Jan. 2005. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/Courses/ParisPapers/EckertInPress.pdf>. Acesso em: 14 maio 2022.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf>. Acesso em: 14 maio 2022.

ESTEVES, Manuela. Análise de Conteúdo. In: LIMA, Jorge Ávila de; PACHECO, José Augusto. (Org). **Fazer investigação** - contributos para a elaboração de dissertações e teses. 11. ed. Porto:Porto Editora, 2006. p. 105-125.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4907>. Acesso em: 23 mar. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Assistência médica sanitária**. [S. l.], 2009. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/assare/panorama>. Acesso em: 10 out. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. [S. l.], 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/assare/panorama>. Acesso em: 10 out. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de

População e Indicadores Sociais. **Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2021.** [S. l.], 2021 Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/assare/panorama>. Acesso em: 10 out. 2022.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.** Brasília: Inep, 2019. Disponível em:

<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=714999> . Acesso em: 10 out. 2022.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2021.** Brasília: Inep, 2022. Disponível em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 30 maio 2022.

KIESLING, Scott F. Constructing Identity. *In*: CHAMBERS, J. K; SCHILLING, Natalie.

The Handbook of Language Variation and Change. 2. ed. Willey Blackwell, 2013. p. 448-467

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change: social factors.** Massachussets: Blacwell Publishers, 2001.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEONARDELI, Poliana Bernabé. **Patativa do Assaré e a identidade sertaneja: oralidade, memória e religiosidade.** 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/6441>. Acesso em: 20 jul. 2021.

LOPES, Edward. **A identidade e a diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partida: a polarização sociolinguística do Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021a.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021b.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATOS LISBOA, Carla Mirelle de Oliveira. **Doutor e outras formas de tratamento direcionadas aos profissionais jurídicos: análise de uma comunidade de prática à luz da terceira onda da Sociolinguística.** 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) -

Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3105>. Acesso em: 23 mar. 2022.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Três sócio-histórias: três línguas. *In: REI-DOVAL, Gabriel. A Linguística galega desde alén mar*. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2009, p. 97-105.

MELLO, Patrícia Gomes de. **Cante lá que eu canto cá: uma abordagem dialógica do estilo da poesia popular de Patativa do Assaré**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7711?locale=pt_BR. Acesso em: 20 jul. 2021.

MENDES, Ronald Beline; OUSHIRO, Livia. Variable number agreement in brazilian portuguese: an overview. **Language and Linguistics Compass**, v. 9, n. 9, p. 358-368, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/lnc3.12156>. Acesso em: 10 out. 2022.

MENÉNDEZ, Francisco Gimeno. Hacia una sociolingüística histórica. **E.L.U.A. Estudios de Linguística**, 1, 1983, p. 181-226. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6678/1/ELUA_01_06.pdf. Acesso em: 09 out. 2022.

MILROY, Lesley. **Language and Social Networks**, Oxford: Blackwell, 1980.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 09-29.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. *In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.) Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 09-14.

MOORE, Emma. **Interaction between social category and social practice: explaining was/were variation**. *Language Variation and Change*, Cambridge, v.22, p.347- 371, 2010.

MOURA, Hernany Donato de. As Perspectivas de Oralidade em Patativa do Assaré. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 5, n. 8, p. 57-63, 30 abr. 2011. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3082>. Acesso em: 21 jul. 2021.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NASCIMENTO, Maria Eliza Freitas do; **Sentido, memória e identidade no discurso poético de Patativa do Assaré**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7512>. Acesso em: 20 jul. 2021.

NASCIMENTO, Paula Santos. **Descortinamento de um novo "ethos" na poética de Patativa do Assaré: uma abordagem ecocrítica**. 2012. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2512>.

Acesso em: 21 jul. 2021.

NOGUEIRA, R.C. **A poética social de Patativa do Assaré**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-07082017-150318/publico/2017_RenataDeCarvalhoNogueira_VCorr.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura. O perfil dos falantes pelo viés de suas redes de interação e a relação com a mudança linguística. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 62, n. 3, 2018. DOI: 10.1590/1981-5794-1811-3. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/10385>. Acesso em: 22 mar. 2022.

OMENA, Nelize Pires; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variáveis morfossintáticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 81-88.

OUSHIRO, Livia. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na Sociolinguística. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 63, p. 304–325, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/33777>. Acesso em: 10 out. 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de Pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 33-42.

PERES, Edenize Ponzio. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. **Revista (Con)textos linguísticos**. V. 1. n. 1. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5100>. Acesso em: 29 ago. 2021.

PINHEIRO, Maria do Socorro. **A criação poética de Patativa do Assaré**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2006. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3463/1/2006_DIS_MSPINHEIRO.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

PONTE, Wilian Dal; FREITAS, Ernani César de. Uso, mudança e variação linguística: a poesia enquanto retrato do Nordeste e do Sul brasileiro. **Revista Trama**, v. 9, n. 18, 2º semestre de 2013, p. 209-228. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/8254/6081>. Acesso em: 21 jul. 2021.

PRESTON, Dennis R. Language with an Attitude. *In*: CHAMBERS, J. K; SCHILLING, Natalie. **The Handbook of Language Variation and Change**. 2. ed. Willey Blackwell, 2013. p. 157-182.

REBOUÇAS, Myrlla Muniz. **Patativa do Assaré: poesia, canção e consciência**. 2017. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31530/1/2017_MyrllaMunizRebou%c3%a7as.pdf.

Acesso em: 20 jul. 2021.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROMERO, Jorge Henrique da Silva. **As formas da inspiração: linguagem e criação poética em "Inspiração nordestina" de Patativa do Assaré**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270175>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SANDALO, Maria Filomena Spatti. Morfologia. *In*: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. (Org.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012. p. 193-220.

SAPIR, Edward. **A linguagem: introdução ao estudo da fala**. Tradução de Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. *In*: GIOVANNI, Ruffino. (org.) Dialectologia, geolinguística, sociolinguística. (**Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509- 523, 1998. Disponível em: <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre-naro98.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2021.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer Fonética e Fonologia do português brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Helen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 58, n. 3, 2014. DOI: 10.1590/1981-5794-1409-8. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/6242>. Acesso em: 29 ago. 2021.

SILVA, Daniele de Lima da; SANTOS, Gioamérico Felício Carneiro dos. O canto contra a opressão: Patativa do Assaré e a poesia do sertão brasileiro. **Travessia**, v. 15, n. 1, p. 34-50, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/26034>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SOUSA, Paulo Santiago de; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Uma análise das variedades linguísticas nos textos de Patativa do Assaré. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**, v. 4, n. 13, p. 130-146, set./dez. 2019, ISSN: 25253441. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/12583>. Acesso em: 21 jul. 2021.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA, Liliana Alicia Lavissee. **O sertanejo em Patativa do Assaré e el gaucho na obra**

Martín Fierro de José Hernández: duas faces esculpidas na representação identitária. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27989>. Acesso em: 20 jul. 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In:* MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.) **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 51-57.

APÊNDICE A - FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DAS OBRAS



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

O falar sertanejo na voz de Patativa do Assaré: a representação de uma identidade linguística e social

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA OBRA

01

1. INFORMAÇÕES PRINCIPAIS

- I. Título: Inspiração Nordestina
- II. Ano de Publicação: 2003
- III. Editora: Hedra
- IV. Edição: 3ª edição
- V. Local de Publicação: São Paulo
- VI. ISBN: 85-87328-74-3
- VII. Quantidade de Páginas: 351 páginas.
- VIII. Quantidade de Poemas: 82 poemas.
- IX. Índices para catálogo sistemático:
 1. Brasil: Literatura de cordel:Biografia e obra:Literatura Folclórica 398.20981
 2. Brasil:Literatura de cordel:História e crítica:Folclore 398.20981
- X. Código de Identificação:

01INPA

2. POEMAS SELECIONADOS

O poeta da roça / Assaré / No meu sertão / Cante lá que eu canto cá / Cabôca de minha terra



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

**O falar sertanejo na voz de Patativa do Assaré: a representação de uma identidade
linguística e social**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA OBRA

02

1. INFORMAÇÕES PRINCIPAIS

- I. Título: Cante lá que eu canto cá - Filosofia de um trovador nordestino.
- II. Ano de Publicação: 2014
- III. Editora: Vozes
- IV. Edição: 18. ed.
- V. Local de Publicação: Petropolis.
- VI. ISBN: 978-95-326-0740-9
- VII. Quantidade de Páginas: 382 páginas
- VIII. Quantidade de Poemas: 107 poemas
- IX. Índices para catálogo sistemático:
 1. Brasil:Cordelistas:Biografia e obra:Literatura Folclórica 398.20981
 2. Brasil:Literatura de cordel:História e Crítica: Folclore 398.20981
- X. Código de Identificação:

02CLCCPA

2. POEMAS SELECIONADOS

Aos poetas clássicos / Eu e o sertão / “Vida sertaneja” / Apelo de um agricultor /
Boa noite, Fortaleza



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

O falar sertanejo na voz de Patativa do Assaré: a representação de uma identidade linguística e social

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA OBRA

03

1. INFORMAÇÕES PRINCIPAIS

- I. Título: Ispinho e Fulô
- II. Ano de Publicação: 2012
- III. Editora: Hedra
- IV. Edição: Não informado
- V. Local de Publicação: São Paulo
- VI. ISBN: 978-85-65206-01-3
- VII. Quantidade de Páginas: 309 páginas.
- VIII. Quantidade de Poemas: 79 poemas.
- IX. Índices para catálogo sistemático: Brasil:Literatura de cordel: Folclore 398.20981
- X. Código de Identificação:

03IFPA

2. POEMAS SELECIONADOS

Dois anjo / Um candidato político na casa de um caçador / A realidade da vida /
Inleição direta / Ao poeta B.C. Neto

**APÊNDICE B - CLASSIFICAÇÃO DOS POEMAS, CONFORME A LINGUAGEM
UTILIZADA¹⁵**

Inspiração Nordestina (1956 [2003])			
OR	Linguagem Sertaneja	Linguagem Normativa	Ambas
01	Ao leitô (pág: 13)	Invocação a Leonardo Mota (Pág: 16-17)	O padre e o matuto (Pág: 224-233)
02	O poeta da roça (Pág: 14-15)	O doutor raiz (Pág: 147-157)	
03	O puxadô de roda (Pág: 18-27)	As façanhas de João Mole (Pág: 175-188)	
04	Chiquita e mãe véia (Pág: 28-32)	Meu palitô (Pág: 189-190)	
05	A escrava do dinheiro (Pág: 33-42)	O rapaz do pé frio (Pág: 191-192)	
06	Assaré (Pág: 43-50)	O pau d'arco (Pág: 193)	
07	A triste partida (Pág: 51-54)	O casebre (Pág: 194)	
08	Meu premêro amô (Pág: 55-68)	Desapego (Pág: 195)	
09	Maria Gulora (Pág: 69-70)	Minha serra (Pág: 196)	
10	Inlustríssimo sinhô doutô (Pág: 71-76)	A menina mendiga (Pág: 197)	
11	A festa da Maricota (Pág: 77-94)	O que mais dói (Pág: 198)	
12	Filosofia de um trovador sertanejo (Pág: 95-105)	Engano (Pág: 199)	
13	O caçador (Pág: 106-111)	A morte (Pág 200)	
14	Seu dotô me conhece? (Pág: 112-114)	O burro (Pág: 201)	
15	A menina e a cajazeira (Pág:115-122)	O peixe (Pág: 202)	

¹⁵ Nesta classificação, excluímos, a partir da obra “Cante lá que eu canto cá”, os poemas que se repetem, conforme pontuamos no capítulo quatro deste estudo.

Inspiração Nordestina (1956 [2003])			
OR	Linguagem Sertaneja	Linguagem Normativa	Ambas
16	No meu sertão (Pág: 123-127)	A estrada da minha vida (Pág: 203-206)	
17	A fogueira de São João (Pág: 128-131)	O rouxinol e o ancião (Pág: 207-209)	
18	Vou vortá (Pág: 132-135)	O paraíso das aves (Pág: 210- 212)	
19	O vaquêro (Pág: 136-139)	Ser feliz (Pág: 213-215)	
20	O agregado (Pág: 140-141)	Crime imperdoável (Pág: 216-217)	
21	Carta à doutora Henriqueta Galeno (Pág: 142-143)	Quadras (Pág: 218-221)	
22	Aos reis do baião (Pág: 144-146)	Acrósticos (Pág: 222)	
23	A vida aqui é assim (Pág: 158-159)	Gratidão (Pág: 223)	
24	Se inferno existe (Pág: 160)	Adeus à viola (Pág: 232-233)	
25	Uma triste verdade (Pág: 161-163)	A política (Pág: 234-235)	
26	As proezas do Padre Nonato (Pág: 164-167)	O título sem retrato é uma tapiação - Glosas - (Pág: 239- 240)	
27	Bertolino e Zé Tingó (Pág: 168-174)	Quem quiser ser meu amigo não fale mal de Assaré - Glosas - (Pág: 241-242)	
28	Cante lá que eu canto cá (Pág: 275-280)	Uma mulher ciumenta - Glosas - (Pág: 243-244)	
29	ABC do Nordeste flagelado (Pág: 281-292)	Com o grito do dinheiro a justiça não se apruma - Glosas (Pág: 245)	
30	Meu caro jumento (Pág: 293-297)	No terror da tempestade geme o mar e treme a terra - Glosas (Pág: 246-247)	

Inspiração Nordestina (1956 [2003])			
OR	Linguagem Sertaneja	Linguagem Normativa	Ambas
31	Carta ao padre Antônio Vieira (Pág: 301-303)	O café da dona Santa é o melhor do mercado - Glosas - (Pág: 248)	
32	Uma do diabo (Pág: 304-316)	A mulher do cachaceiro só sonha com palhaçada - Glosas - (Pág: 249-250)	
33	Coisas do Rio de Janeiro (Pág: 321-323)	Coronel, tenha cuidado, que o comunismo aí vem - Glosas - (Pág: 252-253)	
34	A terra é naturá (Pág: 327-331)	Só desgraça traz a guerra. defendemos, pois, a paz - Glosas - (Pág: 254-255)	
35	Minha sodade (Pág: 332-335)	Quem persevera no bem, trilha o caminho da glória - Glosas - (Pág: 256)	
36	Conversa de matuto (Pág: 336-343)	Refúgio dos pecadores, consolação dos aflitos - Glosas - (Pág:257)	
37	Cabôca da minha terra (Pág: 344-348)	Ao poeta do sertão (Pág: 258-261)	
38	Ingém de ferro (Pág: 349-351)	Saudação ao Juazeiro do Norte (Pág: 298-300)	
39		A tristeza mais triste (Pág: 314-316)	
40		Lamentos de um nordestino (Pág: 317-318)	
41		Quadras (Pág: 319)	
42		O grande prêmio (Pág:320)	
43		Desilusão (Pág: 324-326)	

Cante lá que eu canto cá (1978 [2014])		
OR	Linguagem Sertaneja	Linguagem Normativa
01	Aos poetas clássicos (Pág: 15-18)	O inferno, o purgatório e o paraíso (Pág: 44-47)
02	Eu e o sertão (Pág: 19-23)	Dois quadros (Pág: 56-57)
03	Maria Têê (Pág: 28-37)	Caboclo roceiro (Pág: 105-106)
04	“A morte de Nanã” (Pág: 38-43)	Eu quero (Pág: 124-125)
05	É coisa do meu sertão (Pág: 73-75)	Ao poeta João Batista de Siqueira (Cancão) (Pág: 125-128)
06	O paraíso do Crato (Pág: 75-78)	Ao supervisor Jorge Édem (Pág:128-129)
07	“Vida sertaneja” (Pág: 78-82)	Você se lembra (Pág: 174-175)
08	A festa da natureza (Pág: 82-85)	Mal de amor (Pág: 193)
09	A vida aqui é assim (Pág: 85-86)	Amanhã (Pág: 193-194)
10	Tudinha (Pág: 87-94)	Professor J. de Figueiredo Filho (Pág:194)
11	Mãe preta (Pág: 100-105)	O castigo do vaidoso (Pág: 218-219)
12	Maria de todo jeito (Pág: 110-117)	A sorte do Joli (Pág:219)
13	No terreiro da choupana (Pág: 132-141)	Dia das Mães (Pág: 219-220)
14	O Vim-vim (Pág: 148-164)	13 de agosto (Pág: 220)
15	O sonho de Mané Filiciano (Pág: 168-174)	Carta ao Patativa Hélder França (Pág:232-234)
16	Meu protesto (Pág: 175-178)	Resposta ao meu amigo e colega José Hélder França (Dedé) (Pág: 234-236)
17	Apelo de um agricultor (Pág: 178-182)	Vaca lavadeira (Pág:237-242)
18	A muié qui mais amei (Pág: 189-193)	“Ave noturna” (Pág: 249)
19	Ingratidão (Pág: 204-209)	“Cousa estranha” (Pág: 250)
20	O pica-pau (Pág: 220-225)	“O retrato do sertão” (Pág: 250-255)
21	O sabiá e o gavião (Pág: 242-249)	Luís de Camões (Pág: 268-269)
22	Serra de Santana (Pág: 257-260)	Rogaciano Leite (Pág: 269-272)
23	Ao dotô do avião (Pág: 272-275)	Pesão (Pág: 279-280)

Cante lá que eu canto cá (1978 [2014])		
OR	Linguagem Sertaneja	Linguagem Normativa
24	Boa noite, Fortaleza (Pág: 275-278)	Meu castigo (Pág: 283-285)
25	Sodade é assim (Pág: 285-287)	“Minha viola” (Pág: 307-310)
26	O controlista (Pág: 288-291)	Flores murchas (Pág: 343-344)
27	Brasi de cima e Brasi de baxo (Pág: 291-295)	O que é folclore? (Pág: 344-346)
28	Ao locutor da Rádio Araripe, Elói Teles (Pág: 295-297)	Emigrante nordestino no Sul do país (Pág: 348-359)
29	Proque deixei Zabé (Pág: 297-301)	Ser feliz (359-361)
30	O rico orguioso (Pág: 303-306)	
31	“Vingança de matuto” (Pág: 306-307)	
32	História de uma cruz (Pág: 314-318)	
33	“Maió decepção” (Pág: 318-328)	
34	O rádio ABC (Pág: 338-343)	
35	Sou cabra da peste (Pág: 346-347)	
36	Vaca Estrela e Boi Fubá (Pág: 347-348)	
37	O maió ladrão (Pág: 375-382)	

Ispinho e fulô (1988 [2012])		
OR	Linguagem Sertaneja	Linguagem Normativa
01	Ispinho e fulô (Pág: 25-28)	Eu e meu campina (Pág: 19-24)
02	O boi zebu e as formiga (Pág: 42-45)	Antonio Conselheiro (Pág: 29-32)
03	Coração doente (Pág: 58-60)	O galo egoísta e o frango infeliz (Pág: 33-37)
04	O desgosto do Medêro (Pág: 61-65)	Nordestino, sim, nordestinado, não (Pág: 38-41)
05	A fonte milagrêra (Pág: 66-68)	Carta do Padre Antonio Vieira ao Patativa do Assaré (Pág: 50-53)
06	Vicência e Sofia ou o castigo de mamãe (Pág: 69-80)	Resposta do Patativa ao Padre Antonio Vieira (Pág: 54-57)
07	O meu livro (Pág: 81-88)	Um sonho desfeito (Pág: 112-114)
08	A derrota de Zé Côco (Pág: 89-100)	Resposta de patrão (Pág: 127-129)
09	Meu avô tinha razão e a justiça tá errada (Pág: 101-107)	Pé quebrado (Pág: 130-131)
10	Dois Anjo (Pág: 108-111)	A terra é nossa (Pág: 132)
11	Pergunta de moradô (Pág: 124-126)	Egoísmo (Pág: 133)
12	Óios redondo (Pág: 141-142)	Saudade (Pág: 134)
13	Linguage dos óio (Pág: 146-149)	A garça e o urubu (Pág: 135-136)
14	Três moça (Pág: 150-151)	Três beijos (Pág: 137-138)
15	Tereza Potó (Pág: 169-170)	Rosa e rosinha (Pág: 139)
16	Um cearense desterrado (Pág: 205-208)	Meu passarinho (Pág: 140)
17	Um candidato político na casa de um caçador (Pág: 212-220)	Curioso e Miudinho (Pág: 145)
18	Juazêro e Petrolina (Pág: 224-227)	Injustiça (Pág: 152-153)
19	Castigo do Mucuíim (Pág: 242-248)	Assaré e Mossoró (Pág: 154-155)
20	A verdade e a mentira (Pág: 255-256)	Ele e ela (Pág: 156-157)
21	A realidade da vida (Pág: 257-265)	Língua ferina (Pág: 158)
22	O alco e a gasolina (Pág: 266-269)	Barriga branca (Pág: 159-160)
23	Aos irmãos Aniceto (Pág: 270-271)	O nadador (Pág: 161-162)

Ispinho e fulô (1988 [2012])		
OR	Linguagem Sertaneja	Linguagem Normativa
24	Mãe de verdade (Pág: 288-292)	Filho de gato é gatinho (Pág: 163-164)
25	Eu e a pitombêra (Pág: 293-297)	Lição do pinto (Pág: 165-166)
26	Inleição direta 1984 (Pág: 298-301)	Seca água (Pág: 167-168)
27	Ao poeta B. C. Neto (Pág: 307-309)	A enfermeira do pobre (Pág:171-172)
28		Quadras (Pág: 173-176)
29		Ao padre Miracapilo (Pág: 177)
30		No cemitério (Pág: 178)
31		Prezado amigo (Pág: 179)
32		Chico Forte (Pág: 180)
33		Gratidão (Pág: 181)
34		O padre Henrique e o dragão da maldade (Pág: 182-195)
35		Desilusão (Pág: 196)
36		Reforma agrária (Pág: 197)
37		Raimundo Jacó (Pág: 221-223)
38		O bicho mais feroz sátira imperdoável (Pág: 232-235)
39		Eu e o padre Nonato (Pág: 236-241)
40		Zé Limeira em carne e osso (Pág: 249-252)
41		O beato Zé Lourenço (Pág: 253-254)
42		Brosogó, Militão e o diabo (Pág: 272-284)
43		Rogando praga (Pág: 285-288)
44		O agregado e o operário (Pág: 302-304)
45		Acuado (Pág: 305-306)